

a árvore dos suicidas

Lucian Chaussard



a árvore dos suicidas (contos)

Sumário

As dunas

Terminal

Carta para mãe

Os últimos dias de Ricardo S.

Da janela

Espiral

Sem fim

Mar de cinzas

De um leito

Sobreviver

Turismo em Kutna Hora

Amor de mãe

O filho

Sozinho na praça

Alemão

Piedade

O mínimo

A árvore dos suicidas

As dunas

Saio da rodoviária e sinto o calor bater no rosto. De longe, avisto um estádio de futebol e umas casinhas feias. Ando um pouco e vejo ele no estacionamento, sentado na moto laranja cheia de durepox, examinando alguma coisa na própria mão. Deixo a mochila escorregar do meu ombro. Nos damos um abraço meio torto e partimos.

A viagem de ônibus me deixou cansado e no meio do percurso cochilo com o trepidar da moto. Às vezes abro os olhos e vejo o mar acompanhando a rodovia. Acordo quando entramos na estrada de areia, porque a moto desliza tanto que quase cai. Não sei é a areia ou se é o pai que gosta de derrapar. Sempre acho que vamos cair, mas no último segundo ele ergue o guidão e retomamos o equilíbrio. Lembro do medo que sentia quando eu era menor.

No fim da estrada a gente já consegue ver as dunas. Ele é o único a morar ali. Quando nos aproximamos, percebo que metade da casa está coberta pela areia e que ele teve que construir um banheiro improvisado do lado descoberto. Vejo que a parte da frente está cheia de pedaços de madeira, alguns deles fincados no chão. Eram pedaços da mesma cor da casa, um vermelho meio morto, salpicado de areia branca. Tentei não parecer preocupado.

A gente sai da moto e a primeira coisa que ele faz é tirar a camiseta e acender um baseado. Ficamos em silêncio enquanto eu aspiro aquela fumaça. Olho para as tatuagens. Acho que ele tem vergonha de mostrar elas na cidade, por isso sempre veste uma camisa de manga comprida. Aqui, onde só tinha a gente, ele não precisava se preocupar com isso, e eu tentava, sem que ele percebesse, identificar aqueles desenhos esquisitos.

As tatuagens estavam borradas. Acho que conseguia ver uma caveira com espada no braço esquerdo e uma cruz de cabeça pra baixo perto da nuca. Eu tentava não olhar muito porque sabia que ele não gostava, mas eu queria entender. Tinha a impressão de que aqueles desenhos podiam me dizer alguma coisa sobre ele.

Durante aqueles dias a gente não fazia muita coisa. Ele costurava uma tarrafa, a gente nadava na praia ou ia catar marisco. Ele não se preocupava com o fato de eu estar aborrecido ou sem nada pra fazer. De noite não era muito diferente. Ele fazia um peixe na grelha e a gente comia e em volta da fogueira. Mais tarde, ele ligava um rádio velho numa bateria de carro e a gente ouvia uma coisa que era mais estática do que música. Nesses momentos, eu passava a maior parte do tempo olhando para o chão, para as sombras que se formavam na areia. Sombra da churrasqueira, das madeiras fincadas no chão, do pai. Tentava adivinhar formas novas no meio daquelas massas escuras e perdia a noção do tempo. Já ele, olhava pro céu e batia a mão na coxa, tentando acompanhar o ritmo da música. Acho que às vezes ele olhava pra mim. Não sei

por que, mas eu fingia que não percebia. Passava um tempo, ele dizia que ia pra cama. Eu, sem pensar muito, fazia o mesmo.

Tinha dias que ele sumia de noite. Nunca soube pra onde ia. Mas sempre voltava pela manhã. Eu ficava brabo, com medo de estar sozinho naquela região isolada e começava a odiar tudo naquele lugar. Sentia que as férias com o pai pareciam mais obrigação do que de lazer. Eu queria meu video game, meus amigos, minha mãe. Sei que não é justo. Mas não é justo comigo também, eu acho.

Num dos dias, fomos pescar em outra praia. Pra chegar nela, a gente precisava passar por um bosque que se formou entre as dunas. Geralmente a gente parava ali pra descansar e comer alguma coisa. Mas dessa vez não. Achei estranho, porque ele sempre pareceu gostar dali. As árvores eram esquisitas, tinham um desenho entrelaçado, pareciam de outro mundo, mas o pai não tirou os olhos do chão.

A semana acabou e ele me deixou na rodoviária. A gente se abraçou e ele me olhou no olhos. Fiquei assustado. Eu subi no ônibus e da janela acompanhei o movimento ondular dos cabos dos postes. Estava aliviado de voltar para casa.

Foi mais ou menos assim o último verão que passei com ele. Nas férias seguintes esperei a ligação, mas ela não veio. A mãe me disse que ninguém

sabia pra onde ele foi, mas que não era pra eu ficar preocupado, pois ele já tinha feito isso outras vezes. Eu não acreditei.

Pedi para que ela me levasse até a casa dele. A gente viajou de carro para lá e chegou na região onde começa a estrada de areia. Faltava ainda uma meia hora para chegar. De repente, o carro atolou. Eu sabia que isso ia acontecer, mas não disse nada. Acho que tinha esperança, em vão, de que o carro passasse. A gente tentou colocar umas tábuas debaixo das rodas pra sair dali, mas não deu certo. Quando passou um outro carro, minha mãe pediu pra avisar a um guincho no posto de gasolina.

Um tempo depois, passou uma moto. Fiz parar e expliquei a situação. Minha mãe fumava um cigarro atrás do outro. Pedi pra ela uma nota de 20 reais. O motoqueiro me levou até a região das dunas. No horizonte, vi a casa do meu pai.

A moto estacionou. As dunas que antes tomavam conta de parte da casa não existiam mais. Os pedaços de madeira continuavam espalhados pelo chão e a porta estava aberta. Lá dentro, tudo estava igual, mas tomado por uma fina camada de areia.

Sentei na cama e me lembrei das últimas férias que passei aqui. Me levantei e comecei a revirar os poucos móveis da peça, a procura de não sei exatamente o quê. O motoqueiro começou a buzinar, impaciente, indicando que o meu tempo tinha se esgotado. Tentei pegar alguma coisa de recordação,

mas não achei nada. Passei a mão em cima da mesa e formei um montinho de areia. Assoprei e fui embora.

Terminal

Deitado na cama, recapitulo os últimos meses da minha vida. Só sinto ódio. Detesto meu emprego, durmo em horários aleatórios, me masturbo compulsivamente, não tenho amigos e raramente saio de casa. Sou uma bagunça ambulante.

Mesmo assim, tenho algum orgulho, ou pelo menos tinha. Me via como alguém inteligente, injustiçado, melhor que a maioria. Eu era capaz de acessar espaços da internet que pouca gente conhecia. Percebo agora que isso isto é uma grande besteira. Ter acesso a sites obscuros, fotos proibidas ou números de cartão de créditos não me fazia menos estúpido do que sou agora. Contudo, foi num desses sites que vi o anúncio dela.

“Tenho 27 anos e sou paciente terminal. Ficarei algumas horas sozinha no próximo final de semana e essa será minha última oportunidade para fazer sexo. Se você tem interesse, me envie um e-mail.” Ao lado da mensagem, a foto: um tronco branco e magro contorcido, a metade da nádega em primeiro plano. A mão, como prova, segura um pedaço de papel com a data do dia e o endereço do site. No canto esquerdo do quadro, a luz do flash se espalha pela superfície do espelho.

Os usuários do site reagem rapidamente ao anúncio. Uns, agressivamente, pediam mais fotos e sugeriram fazer uma busca de informações sobre sua vida. Outros, tratando com ironia, denunciavam que era uma armadilha. Em pouco tempo, outras provocações e histórias surgiram e o anúncio ficou pra trás.

O dia seguinte foi uma variação do mesmo tema. Tinha dormido por umas 12 horas seguidas e me atrasei pro trabalho, mas meu chefe não se importou porque compensei ficando até mais tarde. Ele só reclamava às vezes da minha aparência, mas acho que era só para exercer o pequeno poder que tinha em mãos. No fundo, eu tinha pena dele, quase 50 anos e com esse emprego ridículo. Eu era contratado por uma empresa terceirizada para fazer a manutenção de computadores em uma repartição pública. A maior parte do trabalho consistia em trocar mouses, passar antivírus ou formatar HDs. Eu odiava aquele lugar, mas essa era minha melhor opção de emprego.

Foi um dia lento. Passei boa parte do expediente sem fazer nada, apenas olhando carros importados dos funcionários públicos entrando e saindo do prédio. Cheguei em casa, liguei o computador e me masturbei assistindo a um hentai. Joguei o papel higiênico no chão, um movimento mecânico, repetido mil vezes. Deitei na cama e olhei para o teto. Me sentia triste, consciente do quão patético era, mas incapaz de fazer qualquer coisa a respeito. Voltei ao computador e abri meu e-mail anônimo. Sem pensar muito escrevi: “Me interessei pelo teu anúncio. Tenho 28 anos, segue uma foto minha em anexo.

Mande mais uma foto sua, com um papel escrito “berinjela”. Aguardo instruções.” Escrevi a data do dia num papel, tirei a camiseta e a calça. Comecei a me masturbar só para ficar com o pau duro. Parei e apontei a webcam em direção ao meu tórax, enquanto que com a outra mão segurava o papel. Salvei cinco fotos, escolhi a melhor e anexei ao e-mail. Hesitei por alguns segundos, apertei o botão.

As horas seguintes foram tomadas pela ansiedade. Parte de mim, me via como ridículo, a outra parte desejava muito que isso acontecesse. E eis que aparece um e-mail na caixa de entrada: “Oi. Gostaria que você entrasse num chat às 14 horas para a gente poder conversar. Eu moro em T., e você? Segue mais uma foto.”

Dessa vez aparecia o seu rosto aparecia na foto. Não podia acreditar. Ela usava um lenço e tinha o rosto cadavérico. Os olhos eram claros, bonitos, mas tomados por olheiras escuras. A pele já apareceu em algum momento ter sido bronzeada do sol. Na mãos, um papel com a palavra “berinjela”. Meus instintos de preservação diziam que não era possível, que tinha que ser uma armadilha. A imagem pode ter sido manipulada, vão me sequestrar e roubar meus órgãos, tem alguma coisa errada. Escrevi: “Combinado”.

Duas da tarde é um horário ruim. Estava no trabalho, nervoso de ter que lidar com isso. Por sorte, foi mais um dia tranquilo. Chegou o momento e abri o chat de vídeo e texto. A imagem dela correspondia às fotos. E lá estava eu, parcialmente exposto, um rosto identificável, apesar de não ter o nome ainda

revelado. Ela deu “Oi”, e eu também. Não fazia a menor ideia de como levar a conversa. Perguntei se estava tudo bem com ela e pensei: idiota, ela deve ter câncer e vai morrer, sim, está tudo ótimo com ela. Ela responde que sim, que está tudo bem, que ela se chama Camila, mora em T. e pergunta meu nome. Hesito, mas digo, “Marcelo, moro em S., fica do lado, que sorte, né, hehe?”. Impulsivamente, pergunto se outras pessoas também mandaram mensagem pra ela. Ela diz “não, tu foi o único”. Não soube exatamente como reagir a essa informação.

O pânico cresce em mim. A porta da sala se abre. Um dos técnicos passa por trás da minha cadeira. O ar condicionado gela o ambiente, mas minhas mãos suam. Ela então diz: “Bom, você quer mesmo fazer isso?” Eu digo, “Sim”. Ela: “Então tá. Não temos muito tempo. Hoje já é quinta, o horário que eu tenho livre é no sábado pela tarde. Tem como você vir pra cá?”. Respiro fundo, não sei onde botar minhas mãos. “Sim, tenho”. “A gente vai se encontrar em uma praça perto de onde eu moro. O endereço é esse...”. E finaliza: “Bom, preciso sair, meu pai vai chegar. Tá combinado, então”. “Um Beijo.”

A sexta-feira durou uma semana. O trabalho até que foi movimentado, mas o tempo não passava. Comprei pela internet a passagem intermunicipal para T. Acho que meus colegas de trabalho notaram que eu estava agitado, feliz até, talvez. Terminado o expediente volto pra casa e masturbo três vezes consecutivas, olhando para as fotos dela. O rosto não chegava a ser repugnante, mas era desolador. Por algum motivo, isso o deixava ainda mais excitado.

Acordo tarde, quase atrasado para o ônibus. A viagem é curta, cerca de 40 minutos. Olho pra paisagem. Vejo um descampado com montanhas verdes ao fundo. Uma fileira de eucaliptos passa por mim e sou tomado por uma melancolia. Me pergunto o que estou fazendo ali e o que estou fazendo com a minha vida. Mas agora é tarde demais, o ônibus entra na cidade e para na rodoviária. Gaguejo ao perguntar as indicações de onde é a Praça L. e caminho perdido. Chego lá e não há ninguém. Me sento e começo a me lembrar da possibilidade de armadilha. Tento respirar fundo e me acalmar. Não consigo.

Passa alguns minutos e vejo ela se aproximando. Não tinha como não ser com aquele lenço na cabeça. Muito toscamente finjo que não a percebo e fico olhando para as árvores. Quando ela se aproxima, simulo uma reação de surpresa e me viro em sua direção.

“Oi, Marcelo?”

“Sim, sim. Oi, Camila.”

Nos abraçamos. Sinto seus ossos. Seu rosto me dava vontade de chorar.

“Foi tudo bem de viagem?”

“Sim, foi. Quase não é uma viagem, né... e tá tudo e contigo?”

De novo essa pergunta, seu animal, penso.

“Sim... tá tudo bem. Então, vamos?”

“Vamos.”

O apartamento ficava bem de frente para a praça. Subimos o elevador em silêncio. Meu cérebro girava, tentando criar alguma conversa, mas nada

me vinha. Entramos no apartamento e percebo que ela mora com os pais. Não me admira, numa situação dessas. Ela me pergunta se quero algo para beber. Digo que não. O tempo está nublado e as paredes do apartamento são terrivelmente brancas.

“Vamos pro meu quarto, é mais confortável lá.”

Sentamos na cama e eu tento começar uma conversa. Falo que trabalho com TI, falo de meus interesses por literatura fantástica e pergunto, pisando em ovos, o que ela faz da vida. Ela diz que estudava oceanografia, mas que precisou parar por conta da doença. Fala que gosta muito de viajar e mostrou algumas fotos de lugares que visitou. Em uma delas, vejo uma montanha escura e árida de fundo e ela, com uma mochila de viajante e uma jaqueta de cor laranja, abraçada com uma garota da sua idade, de cabelos escuros. Venta muito na foto. O cabelo claro de Camila tampa parte do seu rosto. Ela tem um sorriso bonito.

“Essa é a Dani. Isso é na Bolívia. Foi massa essa viagem.”

“Legal.”

Ficamos em silêncio.

“Eu vou pegar um vinho, tu quer?”

“Sim.”

Ela sai do quarto. Olho ao redor, tento observar o que ele pode me dizer sobre ela, sobre a doença, sobre o que está acontecendo. Sinto que vou estragar tudo.

“Toma.”

“Obrigado.”

“Olha só, fica calmo. Sei que tu tá nervoso, não tem por que ficar. É uma situação estranha e tu tem teus motivos pra estar aqui, eu tenho os meus. Relaxa, ok?”

Ela põe a mão na minha coxa. Dou um sorriso meio sem graça. Coloco a minha mão junto a dela e tento abstrair a situação. Ela inclina o corpo em minha direção e nos abraçamos. Sinto a magreza e o calor do seu corpo. Faço um carinho na sua testa, esqueço que ela não tem cabelo e desço minha mão em direção ao seu pescoço, por de trás de sua orelha. Ela acaricia meu braço. Ficamos assim por alguns minutos, construindo à força uma intimidade.

Gradualmente, começo a acariciar seu corpo. Ela percebe minhas investidas e acompanha. Nos beijamos, coloco força demais na minha boca. Começo a passar a mão em seus peitos e em sua bunda. Ponho a mão por debaixo da sua blusa. Tento me concentrar ao máximo para parecer um homem normal e seguro. Ergo seu corpo e começo a despi-la.

Seu corpo é pequeno, como de uma criança. Deve ter perdido muita massa muscular com a doença. Meu pau está explodindo. Tento manter a calma. Beijo seu ombro e chupo seus seios. Ela dá um leve gemido. Vou descendo e faço ela sentar na cama. Ponho a cabeça entre suas pernas e começo a chupá-la. Suas coxas são brancas e macias. Sinto sua perna apoiada nas minhas costas.

Ela geme bastante e pede para que eu a coma. Me levanto, vou até a minha mochila e pego uma camisinha. Ela fala “não precisa, vem” e olha pra mim com cumplicidade. Penso em aids, sífilis, gonorreia e até em câncer. Se eu insistisse na camisinha, imagino que ficaria chateada. Respiro fundo e tento não pensar. Subo até a cama. Ela está deitada e abre as pernas. Junto as suas pernas com uma das minhas mãos, ergo sua bunda e começo a chupá-la mais um pouco. Em seguida, enfio meu pau. A sensação é quente e gostosa. Ela abre as pernas e relaxa. Começamos a gemer juntos e chegamos num nível de intensidade que estaciona. Me seguro para não gozar. Falo pra ela: “Deixa eu te comer de quatro”.

Ela se vira, seu lenço cai. Me encaixo nela. Observo suas costas muito pequenas. Sua coluna e costelas parecem um fóssil cambriano. Subo até ver a cabeça raspada. Começo a comê-la num ritmo lento, mas com força. Sinto como se ela fosse mole por dentro. Um conjunto de carne podre que meu pau fica cutucando. O corpo branco e frágil contrastando com a carne em decomposição. Fico tonto. Digo pra ela: “Vou gozar”. Ela: “Vai, goza”. Dou um urro baixo e quase desmaio. Meu corpo perde força. Escorrego e deito por cima dela, ofegante.

“Foi rápido, desculpa, não consegui segurar.”

“Tudo bem, foi bom.”

“Tu quer que eu te chupe, pra tu gozar?”

“Não... não precisa, fica tranquilo.”

“Mas... pode ser tua última vez, não?”

Ela demora a responder.

“Sim.”

“Desculpa. Não quis falar isso.”

“Tudo bem, quis sim. A gente não precisa fingir. Eu já tô acostumada com a situação.”

Ficamos em silêncio. Queria dizer alguma coisa, não consigo. Faço um carinho no seu pescoço. Beijo seu ombro, mas tudo parece fora do lugar.

“Acho que é melhor a gente se arrumar. Daqui a pouco meus pais estão de volta. “

Nos levantamos e nos vestimos. Ela enrola o lençol sujo da cama. Eu vou até o banheiro e lavo meu rosto. Olho para mim mesmo, não me reconheço. Jogo mais água no rosto. Volto para sala e ela está me esperando, recomposta, como se nada tivesse acontecido, mas com um olhar diferente. Abraço ela e digo:

“Obrigado.”

“Não, eu que agradeço.”

Ficamos em silêncio mais uma vez. Me sinto mal de não saber o que falar, de parecer que só me importo com questões fúteis e não com ela. Impulsivamente falo:

“Camila, se tu quiser e quando tu quiser eu tô disponível. Pra qualquer coisa. Vou te deixar meu telefone.”

“Não, não. É melhor não.”

“Por quê?”

“Isso aqui é como uma despedida pra mim. Entende?”

“Não diz isso, tu pode ficar melhor, tu não sabe.”

“Não, não vou.”

“Desculpa, eu não sei falar...”

“Tudo bem, não é culpa tua. Mas vai, é melhor tu ir embora. Meus pais podem chegar.”

Me sinto desolado. Nos damos um beijo.

“Foi bom te conhecer.”

Me viro e vou em direção à porta. Ela abre e nos damos um último adeus. Saio para o corredor e vejo parte do seu rosto sumindo enquanto a porta se fecha. Os olhos claros e vermelhos, as olheiras, a cabeça raspada. O corredor é escuro e em algum lugar um transformador faz um ruído baixo. Desço as escadas, me sinto tonto, ansioso, sem entender o que está acontecendo. Cruzo o parque e olho em direção ao prédio. Vou para rodoviária e espero o próximo ônibus. Uma senhora gorda, com um monte de malas e olhar cansado se senta ao meu lado. Um mendigo, sentado em um canto da rodoviária, bate no chão uma embalagem plástica com algumas moedas. Subo, me acomodo e durmo a viagem toda.

Passaram-se dois meses desde a última vez que vi Camila. Venho faltando ao trabalho e acho que serei despedido. Minha compulsão por

masturbação só aumenta e só me excito por coisas cada vez mais esquisitas. Volta e meia olho para as fotos dela.

Tentei enviar e-mails, mas não tive resposta. Fui até a biblioteca do bairro e acompanhei diariamente o obituário do jornal. Fiz pesquisas pela internet, mas não descobri nada além do que já sabia. Continuo sem saber se Camila está viva.

Por impulso decido ir à T. Pego o ônibus, vou até a praça e observo a janela do apartamento. Parece vazio. Me aproximo do prédio e espero alguém sair. Subo as escadas e toco a campainha do apartamento. Ninguém atende. É como se não existissem mais.

Volto pra casa, deito na cama e olho pro teto. O rosto cadavérico de Camila me assombra. Sinto ódio, tesão e asco de mim mesmo. Me levanto e abro a janela. Dobro os braços, me inclino e olho para os quatro andares abaixo. Sinto que basta não pensar por um segundo. Limpo a mente, digo para mim mesmo que não consigo e dou um sorriso sem graça. Chego à conclusão de que Camila está mais viva do que eu.

Carta para mãe

Queria que tu pudesses ver o quanto melhorei, mãe.

Não sei bem para quem conto essas coisas, se para ti, ou para mim mesmo, para quem sabe colocar as ideias no lugar e mostrar o meu lado dos acontecimentos.

Eu me lembro que estudava para concursos já fazia 3 anos. Eu e tu combinamos de eu voltar a morar contigo até conseguir uma vaga. O problema é que eu não conseguia passar, já tinha tentado 7 editais. Isso me deixava nervoso porque eu já não era mais jovem e acho que tu também não parecia feliz. Eu me formei em biblioteconomia e tu tinhas razão, foi imaturidade minha cursar só porque eu gostava de livros.

Mas aí surgiu aquele edital. Vaga para graduados em biblioteconomia para cuidar do acervo da biblioteca da UFSC. Salário de servidor público federal, com vários benefícios. Era o suficiente para eu viver com o conforto que sempre achei que deveria ter. Eu tive 4 meses para estudar e me dediquei o máximo que pude. Devo ter feito mais de 500 exercícios, lido umas 2000 páginas de apostila, visto umas 100 horas de videoaulas. Estudei 8 horas por dia, aqueles mesmos conteúdos de sempre, português, informática, raciocínio lógico, direito administrativo, sem contar a parte específica de biblioteconomia.

Eu já estava cansado dessa rotina de estudar e não passar, então eu via esse concurso como um tudo ou nada. Eu só não sabia direito o que significava este nada. A última semana antes da prova foi difícil. Eu estava muito estressado e, admito, descontei em ti. Além disso, já fazia já alguns meses que a coisa não estava boa entre a gente. Eu vinha dormindo muito tarde e acordando muito tarde e eu sei que tu não gostavas disso. Já tinha virado rotina tu deixar o meu prato de almoço dentro do forno para eu comer às 3 horas.

O nosso primeiro desentendimento se deu na tarde de segunda-feira. Eu estava revisando direito administrativo e tu pediu para eu comprar pão. Eu disse que já ia, mas tu apareceu na porta do meu quarto 5 minutos depois pedindo mais uma vez. Eu sei que na tua idade tu tens as tuas manias e uma delas é o horário fixo das refeições, mas eu queria terminar o capítulo para não perder o raciocínio. Quando tu veio pela terceira vez eu explodi e disse: “Eu disse que já vou, puta que o pariu, velha dos infernos!”

Pronto, foi o suficiente. Tu sempre odiou palavrão, sei que faz parte da tua educação católica. O que eu não entendo até hoje é essa reação infantil da tua parte. Tu fecha cara e me ignora por dias, até eu pedir desculpas de um jeito humilhante. Eu saí e voltei com o pão doce liso, sem farofa e sem creme, como tu gostas. Falei que o pão estava no cesto e tu nem olhou para a minha cara. Fui para o meu quarto e voltei a estudar. Só parei quando já era de noite e a barriga começou a roncar. Esperei pelo meu prato dentro do forno, mas não tinha nada.

Acabei fazendo um pão com presunto e queijo na frigideira. Acho que deixei a panela suja na pia e peço desculpas por isso, agora eu vejo como eu era folgado.

Na terça começaram as tuas tosses. Volta e meia tu tinha elas. Eu fechei a porta e mesmo assim ouvia o barulho. Eu sei que tu não tinha culpa, mas eu não conseguia me concentrar. Perguntei se tu queria que eu comprasse um xarope, mas tu me encarou e depois desviou o olhar para o gato de porcelana na mesa. Tu sempre faz isso. Finge que não ouviu, que está concentrada em outra coisa. Eu disse que ia voltar a estudar e pedi para que tu tossisse mais baixo. Tu me chamou de abusado e batemos boca mais uma vez.

Só nos vimos no dia seguinte. Fiz questão de não acordar tão tarde e nos sentamos para almoçar. Sempre gostei da tua comida e tu ficavas contente porque eu comia com vontade, mas dessa vez tu continuou com cara amarrada. Perguntei da tosse e não tive resposta. Brabo, eu puxei o teu prato. Tu me olhou com raiva e falou: “Eu só quero que tu faça o mínimo. Se pudesse, eu mesma faria tudo.”. Eu tentei rebater, mas não achei argumentos. Pelo menos a gente começou a trocar umas palavras.

Me lembro que eu estava um poço de ansiedade. Não consegui revisar nada na quarta-feira. Pensei em relaxar um pouco e mandei uma mensagem para o Arthur para a gente tomar uma. Esperei dar 22h, que é o horário que tu dorme. Fui na cômoda onde fica o teu dinheiro e tirei uma nota de 50 reais. Acho que tu nunca notou esses pequenos furtos, mas sempre me senti culpado por eles. O Arthur teve que ouvir minhas reclamações naquela noite. Bebi até

não aguentar e quando o bar fechou a gente foi dar uma volta no bairro que fica aqui perto.

Voltei para casa não entendendo muita coisa. Tentei abrir a porta com calma, mas tive dificuldade de acertar a fechadura. Fui tateando a parede da sala e tentei chegar no meu quarto, mas antes, sem querer, esbarrei na mesa e quebrei um dos teus bibelôs. Ouvi tu se mexer na cama, mas acho que tu não acordou. Me ajoelhei e catei os cacos. Levei para o meu quarto e escondi em uma gaveta. No dia seguinte tu me acordou perguntando por minha roupa suja. Eu tenho 29 anos e tu faz questão de administrar minhas cuecas e meias. Em seguida tu perguntou do gato de porcelana. Eu me fiz de desentendido. Tu fechou a cara mais uma vez e saiu com as roupas sujas do meu quarto.

No último dia antes da prova tu me respondia de volta, mas com cara de desgosto. A tosse continuava. Nesse dia da semana a gente tinha um ritual. Saímos de carro, o Fiat 147 que era do pai, e íamos tomar café na Lagoa. Eu perguntei, sem convicção, se tu querias ir. Tu falou que não. Eu insisti, mesmo tendo conteúdo para revisar. Não sei por que, mas tu acabou aceitando. O carro custava para pegar e o cheiro de gasolina era forte, um cheiro que me lembra minha infância. No café, tu pediu o que sempre pede, uma média com leite bem clarinha e um pastel de belém. Eu me admirei quando tu puxou assunto. Me perguntou da prova, se eu estava preparado e se eu estava nervoso. O problema é que já começamos a discutir de novo quando falei que tive dificuldades de me concentrar nessa última semana. Para ti, sempre faço tudo errado. Acho que tu

não tinha esperanças de que eu fosse passar. Ou talvez isso fosse um desejo escondido da tua parte.

Chegamos em casa, cada um foi para o seu quarto. Estudei, me deitei e dormi mal. No meio da noite te ouvi indo ao banheiro. Tu fez uns barulhos estranhos, mas pode ter sido apenas um sonho meu. Como tu não chamou por mim, acabei ficando na cama. No fim das contas, por conta do nervosismo, dormi só umas 3 horas. De manhã cedo tomei um café com pão, achei que tu ainda dormia, peguei a caneta e a garrafinha de água e fui a pé para UFSC.

Cheguei faltando pouco tempo para o fechamento dos portões. Quando vi os outros candidatos ao meu redor, um desespero me bateu. Pareciam todos mais preparados e mais inteligentes do que eu. Eu recapitulei os principais conteúdos que tive na graduação, mas ali, na hora, tudo parecia ter evaporado. Nesse momento, foi como se te visse na minha frente. Mas não me entreguei. Peguei a prova e fui lendo as questões. Aos poucos fui reconhecendo os temas e ganhando confiança. Guardei o rascunho da prova no bolso, entreguei o gabarito e saí de lá otimista.

A prova era para gabaritar e eu não sabia se tinha ido tão bem assim. Tinha mais de 90 candidatos por vaga, veio gente do Brasil inteiro fazer esse concurso. Um filme começou a rodar na minha cabeça. Ou eu saía de casa agora, ou eu ia morar contigo para sempre. Queria mostrar para ti que era capaz de fazer as coisas certas.

Entrei em casa sem fazer barulho. Eu estava com fome, mas queria descansar a cabeça um pouco antes de comer qualquer coisa. Antes de entrar no meu quarto, não sei por que, quis olhar rapidamente para dentro do teu. Foi aí que vi. Tu estavas no chão, com uma bacia com vômito e sangue do teu lado. Eu demorei para entender que aquilo estava acontecendo. Eu me aproximei e te virei. Eu nunca vou esquecer da expressão do teu rosto. A boca aberta, meio torta, as sobrancelhas arqueadas, o olhar duro. Eu puxei a tua camisa e limpei o vômito da tua boca. Erguei o teu corpo e te coloquei na cama. Tu estavas fria. Fui até o banheiro com a bacia e joguei tudo pelo vaso. Voltei para o quarto e fiquei olhando alguns segundos para os teus pés brancos, para tuas unhas grandes e mal pintadas, sem saber muito bem o que fazer.

Despertei do transe, fui até à sala, peguei o telefone.

“Emergência 1-9-0, no que posso ajudar?”

“Acho que minha mãe morreu.”

Pouca gente foi no teu enterro. Choveu bastante no dia. Tinha eu, duas irmãs tuas, um sobrinho e três amigas que, segundo elas, não te viam há mais de dez anos. A cerimônia foi simples, católica, no cemitério do Itacorubi, onde também está o pai. Acho que tu teria gostado. Ninguém quis tomar a palavra. O padre disse algumas coisas que não entendi muito bem. Ver teu caixão descendo é uma imagem que me assombra até hoje. Todas as pessoas foram gentis comigo e uma das minhas tias, a Eduarda, perguntou se eu não queria ficar na casa dela. Educadamente, declinei o convite.

Voltei para a casa quando já estava escurecendo. Preparei um sanduíche, mas só consegui dar uma mordida. Fui para o meu quarto e antes de entrar na porta desviei meus olhos para o teu, da mesma maneira que fiz quando te encontrei daquele jeito. Foi aí que comecei a chorar. Não tinha chorado ainda, não sei por quê. Mas ao ver teu quarto vazio, meu quarto vazio, a casa vazia, um desespero bateu em mim, seguido por uma culpa muito grande, pois nós estávamos brigados e eu não me preocupei com tua tosse e com tua ida ao banheiro na madrugada. Eu me sentei no chão, entre os dois quartos, e pus minha cabeça entre os joelhos. Não sei quanto tempo eu fiquei ali, cheguei a adormecer. Despertei, já devia ser de madrugada. Me arrastei até minha cama e só saí de lá quando já era noite de novo.

Mãe, a partir desse momento as coisas ficam um pouco confusas. Passaram-se alguns meses e eu recebi a notícia de que não passei no concurso por 2 pontos. Eu não saía de casa e sobrevivi com o que sobrou da tua poupança e com a venda do 147. Só saía do meu quarto para ir ao banheiro e para pegar comida na geladeira. Eu não sabia cozinhar, então só comia frutas, iogurte, sanduíches e muita bolacha. Parei de tomar banho, de fazer a barba e escovar os dentes. A tia Eduarda me ligou uma vez perguntando como eu estava. Eu fiz o teatro bem direitinho e ela parou de se preocupar. Eu percebia que estava me afundando, mas não tinha forças para lutar contra isso. Uma hora o dinheiro acabou. Eu comecei a comer cada vez menos e acho que emagreci um bocado.

Lembro da data até hoje, 21 de maio. Tinha zero reais no banco e a geladeira estava ficando vazia. Pensei em ligar para a tia Eduarda, mas a vergonha de admitir que eu não conseguia me sustentar era maior. As contas chegaram e eu não tinha dinheiro para pagá-las. Depois de algum tempo cortaram a luz e a internet. Recebi uma notificação de atraso do pagamento do condomínio. Tive que parar de usar o computador e comecei a passar o meu tempo lendo. Conseguia ler até umas 5 da tarde. Eu acaba dormindo cedo por não ter o que fazer no escuro.

Foram meses sem entrar no teu quarto. Acho que tentava superar tua perda, mas não conseguia. Um dia abri a porta e me sentei na tua cama. Abri teu armário e cheirei tuas roupas de senhora. Procurei por fotos tuas, achei uma em que tu ainda era jovem, em uma festa de casamento de uma prima. Devia ser nos anos 80, tua maquiagem era forte, tu usavas o cabelo curto e vestia uma camisa branca com ombreiras. Teu sorriso era bonito e eu percebi o quanto somos parecidos. Eu não lembro muito bem, mas deve ter sido difícil seguir a vida quando o pai morreu. Perdido em memórias, não vi o tempo passar nem a luz desaparecer. Acabei dormindo na tua cama.

No dia seguinte fiz a barba, cortei o cabelo como pude, escolhi roupas boas e fui até o supermercado Angeloni. O senhor do RH me atendeu, falou que só tinha vaga para empacotador. O salário era mínimo, tinha que passar por uma fase de experiência e eu precisaria arrumar melhor o meu cabelo. Eu aceitei. Meu primeiro emprego, com 29 anos de idade.

Aos poucos fui me recuperando. Paguei as dívidas, passei a ter luz e água de novo. Vivo sem luxos, o salário é apertado, mas não passo fome. Já empacotei as compras de conhecidos, uma garota que estudou comigo e a tia Eduarda, que graças a deus foi hipócrita e fingiu que tudo isso era normal. Às vezes percebo que as pessoas me olham de um jeito condescendente, mas eu passei a não ligar. Me sinto útil e quem sabe até um pouco feliz, mesmo com tua ausência.

Foi um ano complicado, mãe. Tenho muitas saudades de ti. Acho que pela primeira vez na vida começo a fazer as coisas certas. Pena que você não está aqui para ver.

Os últimos dias de Ricardo S.

Foi um 19 de agosto úmido. Ricardo S. saiu às 8h30 de casa, se despediu de sua família e foi em direção ao centro. Ao contrário de como faz todos os dias, estacionou em uma área longe do prédio onde trabalha. Ao que tudo indica, foi a pé para o terminal de ônibus intermunicipal.

Segundo os funcionários da empresa de viação, Ricardo S. comprou uma passagem para a cidade de Porto Belo, que saia no final daquela manhã. Foi mais ou menos nesse período do dia que seus colegas de trabalho estranharam sua ausência e ligaram para sua casa. A partir desse momento, tanto família quanto companheiros de trabalho começaram a temer por algo, mesmo tendo consciência de que Ricardo S. era um homem responsável e previsível. As incessantes ligações para o seu telefone se mostraram infrutíferas. No final do dia, o aparelho celular foi encontrado no jardim de sua própria casa, pisoteado.

Em Porto Belo, Ricardo S. se hospedou em um hotel de chalés que ficava a 5 minutos da praia. Deu a entrada cerca de 2 horas depois de ter saído de Florianópolis. Funcionários do Hotel afirmam que o hóspede só saiu uma vez e optou por não pernoitar. Ricardo S. usou o cartão de crédito tanto para comprar a passagem de ônibus, quanto para pagar a hospedagem. Logo, não havia o receio de que suas movimentações fossem rastreadas.

Ricardo S. sentou-se na poltrona 26 do ônibus para Porto Belo. Na poltrana 25 estava a funcionária pública aposentada Maria Helena V., 57 anos. Em depoimento, ela afirma se lembrar de Ricardo S., mas pouco acrescenta sobre seu paradeiro. Salienta, contudo, o ar quase infantil com que aquele homem gordo e bem vestido de mais ou menos 50 anos observava os enormes descampados das margens da BR-101.

Em Porto Belo, no quarto do chalé onde Ricardo S. se hospedou por poucas horas, encontrei dois objetos: uma fotografia antiga e uma pequena escultura em madeira de uma girafa. A fotografia, que aparenta datar dos anos 60 ou 70, retrata uma cena na praia uma criança de mais ou menos 5 anos, de cabelos molhados e enrolada em uma toalha de banho. A família de Ricardo S. diz não conhecer essa fotografia e nega que a criança seja ele ou algum de seus parentes. Certa semelhança com Ricardo S., entretanto, é notável. A girafa de madeira, um artigo comum de artesanato, foi comprada no único momento em que ele saiu do hotel. Descobri que o objeto foi adquirido em uma pequena loja de artigos turísticos perto da praia de Porto Belo. O dono do estabelecimento, Jorge S., 48, não mencionou quaisquer detalhes relevantes.

A última movimentação financeira deixada por Ricardo S. foi o saque de 2000 reais em um caixa eletrônico do Banco do Brasil em Porto Belo. Depois de averiguar pela cidade, descobri que ele alugou um carro em uma loja do ramo na cidade. O Fiat Pálio, modelo 2010, cor azul marinho, foi encontrado pela Polícia Militar, dias depois, abandonado em uma estrada próximo ao

município de Rio do Sul. Não encontrei nenhum objeto relevante no veículo, fora as chaves, a carteira de Ricardo S. e meia dúzia de comprovantes fiscais, referentes a compras em farmácia, veterinária e posto de conveniência.

Depois de buscas feitas pela região, a Polícia Militar descobriu que Ricardo S. passou seus últimos momentos no município de Agronômica. Seu corpo foi encontrado por um local no dia 23 de agosto, em uma casa de madeira abandonada, em uma parte distante do pequeno município. Estima-se que ele tenha pernoitado na casa de madeira e morrido na manhã do dia 20 de agosto. Seu corpo estava no estrado de uma cama velha, deitado para cima, em posição relaxada. Ao seu lado, havia uma seringa e um pequeno vidro vazio. Concluo que a cena praticamente anula a hipótese de homicídio, sendo o mais provável o suicídio. Um ponto que contraria essa linha é a ausência de carta que confirme a intenção do ato. Entretanto, todas as testemunhas ouvidas, os funcionários da empresa de viação, a passageira do ônibus, os funcionários do hotel, o dono da loja de artigos turísticos, o funcionário da loja de aluguel de carros e os atendentes do posto de conveniência, farmácia e veterinária, quando dizem se lembrar de Ricardo S., afirmam que ele estava sozinho.

Fora a seringa e o vidro, nada foi encontrado perto do corpo de Ricardo S. Estou no aguardo dos exames laboratoriais, mas tudo indica o uso de cloreto de potássio. Um detalhe, contudo, que passou despercebido pela polícia, chama minha atenção. Um dos punhos de Ricardo S. estava cerrado. Os vincos da parte lateral do seu dedo indicador formavam um desenho semelhante a uma árvore

sem folhas. Ricardo S. utilizou uma caneta e reforçou o traço desse desenho natural. Tive dificuldades para abrir sua mão. A palma mostrava uma lesão provocada pelas unhas.

A família nada sabe dizer sobre esse detalhe, nem sobre possíveis motivações para seu provável suicídio. Os companheiros de trabalho de Ricardo S., funcionários públicos do setor de transporte, afirmam que ele era um sujeito discreto e que não havia qualquer motivo vinculado ao trabalho para ele tirar a própria vida. Apesar da família ter me dado a orientação inicial de descobrir o seu paradeiro, fui instruído a continuar com a investigação. Creio que eles não aceitam que Ricardo S. optou por tirar a própria vida e exigem uma explicação. No momento estou sentado na cama e tenho diante de mim a foto da criança, a girafa de madeira e uma foto tirada do meu celular do desenho feito na mão de Ricardo S. A polícia já não é tão amigável com minha presença e deseja arquivar o caso.

Refaço o trajeto de Ricardo S. Do bairro Córrego Grande até o centro de Florianópolis. Depois, de Florianópolis até Porto Belo. Avisto os descampados da BR-101 que Maria Helena V. mencionou. Percorro as ruas que ele provavelmente percorreu em Porto Belo. Alugo um carro e pego a BR-470 e sigo para Rio do Sul. Caminho pela região onde o carro foi abandonado. Vou até Agrônômica, caminho pela cidade e converso com a pessoa que encontrou o corpo de Ricardo S. Ele me explica que entrou na casa para averiguar o cheiro que de lá saía. Pergunto se conhecia Ricardo S. e ele disse que não. Pergunto

também sobre a casa e ele me disse que era de uma família que faz muitos anos que tinha abandonado a cidade.

Decido passar a noite na casa. É uma construção simples, de madeira. Tem sala, dois quartos, banheiro e cozinha. A estrutura está comprometida. Havia lixo espalhado por tudo. O mato já invadia algumas partes do chão. Noto um resto de calendário com a imagem de Jesus Cristo fixado na parede que data do ano de 1971. Ouço o barulho de mato mexer na rua. As cigarras alternam seu canto. Direciono a luz da lanterna no canto do quarto e dou uma última olhada na cama em que Ricardo S. foi encontrado, um quarto aparentemente de criança. Concluo que é uma má ideia passar a noite por lá.

Acordo tarde no Hotel Riviera. Está quente. Procuro uma soda no frigobar e observo a paisagem pela janela. Hoje retorno para Florianópolis sem ter descoberto nada de novo. Um carro passa lentamente pelo asfalto sujo de barro. Observo mais uma vez a girafa, a foto, a marca na mão. Arrumo meus pertences e decido partir mais cedo.

Ao chegar em Florianópolis vou até o cartório do bairro Trindade. Busco pela certidão de nascimento de Ricardo S. Nela consta que ele nasceu em Florianópolis, no ano de 1965. Sem ideias, ligo para Sandra S., mulher de Ricardo S e nos encontramos 1 hora depois em um café do bairro. Chego cedo demais e fumo um cigarro. Fazia anos que não fumava. Quando Sandra S. chega, explico que infelizmente não descobri nada, que acredito na hipótese do suicídio e dou minhas impressões sobre a motivação. Peço desculpas. Ela diz

que está tudo bem, que compreende e que não preciso me desculpar. Lembra que estou lhe fazendo um favor. Algo parece ter mudado nela nos últimos dias. Ela aparenta uma melancolia leve e parece aceitar melhor a morte do marido. Sandra S. me agradece pelos serviços prestados e me dá um beijo no rosto. Por um instante, lembro da época em que estudamos juntos em Criciúma.

Saio de lá e ligo para Janete. Jantamos num restaurante italiano, vamos para minha casa e dormimos juntos. Ela parece menos preocupada com a vida. Acordo de madrugada e a observo. Ela está deitada na diagonal e ocupa quase todo o espaço da cama. Coloco uma bermuda e me levanto. Vou para sala e paro na frente da janela, onde percebo os semáforos balançando lentamente. De repente, é como se eu entendesse Ricardo S. A infância com a família original em Agrônômica, a troca de pais em Porto Belo, a girafa e os vincos do dedo indicador como assombrações de uma vida inteira por conta desse momento. É uma explicação possível, mas sem qualquer fundamento. E não esclarece o porquê de ele se matar mais de 40 anos depois do provável episódio traumático de sua infância.

Respiro fundo e cerro o meu punho. Olho para os vincos do meu dedo indicador cerrado e encaro a árvore sem galhos de Ricardo S. Digo pra mim mesmo que sou um policial aposentado, não um psicólogo. Mesmo assim, não consigo parar de pensar no suicídio. Percebo o barulho do relógio da sala, são quase 5 da manhã. Volto pra cama e Janete está num estado entre o sono e a vigília. Eu me deito, ela resmunga algo e coloca o braço em volta do meu corpo.

Custo a dormir e me sinto angustiado. Amanhã direi a ela que não devemos mais nos ver.

Da janela

Camila tem o olhar perdido na paisagem, até que vê a casa amarela com a parede pichada. “O meu mais sincero foda-se” está escrito em letra cursiva. Ela se levanta, mas precisa passar por três pessoas no corredor. Com os olhos fixos no chão, pede licença. Ninguém a ouve. Irritada, empurra-os com a bolsa, conseguindo o caminho livre para descer do ônibus.

Na calçada, se sente culpada de ter sido rude. Tenta esquecer o ocorrido, mas agora se sente maculada. Subindo a rua de paralelepípedos sob o sol fraco, respira fundo e tenta mudar de pensamento. Não sabe o que vai falar na sessão hoje. Nunca sabe. Sente que o dinheiro da mãe está sendo jogado no lixo.

Chega no endereço e toca o interfone. O portão abre, ela atravessa o jardim e vai até a parte lateral da casa. Vilmar está na porta e estende a mão para ela. Camila o cumprimenta, mas não consegue olhar para seus olhos atrás dos óculos redondos. Como uma enguia, desliza entre a porta e Vilmar, atravessa o pequeno cômodo e se senta na poltrona. Ele fecha a porta e se acomoda.

Ela observa os próprios joelhos. Suas coxas se espalham para os lados. Se sente feia, como engordou tanto em tão pouco tempo? Mas está desviando o pensamento. Precisa achar algo para falar. Começar é o mais difícil, cortar o

silêncio. Vilmar olha para ela. Ela desvia o olhar para a mesa de centro, onde há uma estatueta azul de uma figura feminina em posição de lótus.

“Bem...”

Ele a observa.

“Bem... eu não tenho muito o que falar. Desculpa.”

“Não precisa se desculpar. É assim mesmo. Fala o que vier na cabeça.”

“Não sei, continua tudo a mesma coisa... ainda não achei emprego. Tá difícil conviver com a mãe de novo. No fundo eu sei que ela quer ajudar, mas a pressão que ela faz só deixa tudo pior. Eu não consigo explicar pra ela porque que eu tenho medo de fazer as entrevistas.”

“Você chegou a fazer alguma ?”

“Fiz só uma. Foi bem rápido. A moça do RH olhou meu currículo, perguntou se eu tinha rede social, se eu já tinha trabalhado com telemarketing e perguntou se eu fosse um animal qual eu escolheria.”

“E o que você respondeu?”

“Não lembro. Eu tava muito nervosa. Acho que disse que era um gato, mas o que importa? Ela disse que eu era qualificada demais para a vaga. Nunca me ligaram.”

“Não parece ter ido tão mal. Você deveria tentar outras vezes, procurar uma vaga mais adequada.”

“Eu sei. Sinto que tô sendo um peso pra minha mãe. Preciso fazer alguma coisa.”

“Duvido que ela pense assim.”

“Pensa sim. Eu consigo ver no olhar dela. No jeito que ela pergunta se eu não consegui nada ainda. Eu só dou despesa. A aposentadoria dela não é grande coisa.”

“Escuta, você não acha que tá se cobrando demais?”

“Não, eu só não quero atrapalhar... às vezes dá vontade de sumir.”

Os dois ficam em silêncio.

“O que mais?”

“Não sei.”

“Você teve algum sonho?”

“Sim, tive.”

“Conte, então.”

“Eu só me lembro de uma parte.”

“Tudo bem.”

“Bem, sonhei com meu irmão. Faz muito tempo que não vejo ele. No sonho eu tô sentada na grama e ele vem na minha direção. Sinto que minha bunda tá molhada e isso me deixa envergonhada. Ele chega com uma cara braba, como se eu tivesse feito alguma coisa errada. Ele também tava com uma barba grande, coisa que ele nunca teve. Daí, ele tira um papel do bolso e me entrega. Eu pego o papel e corto o dedo com a folha. Meu sangue suja o que tá escrito nela.”

“E o que tá escrito nela?”

“Eu não consigo me lembrar. Mas não era uma palavra, era mais um desenho.”

“Você consegue se lembrar do desenho?”

“Não consigo.”

“E o que você acha que significa o sonho?”

“Não sei. Achei esquisito eu sonhar com o Leonardo.”

“Vocês não se davam bem?”

“A gente nunca foi tão próximo, ele é filho do casamento anterior da minha mãe. Eu via ele pouco quando era criança. Ele era muito inteligente, mas sempre teve uma vida meio confusa.”

“Faz quanto tempo que você não vê ele?”

“Faz uns 5 anos. Lembro que um pouco antes de sumir ele me chamou na casa dele porque tava se desfazendo dos livros que tinha. Eu achei estranho, ele sempre gostou de colecionar livros. Mas eu fui lá e ajudei ele a levar as caixas pra um sebo. Ele me deu de presente uma edição antiga do Estrela da vida inteira, do Manuel Bandeira. Escreveu uma dedicatória, alguma coisa como ‘Para os que não deram certo’.”

“Você acha que você não deu certo?”

“Acho. Tô ficando velha e não sei o que fazer. É foda... desculpa o palavrão.”

“Você falou que ele sumiu. O que aconteceu com ele?”

“É uma história longa.”

“A gente tá aqui pra isso, não?”

“Tá. Passou um tempo e eu fui na casa dele de novo. Não lembro o motivo, mas lembro que levei um susto. Não tinha mais nenhum móvel lá. Só um colchão no canto e uma mesa na outra ponta. A única coisa que tinha em cima da mesa era um livro azul, escrito *Pensées* na capa. Como o apartamento dele era de um cômodo só, dava uma sensação de vazio muito grande. Sempre achei ele uma pessoa meio austera, mas aquilo era demais. Eu perguntei por que ele tinha feito isso. Ele disse que tava se preparando e que não precisava mais das coisas, que tinha doado tudo pra igreja.”

“Ele é religioso?”

“Não, é ateu.”

“Ele explicou para o que ele tava se preparando?”

“Sim, mas só uns tempos depois quando a gente se reencontrou. Ele me ligou pra combinar um café. Eu achei esquisito, ele nunca tinha me convidado pra tomar café. A gente se encontrou e de cara ele disse que ia se mudar. Eu perguntei pra onde. Ele disse que ia morar em uma cabana no interior, em Alfredo Wagner, que já tinha tudo pensado, que ia viver como o Thoreau, nas palavras dele. Aí ele falou que queria que eu contasse pra mãe. Eu achei o cúmulo, ele é que devia falar pra ela, mas ele me pediu como um favor. Eu disse que tudo bem, mas que era um absurdo o que ele tava fazendo.”

“E o que ele respondeu?”

“Ele falou que a vida era dele, foi meio grosso e eu falei algumas coisas ruins também. A gente acabou se desentendendo.”

“Foi a última vez que tu viu ele?”

“Não. Meses depois eu recebo uma ligação de noite. Era ele, falou que tava doente. Disse para pegar receita com a tia Marlene. Eu fiz as coisas sem entender muito bem. Cheguei de madrugada lá em Alfredo Wagner. O vizinho mais perto dele ficava a uns 5 quilômetros. A casa era muito pequena, era um barraco praticamente que só tinha uma cama. Eu não conseguia enxergar ele direito. Ele apontou pra um candeeiro, eu aproximei a luz e vi como ele tava magro, pálido e suando frio. Ele pediu os remédios. Eu falei que ia levar ele para um hospital, ele falou que não ia sair dali, que os remédios já seriam o suficiente. Perguntei se ele tinha comida. Ele falou pra não se preocupar. Disse que a mãe chorou quando eu expliquei a história pra ela. ‘Eu quero sumir’, ele me respondeu. Eu fiquei puta e falei que ia levar ele de volta pra Florianópolis. Ele jogou o candeeiro no chão e me chacoalhou. Não sei de onde ele tirou forças para isso.

“E o que você fez?”

“Eu comecei a chorar. Ele falou pra eu ir embora. Eu sai de lá e fui dormir na mãe. Uns dias depois ela insistiu pra que eu e ela fôssemos lá. Eu relutei, mas acabamos indo. A cabana tava abandonada. Fui até o vizinho ele não soube me dizer muita coisa.”

“Vocês não fizeram mais nada?”

“A gente chegou a ligar para a polícia, mas eles não sabiam nem por onde começar a procurar. Eles pediram uma foto para colocar na seção de pessoas desaparecidas. Eu sinto que eu podia ter feito alguma coisa naquele dia na cabana.”

“Você se sente culpada?”

“Um pouco.”

“Mas foi uma escolha dele.”

“Eu sei, mas mesmo assim...”

Camila cruza as pernas e pensa no que mais pode falar. Fica pelo menos dois minutos com os olhos fixos na estante cheio de livros coloridos de psicologia. Seus olhos passam para os pés de Vilmar, que usa uma sandália de couro. Camila olha de soslaio para seu rosto e, sem saber por que, se sente envergonhada.

“Não sei mais o que dizer.”

“Então... por que você acha que sonhou com o Leonardo?”

“Eu não sei.”

“E por que esse medo todo?”

“Como assim?”

“Você falou que se sentia envergonhada por causa da calça molhada e falou também que seu irmão estava com uma cara feia, com barba.”

“A cara é dele, como vou saber?”

“Não. A cara é sua. O sonho é teu. É como se fosse uma manifestação de ti.”

“Eu não sei, então.”

“Não sabe mesmo? Ou tem medo de dizer?”

Ela bota as mãos sobre o joelho e fecha um dos punhos. Respira fundo, sente os olhos lacrimejarem. Olha mais uma vez para a estatueta da mulher em posição de lótus.

“Olha, eu sinto que as sessões não tão rendendo muito e o dinheiro da minha mãe tá apertado....”

“Bem, acho que a gente tá fazendo algum progresso, faz poucos meses que tu começou, não seria bom parar agora.”

“É... acho que não.”

Camila olha nos olhos de Vilmar.

“A gente tem 20 minutos ainda. Tu não quer dizer mais alguma coisa?”

“Acho que não tenho mais nada pra dizer.”

“Mesmo?”

“Mesmo.”

“Tá certo... nos vemos na semana que vem, então?”

Ela esfrega as mãos nos joelhos.

“Eu quero encerrar.”

“Por hoje?”

“Não, encerrar o tratamento.”

“Por quê?”

“Eu não sei, não tá adiantando.”

“Olha... você não acha que tá fugindo do problema? A gente tá aqui para melhorar essa tua dificuldade de lidar com as pessoas. Não foi por isso que tu perdeu o emprego, se isolou, teve que voltar a morar com tua mãe? Acho que a gente precisa trabalhar isso.”

“Sim, eu tenho esse problema... mas não sei... é... acho que eu preciso resolver ele sozinha.”

Os dois ficam parados por alguns segundos. Vilmar não entende muito bem o que está acontecendo, até que Camila se levanta, limpa a lágrima que escorre na bochecha, abre a bolsa e tira o dinheiro da consulta. Ele se levanta e eles se cumprimentam.

“Obrigado por tudo e desculpa por desistir.”

“Tudo bem, não tem problema, tu tem que parar de pedir tanto desculpa. Tenta não se isolar. Se um dia precisar falar comigo estou aqui.”

“Tá bom. Obrigado mais uma vez.”

Ela sai da casa, percorre o jardim e, pela janela, Vilmar abre a portão usando o controle remoto. Ela desce a rua, com pensamentos ainda confusos, e pega o ônibus de volta para a casa. No caminho, passando por um bairro mais pobre, seus olhos param em uma cabana velha. De uma janela emana uma luz fraca e amarelada. Uma silhueta se move. Não consegue ver mais do que isso.

Já está escuro quando desce do ônibus e sente frio ao abrir o portão de ferro. Entra, pergunta se tem alguém em casa. Ninguém responde. Vai até o quarto escuro da mãe e a vê deitada na cama. Toca no seu braço e, devagar, as pálpebras da mãe se descolam dos olhos pequenos e molhados. Pergunta se está tudo bem, ela diz que sim e que deixou a janta dentro do fogão. A filha agradece e aperta as mãos enrugadas da mãe, que se vira e volta a fechar os olhos.

Ela vai até seu quarto e se senta na cama. Prefere não ligar a luz. Em cima de si há uma prateleira com bichos de pelúcia velhos. Olha para os joelhos, para as mãos e tenta entender o que está sentindo. Vê o amontoado de canetas, cadernos, revistas, perfumes, produtos para o cabelo que tomam conta da escrivaninha. Respira fundo, se levanta, passa pelo quarto da mãe e confere se ela está dormindo. Volta para o quarto, pega 3 mudas de roupa, produtos de higiene, toalha, documentos e o celular. Abre a carteira e conta 72 reais. Escreve um bilhete dizendo que sente muito e deixa embaixo do vaso que fica em cima da mesa da sala. Chora por alguns segundos em silêncio, escorada no sofá. Gira a maçaneta da porta que dá para a rua.

Fecha o portão, atravessa a rua e espera no ponto de ônibus. Olha uma última vez para a casa. Sua mãe a observa da janela. O ônibus passa. Não sobe. Ajeita a mochila no ombro e volta.

“Tá maluca, minha filha?”

Ela finge que não ouve. De maneira discreta, pega o bilhete embaixo do vaso e guarda no bolso.

“Vou esquentar a comida, tu deve tá com fome.”

“Tá bom. Obrigada, mãe.”

Espiral

Senti frio quando saí do carro e por isso voltei para pegar um casaco. Olhei para o céu púrpura e, sem saber por que, fiquei um pouco deprimido. Já passava da meia-noite quando entrei no Centro Integrado de Cultura para ver o último filme do *I Festival de Cinema do Leste Europeu*. Amanhã cedo teria que estar no escritório, mas já não me importava muito.

Olhei para o relógio do celular e vi que cheguei cedo demais. Decidi então dar uma volta no centro cultural. O prédio é formado por um quadrado de corredores, onde na face frontal há um café já fechado e uma passarela que leva para o teatro no segundo andar; na face esquerda as oficinas de arte e o museu de artes visuais, os dois fechados; nos fundos a bilheteria do teatro e a sala de cinema, onde noto um cartaz de *Um corpo que cai* e na face direita a sede da fundação de cultura, a biblioteca de artes e o museu de imagem e som, todos também fechados.

De volta à parte da frente, olhei mais uma vez o relógio e, resignado, repeti o mesmo trajeto para ficar próximo à sala de cinema. Ao seguir mais uma vez pelo lado esquerdo, contudo, notei um aglomerado de pessoas vindo em minha direção. Todos quietos, olhando para baixo, não parecendo vivos. Imaginei que eram pessoas que estavam assistindo o filme da sessão anterior.

Entrei na sala, que estava praticamente vazia. Só havia um senhor que me deu um olhar estranho e um casal de meia idade que não consegui ver os rostos. Desci as escadas e escolhi um lugar mais ao centro possível para ter uma visão boa da tela. Me sentei, coloquei o casaco e escorreguei na poltrona. As luzes se apagaram e o filme em preto e branco começou a rodar. Os letrados estavam em uma língua que não conhecia. Na tela, soldados incendiavam uma choupana e uma garota nua fugia. Surgiu o título filme: *Pakt s ďáblem*.

Já longe da choupana, a garota do filme a atravessou um lago. Dava para ver apenas sua cabeça com os cabelos loiros boiando na água. Ela se afastou do lago e adentrou uma floresta, onde encontrou uma cabana antiga de pedras. Dentro da cabana, ela se deparou com uma senhora de idade. Nesse momento, me dei conta de que não havia legendas no filme. Depois de conversarem, a jovem vestiu uma túnica, a senhora bateu com um ramo de folhagens em uma das mãos da jovem, que parece ferida com uma queimadura, e marcou um xis em sua testa. Em seguida, a senhora entregou uma adaga para a jovem enquanto proferiu uma espécie de sermão. Nesse momento, me repositonei na poltrona e acho que comecei a piscar longamente.

A jovem saiu da casa, se afastou da floresta e se aproximou de uma cidade que um dia foi medieval. Nas bordas de uma muralha, ela abriu um bueiro e desceu em uma rede de esgotos. Ela caminhou por várias galerias até que achou uma outra tampa de bueiro. Subiu, abriu a tampa e percebeu que se encontrava dentro de um castelo. Ouviu música e murmúrio de pessoas

conversando. Todos os presentes usam máscaras de carnaval, a maioria delas com narizes que se pareciam com bicos de pássaro. Ela guardou a adaga dentro da túnica e seguiu pelos corredores. Viu-se em uma sala central um monarca que bebia de um líquido escuro de um crânio. Enquanto isso, ela foi avançando nos cômodos, que num percurso em espiral iam se afunilando em direção a esta sala do monarca. Quanto mais ela se aproximava, mais lotado iam ficando os aposentos, a ponto de que ela precisou usar os cotovelos para atravessar a massa de convidados. Viu-se de forma cada vez mais detalhada o rosto contorcido do monarca, as máscaras dos convidados embriagados, o brilho das pedras encrustadas no cabo da adaga, o olhar oblíquo da garota. Quando ela pareceu chegar no salão principal, em um susto, a imagem do filme se dissolveu e a película queimou.

A luz da sala de cinema não se acendeu. Esperei por um instante, mas nada aconteceu. Olhei para atrás e vi que não havia mais ninguém. Me levantei e fui até a sala de projeção. Bati na porta, nenhum sinal. Decidi abri-la e descobri que não havia ninguém lá. Confuso, saí da sala de cinema e pensei em ir embora.

Avistei mais uma vez o cartaz de *Um corpo que cai*, a entrada do museu de artes visuais e as salas das oficinas de arte. Na curva entre os corredores, me vi diante de uma escuridão estranha. Quando dobrei para chegar na saída do centro cultural, tomei um susto e me deparei novamente com o corredor da sala de cinema. Achei esquisito, talvez estivesse sonolento. Avancei mais uma

vez pelo corredor da sala de cinema, vi o cartaz de *Um corpo que cai*, entrei outro corredor, vi a entrada do museu, as oficinas. Fiz a curva escura e meu corpo foi tomado por um calafrio. No lugar da saída do prédio, avistei mais uma vez o corredor da sala de cinema.

Com raiva, comecei a correr o mais rápido que pude, passei quatro vezes pelos mesmos dois corredores, o do cinema e o do museu. Ofegante, botei a mão no joelho e tentei entender. Escorei minhas costas no portão de vidro da entrada do museu e me sentei por um instante. Senti vontade de chorar, mas me contive.

Lembrei de que tinha o celular no bolso, poderia ligar para alguém me socorrer, mas logo que desbloqueei a tela vi que ele estava sem sinal. Eram 3h33. Não fazia sentido pelo tempo que passei na sala de cinema. Me levantei mais uma vez e comecei a examinar outras possibilidades. Tentei abrir a porta automática de vidro do museu, mas por mais força que fizesse, não consegui movê-la. Em seguida, corri e me joguei contra a porta, na expectativa de estilhaçá-la. O choque produziu um barulho surdo e fez vibrar toda a superfície de vidro, que não rachou. Caí no chão sentindo uma dor forte no ombro.

Gastei alguns minutos me recuperando. Me levantei e comecei a caminhar lentamente procurando por algum detalhe. Tive uma ideia estúpida, mas que não custava tentar. Experimentei fazer o caminho inverso, ou seja, sair do corredor do museu e das oficinas, dobrar para o corredor da sala de cinema e ir em direção ao corredor da direita do edifício, onde se encontra a

fundação de cultura, a biblioteca e o museu de imagem e som. Andei a passos lentos, virei a esquina escura entre os dois corredores e, decepcionado, me vi novamente no corredor do museu e das oficinas de arte.

Na frente do museu, notei a porta de um banheiro feminino que estava trancada. Ela dava para o interior do edifício, então não seria de grande utilidade, mas pelo menos teria acesso a água. Dei algumas vezes com os pés perto da fechadura da porta com o objetivo de quebrá-la, mas só consegui machucar a pintura. Sem saber o que fazer, cansado, resignado, me sentei em uma das poltronas do corredor. Botei as mãos na cabeça e tentei entender. Comecei a aceitar a ideia de que teria que passar um bom tempo ali. Uma hora iria sentir fome, sono, sede. Seria uma morte horrível, pensei. De repente, senti frio e me lembrei do casaco dentro da sala de cinema. Voltei para pegá-lo.

A sala estava escura, fora a luz branca do projetor iluminando a tela. Desci as escadas e fui até a fileira onde tinha me instalado. Me aproximei e decidi me sentar. Vesti o casaco e passei alguns segundos observando a luz branca na tela com os restos de película. Ouvi o barulho sutil do projetor, deslizei na poltrona, fechei os olhos, abri-os novamente, encarei a tela. Tive uma ideia.

Entrei mais uma vez na sala de projeção. Nunca mexi em película, mas no desespero precisava dar um jeito. Depois de experimentar algumas partes mecânicas do projetor, consegui tirar o filme. Já tinha visto película queimar e por isso sabia que os projecionistas conseguem fazer remendos. Olhei em volta

da salinha e achei em um canto a mesa de corte. Coloquei as duas partes de película dentro do mecanismo. Procurei pela cola, achei-a em um armarinho. Pressionei o mecanismo e puxei um pouco a película para ver se está firme. Foi mais fácil do que imaginava. Tirei a película do mecanismo e quebrei um pouco a cabeça para colocá-la de volta no projetor. Depois de algumas tentativas, consegui. Saí da salinha, desci as escadas e me senta na poltrona onde estava. Acomodado, senti um cansaço no corpo, dei piscadas longas e relaxei.

Os olhos levemente puxados da garota do filme preenchiam toda a tela. Sua mão tirou a adaga de dentro da túnica. O monarca olhou para o lado e parou de rir. O crânio com o líquido escuro rolou pelo chão. Caído, o corpo obeso tinha a adaga cravada no peito. Instantaneamente, os convidados mascarados desapareceram, como se fossem fantasmas.

A moça sentiu um formigamento na mão queimada e deixou a adaga cair no chão. Notou que seu braço foi ficando escuro. Lembrou do olhar malicioso da senhora da floresta. Aos poucos, a cor negra ganhou o tronco, as pernas, o outro braço, o pescoço, a cabeça. Ela caiu no chão rígida e se quebrou como pedra. Em um close-up viu-se o rosto dela rachado ao meio. Um letreiro se sobrepôs a imagem: *Konec*. A tela ficou preta.

As luzes se acenderam. Olhei para trás e lá estavam o velho e o casal de meia idade sentados. O velho se levantou e saiu da sala. Fiz o mesmo. Subi os degraus, atravessei a porta, ganhei o corredor, observei o saguão vazio, passei

pelo cartaz de *Um corpo que cai*, vi o museu de artes visuais, as oficinas de arte, fechei os olhos e fiz a curva escura entre os corredores.

Ao abrir os olhos, vi o velho saindo pela porta principal do Centro Integrado de Cultura. Um vento gelado entrou no prédio. Segui a mesma direção e saí. Desci o pequeno lance de escadas, olhei para o céu púrpura e para os postes com formato esquisito da Avenida Beira-mar. Abri a porta e entrei no carro. Não parecia verdade.

Dirigi devagar pela avenida. Não havia mais nenhum carro circulando. O rádio estava tão baixo que mal dava para entender a música que tocava. Meus olhos umedeceram. Não sabia por que, mas segurei com força o volante. Fazia muito tempo que não me sentia assim, livre

Sem fim

O calor de verão me deixa um pouco irritado. Olho celular, ainda não são 22h00. Subo a escada do ônibus e sinto o ar condicionado bater na minha cara. Enquanto atravesso corredor, ajeito a mochila nas costas. Checo o número da poltrona e me sento. Relaxo.

O barulho do motor desvia minha atenção para a janela. A rodoviária é feia de noite. Olho o motorista colocando as malas dos passageiros. Sua camisa social é de um branco muito brilhante, como se fosse de publicidade. Não sei por que, mas penso nos meus pais. Devo vê-los de novo só daqui a quatro meses, na páscoa, mesmo que Florianópolis não seja tão longe.

Tomo um susto quando o ônibus começa a dar a ré. Por sorte, ninguém se senta ao meu lado. Boto o cinto, inclino a poltrona e checo o celular mais uma vez, por impulso. Aos poucos, vamos nos afastando do centro de Lages e começamos a passar pelos bairros mais pobres. Não guardo nenhum carinho pela cidade, mas também não gosto de Florianópolis. Acho que nunca me senti parte de algum lugar.

O ônibus entra na rodovia. Me sinto meio mal, pois lembro que amanhã é segunda-feira e que tudo começa de novo. Mais uma semana, mais um ano. Até quando? Todos falam que fui muito sortudo de ter conseguido o emprego

na Soft Gear e no começo eu também achava. Só que agora me sinto num inferno. Cheguei a conclusão de que não nasci para ser programador.

Percebo que o ônibus ficou silencioso. Todos parecem dormir, tirando uma moça loira que tem o rosto iluminado pela luz do celular. Eu deveria tentar dormir também, mesmo sendo apenas 3 horas de viagem. Me viro de lado e fecho os olhos. Tento ficar quieto por alguns minutos, mas não consigo apagar. Me viro para o outro lado, tiro os tênis, não adianta. A sensação ruim não passa. Tudo de novo, os números passando no calendário.

E quem sabe se eu não voltar? Um caminhão poderia fazer uma ultrapassagem proibida e chocar de frente com o ônibus. Seria um alívio para todo mundo, acho. Ou pelo menos para mim. Boto os fones de ouvido e tento me distrair. Ouço uma música instrumental que se mistura com o barulho do motor do ônibus. Sem perceber, apago.

*

Acordo com um gemido. Minha cabeça arde, tento entender. Percebo que estou de cabeça para baixo e o cinto me segura. Está tudo escuro, mas consigo ver várias pessoas deitadas no que seria o teto do ônibus. Acho que os gemidos vêm daí. Passo a mão na minha cabeça e sinto uma coisa molhada. Aperto no botão do cinto de segurança, mas ele não destrava. Chacoalho, faço força, até que ele desprende. Me seguro para não cair no teto em cima dos outros. Ponho

os pés lentamente na superfície e um braço bate na minha cabeça. Alguém pede por ajuda, mas não sei o que fazer, só quero sair dali. Vou andando devagar em direção a parte da frente do ônibus e acabo pisando em muitas pessoas. Vejo que o parabrisa está estilhaçado. Tiro minha camiseta, enrolo ela na minha mão e tento abrir mais o buraco. Coloco a camiseta de volta atravesso o vidro. Quase caio por pisar em falso em um terreno íngreme.

Não dá para ver nada aqui fora, só que estou em um ponto abaixo da rodovia porque ouço passar um caminhão. Vejo um flash de luz se acender mais a frente. Agora se tornou uma ponta luminosa. Vou em direção a ela. Com receio, pergunto se tem alguém ali. Ninguém responde. Me aproximo lentamente e consigo distinguir uma figura humana no meio da escuridão, graças a camisa social branca que ele veste.

“Oi” – digo, sem convicção.

“Então restou um.”

“O que houve?”

“Não sei, acho que dei uma piscada longa. Foi rápido, tentei recuperar, mas não deu de desviar do barranco.”

“Eu não acredito que isso tá acontecendo.”

“Nem eu.”

“Tu já ligou para alguém?”

“Não. Perdi meu telefone.”

“Espera, acho que o meu tá aqui.”

Apalpo os meus bolsos e encontro o celular. Aperto o botão e vejo que ele funciona. Entrego o aparelho. Ele fala baixo, usa poucas palavras, precisa repetir o ocorrido para que a pessoa no outro lado da linha acredite. Consigo pela primeira vez ver os olhos dele, parecem vidrados. Terminada a ligação, ele me devolve o celular.

“Tu fuma?” – ele me pergunta.

“Não, mas quero um.”

Me sento do lado dele, ele bate com os dedos na caixa e tira um para mim. Eu faço uma concha com as mãos e ele acende o isqueiro. Dou uma tragadas e tusso forte. Minha garganta queima. Insisto no cigarro e aos poucos vou me acalmando.

“Eles falaram que devem chegar em torno de uma hora. Eu não te perguntei, tu tá ferido?”

“Um pouco, mas tá tudo bem, não tô sentindo nada.”

“Eu saí ileso.”

“Que sorte.

“Acho que preferia ter morrido... minha vida acabou.”

“Eu ouvi uns gemidos quando saí, deve ter gente para salvar. Vamos ver.”

“É melhor não mexer em ninguém, pode piorar os traumas. O ônibus não tem perigo de pegar fogo. Daqui a pouco eu vou ali conferir o estado deles.”

Terminamos de fumar, o motorista apaga o resto de cigarro na terra e se levanta. Eu boto a cabeça entre os joelhos e fecho os olhos.

*

O corte na minha cabeça não foi sério, mas acharam melhor eu passar a noite no hospital, pelo menos é o que lembro. Acho que estou em Bom Retiro, não tenho certeza. Continua fazendo muito calor e o curativo incomoda. Não sei que horas são, mas é de madrugada. Despertei porque ouvi alguém falando no corredor. Me ergo e sinto a cabeça arder bastante. Saio da cama e ando devagar em direção à luz. Percebo que estou usando roupa de hospital. Atravesso o corredor e ando em direção a um quadro brega com a figura de Jesus Cristo. Chego na recepção e, fora a televisão no volume baixo, não há mais nenhum barulho. Vejo duas figuras, uma apoiada na outra, dormindo nas cadeiras. São meu pai e minha mãe. Me aproximo, mas não sei se devo acordá-los. Acho que percebendo minha aproximação, o pai despertou.

“Meu filho...”

Ele cutuca minha mãe, que acorda assustada. Os dois se levantam e me abraçam com força. Ela começa a chorar.

“É um milagre. Quase todo mundo se foi.” – falou meu pai.

“Como vocês chegaram aqui?”

“A companhia de ônibus ligou para a gente. Tu não sabe o tumulto que tava antes. Tu não deve ter ouvido nada, tava sedado” – disse minha mãe.

“O que aconteceu?”

“Ah, tinha jornalistas, famílias, o pessoal da companhia de ônibus. Foi uma bagunça, quiseram linchar o motorista. Ele foi levado para a delegacia.” – disse meu pai.

“Sim.” – respondo sem saber o que dizer.

“Acho melhor tu voltar a dormir, não vão te liberar hoje. A gente queria estar aqui quando tu acordasse para ver se tava tudo bem. Vou ver se tem algum hotel aberto, senão a gente dorme no carro. Tu tá sentindo dor?” – perguntou meu pai.

“Não muita.”

A enfermeira faz uma cara séria para nós três dando a entender que estávamos conversando muito alto. Saímos da recepção e paramos na escada em frente à fachada do hospital.

“Vão dormir. Eu tô bem.”

“Tem certeza? A gente pode ficar aqui” – disse minha mãe – “foi um choque muito grande.”

“Tá tudo bem. Vão. Sério.”

Eles me abraçam forte e descem as escadas. O pai desliga o alarme de sua camionete e eles somem no escuro da cidadezinha. Fico parado por um instante, sem saber o que fazer. Não ouço nenhum barulho. Tudo está morto. Sinto vontade de chorar, mas me contenho.

“Ei... tu não pode ficar aí fora. Volta para o quarto.” – diz uma enfermeira.

“Já vou.”

Subo as escadas e atravesso a recepção. Passo mais uma vez pelo quadro de Jesus, entro no quarto e me deito na cama. Fecho os olhos, mas não durmo. Olho para o teto e vejo uma mancha de umidade tomando conta de um dos cantos. Uma gargalhada ecoa pelas salas. Quero desaparecer. Foi minha culpa.

Mar de cinzas

O táxi faz a curva que margeia a orla e estaciona na frente do hotel. É uma noite de vento forte. Ele paga o taxista e quando desce pisa em uma poça d'água suja. Ajeita a mochila, abre a porta da recepção escura. Atrás dela espalham-se meia dúzia de chalés que servem de quartos para hóspedes.

Não há ninguém no balcão para atendê-lo. Passa as mãos nos cabelos grisalhos para penteá-los, um gesto que faz quando se sente nervoso. Bate palmas. Uma movimentação se faz na sala da parte de trás. Uma senhora de cabelos desgrenhados e andar lento, aparece.

“Boa noite, eu fiz uma reserva. Meu nome é Caetano.”

Ela olha assustada, parece reconhecê-lo.

“Caetano?”

“Sim, Caetano. Eu fiz a reserva. Pra um dia só.”

Ela desperta de um transe e pega o caderno da recepção.

“Sim, a reserva tá aqui.”

“Eu quero a cabana número seis.”

“A seis?”

“Sim, a seis.”

“Tem certeza?”

“Absoluta. E eu prefiro pagar agora. Não quero incomodação pra depois.”

“Mas... é... a gente prefere que os pagamentos sejam feitos no check-out.”

“Eu insisto.”

“Tá certo.”

A senhora passa o cartão na máquina e entrega a via do comprovante. No armário, tira as chaves do quarto. Ela olha para o molho, hesita e, como se fosse se arrepender do que está fazendo, entrega para ele.

“Olha, Caetano, eu não quero problema aqui.”

“Eu entendo.”

Ele sai da casinha e segue o caminho de pedras que contorna a recepção e vai dar nos chalés. Faz frio e ele consegue o barulho do mar ao fundo. Imagina que seja o único hóspede já que é baixa temporada. Passa por alguns chalés até que chega no de número 6. Bota a chave na fechadura.

Sente um cheiro de coisa guardada há muito tempo. Acende a luz e examina o cômodo. Na parte da frente, há um sofá cinza, uma TV de tubo, uma mesa de madeira e uma lareira. Nos fundos, o banheiro, um frigobar, uma pia e as escadas que levam para o quarto no andar de cima. Uma viga atravessa o teto da sala. Ele passa os olhos por ela até encontrar a parte rachada. Franze a testa quando a reconhece. Relaxa, joga a mochila no sofá e tira o casaco, já que faz calor ali dentro.

Liga a televisão. Deixa em um canal em que está passando um filme em preto e branco. Em uma festa de ano novo, uma moça de cabelo curto parece

pensar em alguém e tem um sorriso triste. Ele se levanta e vai até o banheiro. Duas bitucas de cigarro boiam no vaso sanitário. Evita se olhar no espelho. Lava as mãos, mesmo que já estejam limpas.

Volta para a sala e vai em direção à mochila, tira papel e caneta e coloca na mesa. De repente, batem na porta.

“Sim?”

“Só queria saber se está tudo certo aí.”, diz a senhora.

“Tá sim. Eu só preciso de privacidade.”

“Olha, Caetano, eu posso chamar a polícia.”

“Não faça isso. Agora com licença.”

Ele fecha a porta, vai até a mochila e tira uma corda grossa. Em seguida, vai até a cozinha e pega uma banqueta. Posiciona ela bem embaixo da viga, alinhada à parte rachada. Joga a corda para cima deixando ela pendurada. Volta para mesa, onde está o papel e caneta, senta-se e antes de começar a escrever, olha bem para a viga, a corda, a banqueta, como se quisesse gravar na memória a cena montada.

Faz exatamente um ano desde que tentei. Escolhi um hotel calmo em uma praia que eu sempre visitava quando criança, e que nunca tive a oportunidade de levar meus filhos. Naquela época eu achava que tudo estava acabado, mas acordei em um hospital envergonhado do que tinha feito.

Tento me lembrar dos motivos. Não são muito claros. Eu estava afundado na bebida e tinha perdido o emprego. Trabalhar debaixo do mar é perigoso, mas eu estava acostumado com a adrenalina e eu acho que eu queria sumir naquela escuridão. Não sei por que, mas foi mais ou menos nessa época que comecei a beber de verdade. Me afastei de todos e aos poucos perdi tudo. Não demorou muito para eu reservar o quarto e subir na corda. Acho que alguma coisa dentro de mim morreu ali naquele dia. Hoje vejo meus filhos a cada 2 finais de semana, nunca mais entrei no mar, não boto uma gota de álcool na boca.

Não sei direito para quem escrevo isso. Mas precisava sentir que estou aqui.

Caetano vai até a lareira e acende uma brasa. Começa a alimentar o fogo até ele ficar alto. Pega a carta na mesa. Vai embaixo da viga e puxa de volta a corda. Se ajoelha em frente à lareira e coloca a carta e a corda sobre o fogo. O papel chamusca, o fogo crepita e aos poucos a página vira cinzas. A corda resiste, mas por fim enegrece e se desfaz. Ele apaga o fogo, se levanta, desliga a televisão, bota a banqueta de volta na cozinha, pega sua mochila e dá uma última olhada para o cômodo. Apaga as luzes. Sai andando pelo caminho de pedras. Entra na recepção.

“Senhora, tá aqui a chave da cabana. Eu peço desculpas por qualquer incômodo. Tenha uma boa noite.”

Ela olha para o molho de chaves em sua mão. Não fala nada. Não entende.

Caetano sai da recepção. Começa a garoar. Pensa em chamar o táxi, mas decide andar um pouco. Vai até à calçada de frente para o mar. As ondas batem nas pedras. Fecha os olhos. Sente medo que possa perder seus filhos um dia.

De um leito

Consegui dormir muito pouco esta noite. Desde o telefonema de ontem minha cabeça não parou de dar voltas. Cláudia, a suposta mulher de meu pai, falou que ele está hospitalizado e não teria mais muitas horas de vida. Perguntou se eu queria visitá-lo e, caso quisesse, que o fizesse rápido. Eu não achei uma resposta para dar na hora, mas agradei o telefonema, mesmo que tarde, e fui me deitar, com uma sensação esquisita no peito. Acordei muitas vezes durante a noite, fui até a sacada da sala do meu apartamento e olhei a rua vazia em frente ao prédio. Às seis da manhã desisti de dormir. Me levantei, tomei um banho e me servi um café preto. Faz quinze anos que não vejo meu pai. Cinco anos atrás ele me ligou uma vez, pedindo desculpas por tudo, mas eu apenas ouvi e não falei nada. Ele queria me ver, eu neguei. Desde que ele abandonou eu e minha mãe sem avisar, quando eu tinha catorze anos, saindo de casa para comprar pão para nunca mais voltar, eu prometi que nunca mais o veria. Contudo, neste momento, estou aqui na minha cozinha, olhando dentro da xícara de café preto e decidindo que vou ao encontro dele por uma última vez.

Meu pai mora em Capão Alto, uma cidade muito pequena na Serra Catarinense. Ele tem um sítio lá, segundo me falou no telefonema de cinco anos

atrás. Cláudia me disse que ele está em um hospital em Lages, já está desacreditado, com os aparelhos retirados em uma UTI depois de ter tido um AVC. Eu desço as escadas do prédio onde moro e vou até a garagem, que fica abaixo do nível da rua. Está amanhecendo, faz frio e alguns carros passam sobre minha cabeça. Eu entro no meu Gol cinza quadradão, boto o cinto de segurança e ligo o carro. Fico parado na mesma posição por cinco minutos, esperando o motor a álcool aquecer. O cheiro de combustível se mistura com o frio e com o barulho de pássaros nas árvores no fundo do condomínio. Tendo esquentado o motor, dou a ré, percorro a rampa da garagem e entro na rua principal da Trindade, bairro onde moro em Florianópolis.

O movimento na rua começa a aumentar, com as pessoas se deslocando para seus trabalhos, mas mesmo assim eu dirijo lentamente. A dor esquisita no peito aumentou e eu me sinto como se estivesse dirigindo um veículo que se despedaçaria caso eu andasse rápido demais. Eu entro na Beira-mar e vejo pela primeira vez a baía norte. O mar está encrespado, o que combina com o céu nublado e o tempo frio. Eu passo por toda a avenida e vou em direção às pontes que ligam a ilha ao continente. Enquanto dirijo, mexo rapidamente no celular calculando quantas horas demorarei daqui até o Hospital Tereza Ramos em Lages. O aplicativo diz que demorarei três horas e vinte minutos, o que faz com que eu chegue por volta das dez horas da manhã no destino. Talvez meu pai já não esteja vivo quando eu chegar lá.

Eu ligo o rádio e boto em uma estação com o volume baixo. Ainda assim, me irrita. Parece errado ouvir música nesse momento, então desligo o rádio e me concentro na estrada. Dirijo em uma velocidade lenta, pois a Via Expressa está com bastante tráfego. Há muitos caminhões nas pistas e, um pouco ansioso, eu espero logo pegar a saída que dá na BR-282 em direção à Lages.

A BR-282, de pista simples, está mais vazia. Aos poucos vou me afastando da área urbana da região e começo a ser cercado de árvores e morros. Volta e meia surge um outdoor de motel ou de restaurante de beira de estrada. Não sei por que, mas a observação de um desses outdoors me fez lembrar de um aniversário que tive quando era criança, talvez pelo bolo redondo fotografado. Eu ia fazer onze anos, a festa era no salão de festas no fundo do prédio onde a gente morava. Entre o prédio e o salão havia uma grande área cimentada onde as crianças corriam umas das outras. Eu estava entre essas crianças, mas constantemente olhava para o meu pai, na tentativa de entendê-lo. Ele estava dentro do salão, sozinho, fumando um cigarro e bebendo uma cerveja. Meu pai é bastante magro, tem um bigode acinzentado e cabelos curtos. A pele é queimada só no rosto e nos antebraços, ele nunca gostou de praia. Ele parecia separado do aniversário. Todas as pessoas estavam animadas, mas ele mantinha seu semblante fechado, como se tivesse escondendo alguma coisa de mim.

Chegou a hora de soprar as velinhas. Meus amigos se aproximaram de mim e minha mãe botou as duas mãos sobre os meus ombros. Meu pai não se

levantou da mesa em que estava. Depois que cantamos o parabéns vi que ele discretamente olhou para o relógio de pulso. Minha mãe foi e voltou em minha direção com um presente na mão.

“É meu e do seu pai, eu te amo, filho.”

Abri pacote com voracidade, era um jogo de tabuleiro que eu tinha visto na loja e que queria muito, um jogo de labirinto. Abracei minha mãe e pensei em ir até a mesa e abraçar o meu pai, mas por algum motivo me senti constrangido. Ele então me encarou, deu uma tragada no cigarro, se levantou e saiu dali.

Passa um tempo, checo o celular e vejo que percorri metade do caminho até Lages. Gosto de ver como a vegetação vai mudando. Aos poucos as araucárias vão aparecendo e de repente me deparo com o trevo que vai em direção à São Joaquim, logo depois de Bom Retiro. Sigo reto em direção à Lages, mas outra memória me vem na cabeça. Eu era menor ainda, devia ter uns 8 anos. Naquele ano, minha mãe insistiu que queria ver neve pela primeira vez. Fazia um inverno frio e as chances de cair neve na Serra Catarinense eram boas, dizia o noticiário. Por isso, em um final de semana, eu, meu pai e minha mãe fomos de Chevette branco até São Joaquim. A ideia era chegar sexta-feira de noite e voltar domingo de manhã.

Chegamos um pouco antes das onze da noite e nos instalamos no hotel, todo feito de madeira. O quarto só tinha uma cama de casal, por isso, improvisaram um colchão pra mim. Minha mãe estava animada e não parava

de olhar pela janela. Meu pai sentou-se na cama, ligou a TV baixinho e esperou começar o jornal da noite.

Nós acordamos antes do sol nascer e saímos do hotel. Fazia muito frio, o termômetro marcava um grau e a gente não tinha roupa quente o bastante para isso. Nós nos sentamos na praça central da cidade e tomamos um café de uma garrafa térmica que a mãe tinha preparado. Meu pai começou a fumar um cigarro e parecia um pouco mal humorado, como de costume. O tempo foi passando, a gente foi ficando com cada vez mais frio, o sol apareceu e nada da neve.

De noite, repetimos o ritual. Parecia fazer mais frio ainda, por causa do vento. Minha mãe ficou com medo que gripássemos, mas sua expectativa de ver pela primeira vez a neve a fazia se esquecer um pouco das preocupações. Deu meia noite e nada de neve. Batemos uma foto na frente do termômetro da praça, que sinalizada zero graus e corremos para o hotel para nos aquecer.

A manhã de domingo era nossa última chance. Contudo, meu pai acordou mal, estava com resfriado. Ele falou para eu e minha mãe irmos para a praça, mas ela se sentiu culpada e todos passamos a manhã toda no quarto do hotel. Deve ter sido nesse momento que eu entendi pela primeira vez o comportamento que meu pai sempre teve. Ele estava furioso de ter se resfriado, mas em nenhum momento admitia isso. Apenas fechava a cara e respondia nossas perguntas de maneira monossilábica. Com o passar dos anos eu percebi que agia da mesma maneira quando estava contrariado. Guardar a raiva era

ruim, mas com o tempo eu fui me acostumando. Partimos para Florianópolis no começo da tarde sem ter visto neve. A volta para casa foi silenciosa.

Olhei mais uma vez o celular, faltavam dez minutos para as dez horas. Eu estava próximo de Lages e começava a ficar ansioso. Minha cabeça não estava ali. Quando entrei na cidade, precisei utilizar o aplicativo de GPS para me orientar. Eu nunca tinha vindo a Lages. É uma cidade maior do que eu imaginava e bastante movimentada. Passei na frente da catedral, feita de pedra e pensei que desde a adolescência não acredito em deus, mas nesse momento me perguntei se não seria bom rezar um pouco. Segui mais adiante e estacionei na frente do hospital. A dor no peito continuava e agora eu sentia meu estômago sensível. Era só nervosismo, eu sabia, e essa sensação era acompanhada por uma autoconsciência de cada gesto que eu fazia, como se eu soubesse que esse dia ficaria marcado na minha memória por muito tempo. Antes de entrar no hospital, contudo, me veio à cabeça o telefonema que ele me deu cinco anos atrás.

“Alô?”

“Filho.”

“Oi.”

“Faz muito tempo que queria falar contigo, mas só agora tive coragem, não tô mais morando em Florianópolis, tô em Capão Alto, num sítio.”

“Eu não tenho nada pra ouvir de ti.”

“Eu só quero 5 minutos.”

“Faz como tu quiser.”

“Eu queria te pedir desculpas. É o mínimo que posso fazer. Eu tinha minhas razões na época. O meu casamento com a tua mãe já tinha acabado faz meses, eu só queria sumir. Eu sei que fui covarde, eu deveria ter falado com vocês antes de ir embora, mas eu não tinha coragem de admitir que tinha formado outra família em outra cidade. Pra não ver tua cara de decepção, eu preferi simplesmente ir embora. Hoje eu vejo que não foi uma boa escolha, eu te negligenciei e passei anos me torturando por causa disso. Nos últimos meses decidi que ia passar minha vida a limpo e não tinha como não falar contigo se quisesse fazer isso. Eu não espero que tu me perdoe, mas eu precisava pelo menos ser ouvido. É isso.”

“Ok.”

“Ok?”

“Eu ouvi o que tu tinha para dizer.”

“Tá bom.”

“Eu vou desligar. Adeus.”

“Tchau, eu te amo. Queria te ver um dia.”

“Não.”

Lembro-me até hoje da sensação que tive quando coloquei o telefone no gancho. Batia um sol frio na sala. Umas crianças brincavam na rua e falavam alto. Eu achei que nunca mais ia ouvir a voz do meu pai. Eu fiquei mexido, mas fiz de tudo para não aparentar que estava assim. Acho que eu era muito

orgulhoso, mas o que ele fez foi imperdoável. Eu nunca contei para minha mãe que ele tinha ligado. Passei muitos dias com as frases que ele me disse na cabeça. “Pra não ver tua cara de decepção, eu preferi simplesmente ir embora”. “Tchau, eu te amo. Queria te ver um dia.”. Eu cheguei a me arrepender e pensei em ligar de volta e perdoá-lo, mas eu não encontrei o seu telefone e o sentimento se esvaiu. Passaram-se os anos e tudo voltou como antes, eu não tinha pai e estava confortável com isso. Só que a ligação de Cláudia colocou tudo isso abaixo.

Aproximo-me da recepção do hospital e pergunto pelo paciente Manuel Martins. Identifiquei-me como seu filho, aguardei um pouco e fui enviado para a sala da UTI. Antes, contudo, em uma sala de espera, fui abordado por uma mulher, que só podia ser Cláudia. Ela estava com duas garotas de não mais de 15 anos e tocou no meu ombro. Cláudia tinha cabelos acinzentados, usava uma blusa de lã marrom e era bastante baixa. As duas filhas pregaram os olhos em mim, como se eu fosse uma verdade que a muito tempo esperava por ser revelada. Cláudia agradeceu minha vinda, falou que meu pai estava inconsciente e que infelizmente era apenas questão de horas. Ela falou que estava contente em me conhecer, apesar das circunstâncias e que esperava que eu não guardasse nenhuma mágoa delas.

Uma enfermeira me chamou e me levou até a UTI. Parei para fazer a higienização e entrei na sala. Havia umas dez camas. Eu não soube onde estava meu pai. A enfermeira me direcionou a um dos leitos e eu me aproximei. Não o

reconheci. O cabelo era bem branco, a barba era cheia e também branca, o rosto queimado do sol com as bochechas do rosto afundadas. Ele parecia dormir serenamente. Por um instante, eu não soube o que fazer. Não sabia se sentia ódio ou pena, minha cabeça estava confusa. Eu puxei a manta que estava sobre ele para ver sua mão. Os braços estavam inchados e mortos. Eu comecei a me sentir arrependido de não ter falado com ele enquanto ainda era tempo. Agora me restou apenas esse momento. Eu passei a mão no seu rosto, tirando seu cabelo dos olhos e sem querer esbarrei no caninho que levava oxigênio para suas narinas. Seus lábios estavam machucados, provavelmente por estar a semanas entubado. Eu fechei os olhos, agarrei com força o braço lateral da cama e comecei a falar.

“Pai, eu não sei bem o que dizer. Te ver nessa cama é esquisito. Desde que tu partiu eu te considerei como morto. Mesmo assim eu não me sinto pronto pra esse momento. Eu ainda tenho raiva, por muito tempo eu me perguntei que problema eu tinha pra ter sido abandonado. Como tu falou, tu tinha tuas razões. Ainda assim tu sabe que foi uma merda. Eu deixei de ter pai justo no momento da vida em que eu mais precisava de um. Eu tava crescendo e só tinha minha mãe pra me ajudar. Pai, eu não te perdoo. Eu sei que tu não tá ouvindo, mas eu não te perdoo. Seria muito bonito vir no teu leito de morte e dizer que tudo passou e que você poderia partir em paz, mas eu não consigo. Vindo pra cá eu pensei um pouco e tentei entender. Eu me sinto rejeitado faz muitos anos, trocado, descartado e não é porque tu tá partindo que isso magicamente deixa

de existir. Tua nova família é bonita, mais bonita do que a gente, eu e a mãe. Eu sempre desconfiei, mas eu acho que tu nunca me amou. Sempre manteve uma distância entre a gente e eu sempre achando que tinha algo de errado comigo. Mas não tem, agora eu entendo. Quem tá errado é tu. Eu cansei de me punir, de não entender, de vasculhar na memória o que eu fiz. O problema é contigo e vai morrer contigo. Acho que agora eu posso seguir adiante, a mãe precisa de mim, eu tenho uma vida pra ganhar. Se tem alguma coisa que tu me ensinou com tudo isso é que eu tenho que ser firme e aguentar as coisas sozinho. É como vou me virar agora. Desculpa, adeus.”

Eu me afasto da cama, boto as mãos dentro dos bolsos do meu casaco e passo pela sala de espera. Cláudia e as filhas se aproximam mais uma vez de mim, em silêncio. Cláudia me abraça e começa a chorar baixinho. Agradece por eu ter vindo e diz que sou uma boa pessoa. Eu não respondo nada, sou passivo. Um silêncio se faz entre nós e nos sentimos constrangidos. Digo que preciso ir, me despeço, atravesso os corredores e saio do hospital. Abro o carro, me sento no banco e agarro o volante com força. De repente, sinto saudades da minha mãe e tenho medo de que ela possa morrer um dia. Dou a partida, acelero e me afasto do hospital sem olhar para trás.

Sobreviver

1.

O dia amanheceu chuvoso. Era cedo, não havia ninguém acordado. Desci as escadas meio sonolento e fui até à sala olhar pela janela como estava lá fora. Antes, contudo, noto uma folha de papel dobrada em cima da mesa. Me aproximo e abro. Reconheço na hora a letra do meu pai.

“Se você está lendo isso agora é porque não estou mais aqui. Lembre-se que estou fazendo isso por vocês. Espero reencontrá-los o quanto antes, mas tenho muito trabalho pela frente. A situação está ficando inviável. É questão de tempo para acontecer alguma desordem social. Meu filho, você é o dono da casa agora. Peço que cuide bem de sua mãe e a tranquilize. Faz alguns anos comprei um terreno perto de Rancho Queimado, em região alta o suficiente para não ser pega por subida de nível do mar. Meses atrás comprei todo o material necessário para a construção do bunker. Agora é o momento da execução. Vou erguer o abrigo com a ajuda de dois homens da região, homens que sei que posso confiar o segredo da localização. Eu já pensei em tudo, você não precisa se preocupar. Teremos autonomia de comida, de água e bastante eletricidade armazenada para o necessário. Só me dê alguns meses. Você vai saber quando

chegar a hora. Eu conto contigo. Deixei o .38 em uma caixa no closet, se você precisar. O mapa do local está no verso dessa folha. Um abraço do seu pai.”

Incrédulo, viro a folha e vejo um mapa desenhado a caneta. Subo de volta as escadas e vou no quarto dos meus pais, com a esperança de que isso seja apenas uma piada. Abro devagar a porta e vejo apenas minha mãe na cama. Me aproximo, balanço seu ombro e ela acorda sem entender o que está acontecendo. Tenho lágrimas nos olhos. Tento explicar a situação para ela. Não sei se consegui direito. Ainda não acredito que meu pai sumiu e enlouqueceu.

2.

Chove muito faz 4 dias seguidos. Estamos ilhados no nosso bairro. A luz vai e volta dependendo da violência da tempestade. Não temos muita comida e estamos pegando água da chuva para mitigar as necessidades mais básicas. Faz 5 meses que o pai se foi.

Olho para minha mãe e ela me olha de volta. Apreensivos ouvimos a um rádio de pilha, nossa última ligação com a sociedade, já que não temos internet, não temos sinal de telefone e já fazem muitas horas que estamos sem luz. O jornalista fala de saques a supermercados e de grupos armados em busca de mantimentos. Não parece real. Acho que ouço um barulho na rua. Não tenho certeza. Me aproximo da janela e não vejo nada. Ouço outro barulho, minha

mãe me olha de um jeito estranho. Vou até meu quarto, abro o armário e tiro a arma e a carta de lá. Viro a folha e tento entender o mapa. Volto para falar com minha mãe.

“Acho que temos que tentar, não tem outra opção.”

“Mas como que a gente vai conseguir sair da cidade?”, diz minha mãe.

“Vamos com a moto. Ela é alta, acho que dá para passar pela água. Pensa. É isso ou esperar a comida acabar.”

“Eu não sei”

“Tu ouviu o rádio. Estão saqueando os lugares. Nós somos visados, a casa é grande, fica perto da rodovia.”

“Queria que seu pai estivesse aqui.”

“Eu também queria. Mas vamos.”

“Tá bom.”

Gastamos uma hora arrumando duas mochilas com o resto de comida, roupa e acessórios de sobrevivência que nos garantiriam autonomia de alguns dias. Se der tudo certo não precisaremos disso. A viagem, com esse tempo e com os bloqueios nas pistas, deve durar umas 4 horas. Vestimos as roupas impermeáveis que tínhamos disponíveis. Peguei o .38. Fomos até a garagem.

Levantei a lona da moto e limpei a poeira. Tentei ligar, não funcionou. Insisti mais algumas vezes e comecei a ficar com medo. De repente, ligou. Fez um cheiro forte de gasolina, como se tivesse desentupido algo. Deixei o motor

esquentar e entreguei o capacete para minha mãe. Abri o portão da garagem e saímos.

3.

O cenário no caminho era desolador. Muitas zonas alagadas, árvores derrubadas, caminhões tombados com apenas restos de mercadoria espalhados pelo chão. Uma parte em especial foi complicada. Acho que era pela altura de Santo Amaro da Imperatriz. Por conta do nível da água teríamos que passar bem devagar e à frente havia uma espécie de pedágio feito por moradores da região. No meio da rodovia foi colocado um monte de entulhos como pedaços de madeira, toneis e pneus, sobrando apenas um trecho bem estreito para seguir viagem. Fomos nos aproximando dos moradores armados sem saber o que fazer, dar a volta não era uma opção.

“Parem. Abram as mochilas.”

Um segundo homem examinou nossas provisões e deu um sorriso afirmativo para o homem que coordenava a operação. Não tive coragem de puxar a arma. As mochilas foram confiscadas e minha mãe começou a chorar. Tentei acalmá-la em vão.

“Pra onde vocês tão indo?”

“É confidencial.”

“Eu não vou perguntar outra vez.”

“É aqui na região. Vamos nos abrigar.”

“Quantos quilômetros?”

“Não sei.”

“Sabe sim, eu tô facilitando tua vida. Se eu quisesse eu pegava a moto e deixava vocês a pé.”

“E-eu não sei ao certo, é perto de Rancho Queimado.”

“Então deve dar uns 30 quilômetros. Liga a moto.”

Liguei e ele se aproximou do painel iluminado dela.

“O tanque tá quase cheio. Tu não precisa de tudo isso, já vamos resolver. Antônio!”

O homem se aproximou com uma mangueira e um recipiente. Tivemos que sair da moto e esperar eles fazerem a operação. Antônio colocou a mangueira na boca do tanque e chupou a gasolina, que começou a vazar. O mais rápido que pode, encaixou a mangueira dentro do recipiente e começou a armazenar o combustível.

“Siga viagem e não passe de novo por aqui.”

4.

A gasolina acabou 5 quilômetros depois de termos entrado em uma estrada de terra. Não havia mais vestígios humanos no entorno, apenas a vegetação abundante. Olhei o mapa, que não tinha indicações de distância, e

seguimos em direção ao local indicado do bunker. Faltava apenas uma parte do trajeto. Abandonamos a moto e começamos a andar. Como estávamos em uma zona mais alta não havia mais alagamento, mas a chuva não parava. Estávamos encharcados, cansados e com medo. Começava a escurecer.

Eu e minha mãe ficamos preocupados em saber como reconheceríamos o bunker. Tentei estudar os detalhes do mapa, mas não havia muito o que analisar. Depois de subir por 40 minutos um trecho íngreme, avistamos uma torre de madeira. Talvez fosse ali. Comecei a mexer os braços e dei um grito. Não houve qualquer reação. Parei de fazer os movimentos, mas continuamos a ir em direção à construção, até que um tiro passa bem ao meu lado e ecoa pelo ambiente.

Puxo minha mãe e tento me esconder atrás de uma árvore o mais rápido que posso. Soa um segundo, um terceiro e um quarto tiro. Este último crava na árvore na altura da minha cabeça. Engatilho o revólver. Puxo mais uma vez minha mãe e tento me esconder no meio da mata.

Um tiro acerta o meu ombro. Sinto minha pressão baixar. Não consigo identificar de onde estão vindo. Minha mãe está atrás de outra árvore e não pode me resgatar sem pôr sua vida em risco. De repente, observamos alguém descer da torre. Tem o rifle pousado no ombro. Sem pressa, ele se aproxima. Identifico meu pai. Por um instante, sou tomado por uma calma. Foi tudo um mal entendido e agora tudo vai ficar bem.

O pai se ajoelha, tira a arma de mim e analisa a ferida no ombro. Sei que não está em bom estado. Minha mãe se aproxima com lágrimas nos olhos e tenta abraçar meu pai. Ele coloca a mão entre os dois, como se pedisse por um instante antes de entrar em amenidades.

Ele me olha de um jeito esquisito. “Não tem o que fazer, me desculpe”, disse ele. Aproxima suas mãos grandes do meu pescoço e começa a me enforcar. Sinto uma paz esquisita, enquanto percebo minha visão esmaecer. Minha mãe entra em desespero. “Ele cumpriu sua missão, vamos honrá-lo sobrevivendo”, ele disse. Foram as últimas coisas que ouvi saindo da boca do meu pai.

Turismo em Kutná Hora

Algo se perdeu nessa viagem, penso sentado no banco de madeira da estação de trem de Kutná Hora.

Uma semana atrás, eu descia em Paris. Meu objetivo era visitar alguns objetos culturais que ajudariam a escrever minha dissertação de mestrado, onde pesquiso as relações entre morte e arte. Só faltava 6 meses para entregá-la e eu tinha muitas páginas com citações, mas nenhuma linha do meu próprio punho. Durante esse período de estudos eu continuei a morar com minha mãe e por isso consegui guardar todo o dinheiro da bolsa que recebi. É com esse dinheiro que cometo essa pequena extravagância.

Era minha primeira vez na Europa e eu me sentia ansioso e com sensação de dever a cumprir. Peguei um trem e me instalei em um hostel vagabundo no centro de Paris. Fazia frio. Evitei os programas de turista, excetuando os museus de arte. Tinha me programado para ver o “*Le Suicidé*”, de Manet, que estava na cidade por conta de uma exposição dedicada ao artista no *Musée d’Orsay*. O assunto do quadro é um corpo morto de um homem estendido sobre uma cama. Pela posição frontal em que se encontra e pela forma bruta com que Manet pintou o quadro, o corpo parece ser coisa. Me senti satisfeito de poder me deter a seus detalhes, como a pistola que pende na mão

do suicida, as manchas indefinidas na parte debaixo do colchão e uma pintura na parede que só vemos a metade de baixo de um rosto. Botei fones de ouvido para ignorar a massa barulhenta e gastei algum tempo observando o quadro.

Saí do *Orsay* satisfeito, comi uma baguete de salmão e queijo de cabra em uma lachonete suja e pensei no que mais poderia fazer na cidade. Tinha planejado não ficar mais do que dois dias para em seguida pegar o trem para Lyon, num trajeto pelo centro da Europa que eu pretendia terminar em Praga.

Não lembro onde ouvi falar das catacumbas. Sei que ficavam no sul de Paris. Sem muitas ideias, peguei um metrô e parei em uma rua onde havia um quiosque e uma longa fila. Não parecia, mas era lá. Esperei cerca de meia hora para entrar, já estava quase desistindo, até que a fila andou. Paguei o ingresso e comecei a descer por umas escadas improvisadas. O ambiente era um pouco escuro e as paredes ásperas, de cor de terra clara. Passei por um vão sem porta e li acima uma placa grande: *“Arrete! C’est ici l’empire de la mort”*. Em passos lentos, seguindo o ritmo da fila de turistas, comecei a ver as ossadas. A cada 20 metros surgia um nicho. Em cada um deles, uma composição diferente. Não sei por que, mas me detive em um nicho que parecia camadas de um pavê: primeiro via um muro de fêmures, seguido por uma linha de caveiras, depois um muro de rádios, mais uma fileira de caveiras, terminando por outro muro de fêmures. Segui adiante e fui acompanhando as diversas formas de se organizar os restos humanos de mais de 300 anos.

Não faço ideia de quanto tempo passei dentro das catacumbas. Quando subi, Paris parecia outra. Tive a sensação de que vivemos em cima de uma montanha de mortos. Uma mulher atravessou a rua de paralelepípedos arrastando seu filho. Pareciam fantasmas. Me senti tonto, por isso decidi voltar para o hostel e acabei passando o resto do dia lendo e descansando.

Acordei cedo e peguei um TGV para Lyon. A paisagem é ligeira e monótona: campos verdes simétricos, névoa, pequenos vilarejos com igrejas e casas de pedra. Desci na estação e me dirigi ao apartamento que reservei pela internet. Depois de instalado, fui em direção ao meu objetivo. Como não era longe, decidi ir a pé. Percorri uma avenida até chegar na residência dos irmãos Lumière, um casarão velho de três andares e que hoje abriga um museu.

Entrei, percorri as galerias monótonas cheias de instrumentos antigos da época em que o cinema foi inventado e de trechos de filmes seminais coloridos a mão. Em um dos cômodos, vi o quarto de um dos irmãos. A cama é grande e frágil, não consegui imaginar um homem dormindo nela. Saí dali, atravessei um pequeno gramado anexo e percorri a rua lateral à casa, chamada *Rue du Premier Film*. Logo ao lado, avistei uma sala de cinema erguida dos restos da fábrica dos Lumière. Entrei no saguão e sem saber direito que filme estava em cartaz, paguei o ingresso e entrei.

O filme já tinha começado, no escuro escolho uma poltrona lateral para não incomodar os outros espectadores. Na tela, uma imagem azulada. Um homem está caído no chão. Seu espírito se levanta do corpo. Uma carruagem se

aproxima. Uma figura encapuzada e com uma foice na mão desce e se senta ao lado do espírito. A figura tira o capuz do rosto, é um homem. Se reconhecem, são amigos e começam a conversar. Aparecem cartelas com texto em uma língua que desconheço, talvez nórdica. O passado do homem morto é contado. As imagens ganham um tom amarelado. O homem tinha uma família feliz que se desgraçou. Virou bêbado. Vejo um caixão. Lembro de meu pai. Um véu cobre seu corpo. Me aproximo para ver seu rosto, tem um aspecto emborrachado. Meu pai abre os olhos. Devagar, uma mão tocou meu ombro. Despertei e vi que o filme acabou. Não havia mais ninguém na sala e um funcionário do cinema veio me acordar. Constrangido, pedi desculpas e saí rapidamente.

Na manhã seguinte, parti para Genebra. A viagem dura em torno de duas horas e a vista é menos monótona do que a da viagem anterior. A natureza é mais viva, há muitos morros de pedras irregulares, desfiladeiros, rios de água esverdeada. Desci em Genebra e fazia mais frio do que em Lyon, o que me preocupou, pois não estava com roupa suficiente. Meu plano não era dormir na cidade. Pensei apenas em fazer um passeio diurno e pegar o trem rumo à Munique.

Genebra tem cara de riqueza velha. Parece ter sido o centro do poder antes do eixo se dirigir para os Estados Unidos. Passei na frente da sede da ONU e visitei o centro histórico, bastante austero. Perguntei para um senhor as direções do cemitério de Plainpalais. Andei algumas quadras, me perdi e demorei para entender que o cemitério era um parque no meio da cidade, sem

muros, com lápides entre árvores. Muitas personalidades descansam ali. João Calvino, Jean Piaget, Robert Musil e, meu interesse específico: Jorge Luis Borges.

A lápide do escritor argentino é feita de pedra não trabalhada. Na parte de cima, seu nome, no meio um auto-relevo de sete guerreiros e abaixo uma frase em anglo-saxão que significa “E não deverias temer”. A parte de trás da lápide também apresenta escritos de uma saga nórdica e o desenho em auto-relevo de uma nau. Descobri essas informações em um livreto que tinha em mãos. Li que o local de enterro de Borges é bastante polêmico e acusam sua última mulher de ir contra seus desejos de ser enterrado na Recoleta. Toda a ideia da lápide parece borgeana demais, a ponto de parecer um pastiche de si mesmo. Boto a mão na pedra áspera. Creio que esperava encontrar algo ali, não sei bem o quê, mesmo assim saí decepcionado.

Antes de anoitecer peguei o trem rumo à Munique. Eu já não sabia muito bem porque seguia com essa viagem, mas sentia que era obrigado a continuar. Estava cansado e acabei dormindo no trajeto. Com o barulho do trem, despertei e vi a estação da cidade alemã. Só fazia cinco dias que estava viajando e já me sentia esgotado. Não quis ver nada. Saí da estação e percorri as ruas não muito movimentadas devido ao horário avançado. Parei em uma lanchonete árabe, apontei para uma palavra no cardápio e recebi um kebab depois de minutos. Comi ansioso. Passei na frente do prédio da prefeitura onde havia um conjunto de pessoas. Dois artistas de rua faziam uma performance. Um tocava o piano e o outro manipulava uma marionete de um esqueleto humano. O piano não

tocava propriamente uma melodia, mas frases sonoras que mimetizavam os movimentos do esqueleto. As pessoas riam, as crianças tampavam o rosto com as mãos. Eu me sentia um estranho. Voltei para o hostel.

Acordei de manhã cedo e peguei o trem em direção à Praga. A viagem foi pesada, mesmo que eu estivesse descansado da noite. Cheguei depois do almoço, me espreguicei e dei uma volta pelas ruas estreitas antes de ir para o hostel. Do pouco que notei, a cidade tem uma aspecto que é uma mistura de medieval, eslavo e comunista. Deixei minhas coisas no hostel e fui em direção ao cemitério judaico. Eu queria ver Kafka. Entrei no cemitério, que tem um aspecto bem pitoresco. Por algum motivo, as lápides estão todas revolvidas, umas em cima das outras. Não dá para identificar os nomes e acabei ficando atrás de um grupo de 40 judeus italianos que usavam kipá azul e não paravam de falar. Sentado em um canto, vi um homem que parecia funcionário do lugar. Perguntei: “*Kafka?*” Ele me respondeu: “*No Kafka*”. Saí do cemitério confuso, me informei com um jovem que me disse que Kafka está enterrado no novo cemitério judaico e que aquele era o velho cemitério judaico.

Peguei um bonde e fui em busca de Kafka. Cheguei na porta do cemitério e vi os portões fechados. Um guarda estava parado na frente. Perguntei: “*It’s closed?*” Ele respondeu: “*Yes, friday closed*”. “*Kafka is here?*”. “*Yes, Kafka here, but not today*”.

Voltei para o centro, me sentindo idiota de ter programado o único dia da minha viagem em Praga quando o cemitério de Kafka estava fechado. Voltei

ao hostel, perguntei que programas eu poderia fazer e, já que me interessei por cemitérios, eles me recomendaram uma visita à cidade de Kutná Hora, onde se encontra o ossuário de Sedlec. O recepcionista do hostel abriu um site e mostrou fotos de uma sala onde a decoração é toda feita de ossos humanos. Candelabros, brasões, colunas, tudo muito mais elaborado do que as catacumbas de Paris.

A viagem de trem até Kutná Hora durou menos de uma hora. O tempo esquentou, nem parecia mais inverno. Desci na estação e fui seguindo as indicações pela cidade. Suspeitei que Sedlec fosse o único interesse turístico dali. Chego no lugar e me deparo com um pequeno cemitério e uma capela. Entrei na capela e um homem me cobrou ingresso. Perguntou de onde eu vinha e me entregou um pedaço de papel com um texto em português. Tentei ler o texto, mas ele foi traduzido pelo computador e a maioria das frases não fazia sentido. Desci o lance de escadas da capela e me encontrei em uma sala pequena. Havia uns 4 ou 5 conjuntos de composições de ossos. Era só isso. As fotos que vi na internet tinham sido batidas de forma a aumentar a sensação de tamanho do local. Percebi que tinha caído em uma armadilha de turista.

Voltei para a estação de trem de Kutná Hora e não havia ninguém lá. O trem para Praga demoraria ainda uma hora para chegar. Tirei o casaco, me sentei no banco de madeira e pensei no que estava fazendo ali.

Sinto que essa dissertação é uma grande farsa, assim como minha vida. Meu olhar se perde na paisagem e percebo um muro de cimento salpicado com

uma placa de um político, provavelmente um candidato a vereador de Kutná Hora. No gramado a frente, noto uma coisa amontoadada e uma grande quantidade de insetos ao redor dela. Me levanto, atravesso os trilhos e me aproximo. É um gato morto. O cheiro é rançoso e os insetos não param de dar voltas em torno do cadáver, voltas sem sentido. Abano com a mão para afastar os bichos e observo o gato por alguns segundos. Tiro a mochila das costas, pego um canivete e começo a cavar o gramado. O canivete é pequeno e não consegue revolver muito a terra, então começo a cavar com as mãos. Faço força ao cavar, o que deixa minhas unhas ficam cheias de terra e sangue. Consigo chegar a uma profundidade suficiente. Pego os restos do gato, coloco no buraco e preencho com terra. Por algum motivo sou tomado por uma calma.

Me levanto, volto para estação, procuro por um banheiro, mas não há. Me sento no banco de madeira, suado, cansado, com as mãos sujas, o cabelo cheio de terra. Pouco tempo depois o trem chega. Entro e apoio minha cabeça no vidro da janela. Olhando a paisagem digo para mim mesmo que é hora de voltar para casa. Penso em desistir do mestrado.

Amor de mãe

Faz 4 meses que perdi minha mãezinha. Foi tudo muito rápido e doloroso. Para diminuir um pouco a angústia venho frequentado o cemitério todos os dias. É a maneira que achei de continuar perto dela. Vou às 5 da tarde, quando já estou em casa do trabalho. Lá converso um pouco com ela, troco as flores e limpo o túmulo das folhas que caem.

Limpar o túmulo é como um ritual. Preenche o vazio de estar na frente de alguém que não existe mais. É a forma possível de demonstrar carinho e manter um laço físico com a pessoa. Quando me sento ao lado do túmulo tenho a mania de limpar com uma luva seu primeiro nome escrito em metal. Passo o dedo sobre as letras como se as escrevesse diversas vezes. Minha mãe parece ter se reduzido àquela palavra. Queria poder abraçá-la por uma última vez, mas o que me sobra é esfregar um pedaço de metal.

Poucas pessoas frequentam o cemitério. Os coveiros já me conhecem e devem me achar um tanto esquisito por ir todo dia para lá. Fora isso, não vejo muitas caras habituais. Tirando uma. Um pouco perto do túmulo da minha mãezinha tem um túmulo escuro que uma mulher de uns 50 anos de idade vem visitar às vezes. No começo, não nos reconhecíamos. Um pouco depois

começamos a trocar acenos respeitosos. Até que chegou um dia em que saímos do cemitério ao mesmo tempo e acabamos por fazer o trajeto juntos.

Conversamos pouco no caminho. Ter uma companhia nesse momento difícil parecia já bastar. Ela me olhava muito, contudo, um olhar profundo que me constrangia.

O silêncio foi interrompido por uma pergunta dela:

“Quem você perdeu?”

“Minha mãe.”

“Perdi meu marido.”

“Sinto muito.”

“Todos sentimos.”

“Como você se chama?”

“Bruno.”

“Neide.”

“É difícil.”

“É mesmo.”

Chegamos ao estacionamento do cemitério, que fica em frente às capelas-mortuárias. Na frente do seu carro, um SUV, nos cumprimentamos por uma última vez. Foi aí que aconteceu. Fui dar um beijo na bochecha dela, mas por algum motivo nos beijamos na boca. Não sei de quem foi a intenção no momento, mas o fato de consumou e nenhum de nós dois o interrompeu ou pareceu constrangido, mesmo eu sendo muito mais jovem do que ela.

Nos separamos e ela disse para eu entrar no carro. Entrei e ela fez a volta para os fundos do estacionamento, onde passa pouca gente. Sem dizer nada, ela me beijou mais uma vez. Começamos a nos despir e fomos para o banco de trás. Lá, ela montou em mim. Usava uma meia-calça que rasguei para poder penetrá-la. Foi tudo muito rápido e sem explicação. Quando terminamos, a vergonha surgiu. Não conseguia fazer contato visual com ela. Disse que precisava ir, deslizei e saí do carro.

Passaram alguns meses e não vi mais ela. Pedi desculpas a minha mãe por ter praticado um ato tão indecoroso, mas eu me sentia dividido. Parte de mim não queria ver Neide nunca mais. A outra parte estava louco para descobrir mais sobre ela. Tentei esquecê-la e continuei minha rotina de destilar a dor e manter viva a memória da minha mãe.

Chegou o feriado de finados. O cemitério estava irreconhecível. A todo momento você era interpelado por jovens que ofereciam o serviço de limpeza de túmulo e senhoras vendendo flores artificiais. Outros ainda vendiam pipoca, amendoim e churrasquinho de gato. Achei tudo excessivo e desrespeitoso. Senti que todos ali eram falsos, vinham visitar seus mortos só uma vez por ano e estavam invadindo meu espaço. Desviei das pessoas e cheguei à alameda G6, onde está a sepultura da minha mãe. Normalmente sento na sepultura ao lado para conversar um pouco com ela. Mas era impossível de fazer isso naquele dia. Eu estava irritado por não conseguir realizar meu ritual e estava quase indo embora quando vejo Neide chegando perto do túmulo do seu marido. Ao lado

dela, um jovem que aparentava minha idade, uns 20 anos. Podia ser filho, podia ser amante, eu já não duvidada de nada. Eu olhei para ela, ela me olhou e tive muita vontade de ir até lá falar com ela, mas me contive. Quando vi que os dois iam embora os segui a uma distância segura. Eles chegaram até o carro e entraram. Anotei mentalmente o número da placa e saí dali.

Em casa, comecei a agir. Primeiro procurei na internet pelo nome de Neide combinado com o Soares Mendes do túmulo escuro. Não tinha rede social, não tinha currículo acadêmico, apenas achei informações sobre o que parece ser seu trabalho uma repartição pública, uma sigla que nunca tinha visto. Liguei para um amigo que trabalha no Detran e passei a placa do carro dela. Consegui seu endereço residencial e informações de família. Por algum motivo, me senti aliviado de ter dados sobre ela. É como se eu a domesticasse.

Nessa noite eu tive um sonho esquisito. Estava no cemitério, como sempre. Me aproximei do túmulo da minha mãe e levantei a pesada tampa de mármore. Quebrei as placas de concreto e cheguei ao caixão. Em seguida, desatarraxeí o caixão e me deitei ao lado dos seus restos mortais. Me senti em paz e senti que já podia morrer. Acordei suado e me levantei para tomar um copo d'água. Tentei falar para mim mesmo que era só um sonho bobo. Voltei a dormir.

Neide parece ter deixado de vir ao cemitério em definitivo. Acho que tinha medo de me encontrar. Tomado pela curiosidade fui até o trabalho dela. Era um escritório dentro de um prédio público. Tudo muito genérico e feio,

mesas com tampão descascado, dezenas de pastas coloridas abarrotadas de documentos pouco importantes. Ela me viu, mas fingiu que não. Eu não tive coragem de ser mais incisivo. Desci o prédio e esperei na garagem em frente ao seu carro até dar o horário de ela ir embora. Cansei de aguardar, mas ela finalmente apareceu.

“O que você quer?” - disse Neide.

“Eu não sei.”

“Você está me constrangendo. Não deveria ter vindo aqui no meu trabalho.”

“Eu não sabia mais o que fazer. Por favor, eu preciso de ti.”

“Fala baixo. Entra no carro.”

Demos uma volta pelo centro da cidade. Naturalmente, eu sugeri de irmos até o cemitério. Ela estacionou mais uma vez seu carro nos fundos das capelas-mortuárias e nos entregamos ao desejo.

“Quem era aquele jovem que estava contigo no dia de finados?”

“É meu filho, não precisa ficar com ciúmes.”

Sentamos no banco traseiro do carro. Dessa vez eu estava por cima dela. Acho que fui violento. Separei suas pernas, tirei sua meia-calça e a penetrei com vontade. Ela gemia e tremia. De repente, senti a necessidade de por as mãos sobre o seu pescoço. Ela pareceu ter gostado. Comecei a apertar com cada vez mais força e ela foi ficando vermelha. Chegou a um ponto em que ela começou a ficar desesperada e se debatendo pedindo para parar. Eu não parei.

Continuei a penetrá-la com força e a apertar seu pescoço. Quando percebi, ela já tinha apagado. Minhas mãos suavam, eu tinha terminado. Antes de me afastar dela fiquei abraçado alguns minutos no corpo inerte. Comecei a bater de leve em seu rosto, mas ela não acordava. Me perguntava se ela ainda estava viva.

Saí do carro sem pensar muito. A culpa me corroia. Eu não queria fugir, que fosse preso, eu não me importava. Entrei no cemitério e fui na alameda G6. Fiquei na frente do túmulo de minha mãe. Me ajoelhei, passei a mão sobre seu nome escrito em metal: Cleide. Juntei minhas mãos e comecei a fazer uma oração. Pedia desculpas para minha mãe por ter sido uma pessoa má. De repente, começou a chover fino. Me deitei no túmulo e fiquei por lá. Apaguei sem perceber. Acho que finalmente estava em paz.

O filho

Minha vida não ia bem. Tinha um emprego que odiava e que mal pagava as contas. Eu era repositor de hortifruti em um mercado do bairro, mesmo tendo me formado em serviço social. Todo dia eu pensava em pedir demissão. As horas eram intermináveis, as pessoas mal-educadas, o chefe insuportável. Mas se eu largasse, o que iria fazer? Trabalhar com telemarketing? Pelo menos ali eu organizava as coisas. Então eu engolia o desgosto, pegava minha mochila e saía para mais um dia.

Nas últimas semanas comecei a esbarrar com uma velhinha que morava no mesmo bloco do que eu e que passava um tempo nos bancos da frente do condomínio. Ela usava uma bengala e estava sempre fumando. Com a bengala, ela ia afastando as folhas secas que ficavam no caminho. Quanta ingenuidade, pensei quando vi pela primeira vez. Ela era frágil, não deveria ter mais muitos anos de vida e parecia se agarrar com todas as forças nessa tarefa de limpar a calçada com a bengala.

Um dia eu passava e ela disse: “Tá bonito hoje, menino”. Parei por educação, mas não soube muito bem o que dizer além de um obrigado trêmulo. Eu estava com medo de chegar atrasado para o trabalho, contudo tentei ser atencioso. Essa foi a primeira vez. A partir de então, todo dia quando eu saía a

gente se cumprimentava e trocava algumas palavras. Por algum motivo, eu me sentia bem depois que falávamos. Toda a ansiedade parecia sumir por um instante.

“Não faz que nem eu, não fuma, é um vício ruim de se livrar.”

“Nunca tive esse problema. Meu pai fumava e eu odiava aquele cheiro de fumaça quando ele chegava perto de mim.”

“Melhor assim. Mulher direita não gosta de rapaz que fuma.”

“E a senhora?”

“Ah, eu não sou direita.” - deu uma risada. “Tu tem namorada?”

“Não.”

“Por quê?”

“Queria saber também.”

“Não te preocupa, uma hora tu vai achar alguém. Te garanto.”

Dela não consegui saber muita coisa. Morava sozinha, era do Rio Grande do Sul, não tinha família aqui, trabalhou como secretária. Parecia interessada em mim e via que eu era esquivo demais. Ainda assim, acho que nunca me abri tanto quanto nesses breves momentos que passamos.

Só que um dia ela não estava lá. E nos seguintes também não. Fiquei preocupado, perguntei ao zelador se ele sabia de alguma coisa, ele não me disse muito. Fui até o apartamento dela, toquei a campainha, mas ninguém atendeu. Por algum motivo que ainda não entendo decidi experimentar a maçaneta. A porta abriu.

Avancei pela sala e perguntei se tinha alguém na casa. Não tive resposta. O ambiente era o de uma casa de avó: uma poltrona na frente da televisão de tubo, pratos com desenhos de paisagens pendurados na parede, uma mesinha com um telefone amarelado pelo tempo, uma caderneta abarrotada de papéis soltos.

Fui até a cozinha. Vi uma mancha vermelha no chão. Me aproximei, toquei com a ponta do dedo indicador, era pegajoso. Muitas perguntas começaram a surgir na minha cabeça. No quarto, tudo parecia estar de acordo, tirando uma gaveta de cômoda que estava aberta. Dentro havia uma série de papéis, documentos, joias, tudo muito bagunçado. Voltei para a sala, por impulso peguei a caderneta ao lado do telefone e saí do apartamento.

Tentei seguir minha vida. Tolerar meu trabalho, me esforçar para ser uma pessoa que passa despercebida. Não consegui. Interfonei algumas vezes para o apartamento dela, sem resposta. Alguns dias depois, tive folga e decidi dar uma averiguada. Na caderneta havia um número, um horário e uma palavra sublinhada: grupo. Liguei para lá e anotei o endereço.

Desci perto da universidade, entrei no prédio e perguntei pelo grupo das 14 horas. Me levaram para uma sala. Havia cerca de 15 velhinhos uma mesa com café da tarde sendo montada, outra mesa com alguns deles jogando cartas e outra ainda com um globo com bolas de bingo. Eu não fazia ideia do que estava fazendo ali e do que iria perguntar. Ainda assim me aproximei de uma das velhinhas e improvisei.

“Veio todo mundo hoje?”

Ela tomou um susto com minha pergunta à queima roupa, mas pareceu entrar na brincadeira.

“Não, não, tem muita gente que não vem mais e outros só vêm de vez em quando por que ficam doentes, sabe como é a idade.”

“Sim... A senhora conhece por acaso uma das pessoas do grupo que mora no edifício Granville?”

“Neide, ô Neide, alguém aqui mora no edifício Granville?”

“Fica onde esse Granville?” - perguntou a Neide.

“Aqui no bairro, perto do terminal de ônibus.”

“A Teresa não mora lá?”

“Pode ser, faz algumas semanas que ela não vem. A gente liga, mas ela não atende.”

“A senhora tem certeza que o nome dela é Teresa?”

“Tenho, a Norma também que mora aqui no bairro e não veio, mas não sei em que condomínio ela mora.”

“Seria incômodo eu perguntar o sobrenome da Teresa?”

“Por que você quer saber?”

“Eu sou vizinho dela e não estou a encontrando.”

“Se for a Teresa é Silva.”

“Ótimo. Ela usa uma bengala, não?”

“Usa.”

“Então deve ser ela mesmo. Vocês não tem nenhuma notícia dela?”

“Não, infelizmente.”

“Tá certo, então. Já me ajudou bastante. Obrigado, qual o nome da senhora?”

“É Bete. Você não quer tomar um cafezinho? Tem cuca, não é todo dia que a gente tem companhia de um jovem.”

“Não precisa. Te agradeço... eu preciso ir.”

“Manda um beijo pra Teresa quando você encontrar ela.”

Cheguei no condomínio e fui na administração. Perguntei por Teresa da Silva do Bloco A, apartamento 406. O síndico, sentado atrás de uma mesa velha de madeira, usando o uniforme cinza do condomínio, pareceu surpreso com meu interesse. contei para ele a história, confesso que com um pouco de vergonha, como se eu estivesse fazendo algo errado. Ele disse que fazia algumas semanas que não a via nos bancos do condomínio. Eu disse que interfonei algumas vezes e não tive resposta. Perguntei se não houve algum movimento estranho nas últimas semanas, ele não soube me dizer nada.

Em casa, analisei mais uma vez a caderneta com os papéis soltos. Um cansaço estranho me consumia, mas continuei. Tinha muitos números com nomes de senhora, cartões de médicos, dentistas, taxistas, loja de móveis. Me senti perdido, até que me deparei com uma tabela desenhada. Parecia ser um resumo da semana dela. Estava lá o grupo às terças-feiras e no dia seguinte estava escrito apenas “hidro 10h”. Pensei em quais lugares poderia ter aula de

hidroginástica na região. Liguei para 3 lugares e apenas um tinha horário na quarta-feira às 10 horas.

No dia seguinte, liguei para o trabalho dizendo que estava doente. Fiz uma voz fraca, com certeza não convenci meu chefe, mas eu não estava me importando. Antes de sair de casa, fui mais uma vez no apartamento da Dona Teresa. A porta estava trancada.

No ginásio branco, a aula de hidroginástica tinha começado faz pouco tempo. Inventei uma desculpa de que precisava entregar um papel para uma pessoa. O vigia, indiferente, aceitou a história. Cheguei lá e vi o amontoado de velhos com água até o peito repetindo os movimentos que a instrutora fazia fora da água. Uma música eletrônica tocava no volume mais alto. De longe, uma das senhoras parecia Teresa, mas vi que era apenas uma confusão da minha cabeça. Macarrões de isopor flutuavam entre os corpos idosos. Achei uma cadeira de plástico e esperei até o momento de surgir uma brecha.

Depois de alguns exercícios, os velhos se cansaram. Me aproximei da instrutora e perguntei por Dona Teresa. Ela me disse que ela não aparecia já fazia alguns semanas e mencionou a moça que acompanhava ela, não lembrava o nome, alguma coisa com J. Eu disse que não conhecia a moça, mas pedi para que ela me a descrevesse. Ela era loira, baixa, estava sempre de branco. A instrutora pareceu ficar receosa com minhas perguntas, então eu expliquei que era um vizinho que estava procurando por Dona Teresa. Sempre que falava isso ninguém parecia entender direito meus motivos.

Agradei a informação e me afastei da instrutora. Eu não sei bem por que achei que descobriria algo importante ali. Quando eu estava saindo do ginásio, contudo, uma das senhoras que estava antes na água me abordou e me perguntou como estava Dona Teresa. Eu fiquei nervoso e disse que tudo bem, que ela só tinha ficado doente. Em seguida, perguntou se eu era Evandro, o filho dela. Eu disse que sim. Sua feição mudou. Disse que Teresa às vezes falava do filho que morava longe e que tinha brigado com ela. Ficou feliz que agora está tudo bem, porque Teresa era muito magoada com essa briga que tiveram, achava que tinha a ver com a herança. A instrutora reiniciou a atividade, a senhora se despediu e todos os velhos voltaram para a piscina.

Passaram-se 4 dias desde que comecei a investigar o sumiço dela. Não me sobrava muitas pistas para seguir e já fazia 2 semanas que ela tinha desaparecido. Pensei na mancha da cozinha, na gaveta revirada, na briga com o filho. Procurei pelo número dele na caderneta. Achei um número com o nome Evandro do lado. O código era do centro-oeste. Um interurbano para lá vai ser caro, pensei. Hesitei por alguns instantes, mas disquei o número.

“Alô?”

“É o Evandro?”

“Sim, quem deseja?”

“Onde está a Dona Teresa?”

“Como assim? Está em Florianópolis, na casa dela.”

“Não, não está. Aconteceu alguma coisa. Tu esteve aqui nas últimas semanas?”

“Não, não estive. Escuta aqui, quem tá falando?”

“Tu é filho dela, deveria ser mais presente. Ela sumiu.”

“Como assim sumiu? Faz quanto tempo?”

“Faz algumas semanas.”

“Eu vou descobrir isso já já.”

“E a herança, Evandro? Ela não quer dar para ti?”

“Do que você está falando? Isso não te interessa. Olha, eu vou desligar, preciso fazer outra ligação.”

“Você não merece ela.”

Desliguei o telefone e joguei ele sobre a cama. Me senti culpado por ter sido rude. De qualquer forma, a situação estava muito estranha. Por que não ligar para a polícia, pensei. Os caras são profissionais, vão descobrir as coisas muito mais facilidade do que eu. Mas não fiz isso. De repente eu me senti mal e decidi faltar mais uma vez ao trabalho.

Passou um tempo e parei por alguns instantes nos bancos na frente dos blocos. Acho que estava esperando que Dona Teresa aparecesse como mágica. Claro que isso não aconteceu. Por desencargo de consciência, fui mais uma vez na porta do apartamento dela e experimentei a maçaneta. Nada. Mas em seguida, a porta se abriu. Uma moça loira botou a cabeça para fora e perguntou o que eu queria.

“Seu nome começa com J?”

“Sim, como você sabe e o que você quer?”

“Estou procurando a Dona Teresa. Já fazem vários dias que não vejo ela.”

“Você é alguma coisa dela?”

“Sou... amigo. A gente se falava ali embaixo no bloco.”

“Eu estou saindo. Você pode me acompanhar. Meu nome é Joice.”

Pegamos o ônibus juntos e paramos no hospital. Joice falou que não teríamos muito tempo. Entrei na sala de UTI e lá estava ela. Tinha um tubo entrando pela boca, os lábios machucados, os olhos fechados e tensos, a respiração controlada por uma máquina. A cada 5 segundos soava um apito e seus batimentos cardíacos apareciam no monitor. Depois de algum tempo, esse apito se tornava uma presença incômoda. Me aproximei e peguei a mão dela, que estava bastante inchada. Joice me explicou que isso acontece quando a pessoa fica muito tempo deitada em uma cama de hospital. Além disso, o tempo na cama fazia surgir feridas pelo corpo todo. Pensei em falar alguma coisa, mesmo que Teresa não ouvisse, mas fiquei com vergonha. Joice se aproximou, fez um carinho nos cabelos brancos dela e logo a enfermeira nos avisou que teríamos que deixar o local.

No pátio do hospital, fumamos um cigarro. Eu não fumo, mas aceitei. Joice me explicou que ela caiu no chão e que a encontrou algumas horas depois. Infelizmente ela só podia ficar com Dona Teresa durante 6 horas do dia, que é o que a aposentadoria dela cobria. Joice me explicou que ela não tinha parentes

aqui perto, apenas um filho que perdeu o contato e um irmão também idoso que morava em Porto Alegre. Este foi avisado, mas não tinha como vir para cá.

O cigarro acabou. Joice jogou a bituca no chão e pisou nela. Dona Teresa não vai acordar nunca mais, me disse. A batida na cabeça foi séria e os médicos só estão monitorando seu estado. Recebi a notícia com um gosto ruim na boca. Não só sentia muito por ela, como me envergonhei por ter imaginado coisas que não existiam. Joice olhou no relógio e disse que tinha que ir. Dona Teresa só tinha a ela e esperava a partir de agora contar comigo também. Assustado, eu afirmei com a cabeça que ajudaria no que fosse preciso. Caminhei com ela até o ponto de ônibus, mas decidi voltar para casa a pé. Chegando lá, fui tomado mais uma vez pelo cansaço estranho. Me deitei, pensei na vida e no trabalho. Se eu faltasse amanhã seria despedido, provavelmente. Fechei os olhos, não sabia o que fazer. Pensava no fim das coisas e me senti desprotegido. Olhei para fora na janela, começava a escurecer, mas as luzes ainda não estavam acesas. Tive vontade de fumar um cigarro com Dona Teresa.

Sozinho na praça

Demoro uns dez minutos para chegar no trabalho, um trajeto que faço a pé faz mais de vinte anos. Normalmente é assim: desço do meu prédio na Lauro Linhares e pela calçada passo o posto de gasolina, a pizzaria, as lojinhas de roupa, o centro comercial com o cartório, o supermercado e enfim chego à praça Santos Dumont, que fica de frente ao Departamento Artístico Cultural da UFSC, onde trabalho. Hoje, contudo, antes de entrar na repartição, decidi me sentar por cinco minutos em um dos bancos da praça. Poderia dizer que é porque estou cansado, já que qualquer caminhadinha exige do meu pulmão. Mas na verdade parei um pouco para pensar. Olho bem para o prédio onde trabalho e lembro que hoje é meu último dia. Trago um bolo e um refrigerante na mochila e um pouco de receio na mente. Há muito tempo que desejava minha aposentadoria, mas acho que vou sentir falta da rotina que eu tinha de caminhar até aqui, bater o ponto, cuidar das matrículas dos cursos de arte, dos materiais, da papelada em geral, sair para almoçar no vegetariano, continuar o trabalho até o final da tarde, conversar com a Sandra e com o João enquanto tomo um cafezinho ralo, ir para a casa com a sensação de que mais um dia passou. Não é grande coisa, eu sei, mas é o que tenho.

Passo o portão e entro no escritório. Não chegou ninguém. Tiro o bolo e o refrigerante da mochila e coloco na geladeira da copa. Nesse momento, ouço os passos de alguém entrando e botando seus pertences em cima da mesa. Volto para a sala e vejo Sandra. Ela olha para mim e abre um largo sorriso.

“É hoje, meu velho.”

Dou uma risada discreta e aviso que trouxe um bolinho para a gente comemorar. Em seguida, entra João, nosso estagiário, cumprimentando a nós dois e colocando sua mochila no armário. Sandra trabalha comigo desde a década de noventa e João, que cursa ciências sociais, faz um ano. Não sei se posso dizer que eles são meus amigos. Minha relação, especialmente com Sandra, é esquisita. Nós nos conhecemos muito bem, mas nunca invadimos a privacidade do outro. Nos aniversários, trocamos presentes, mas é muito mais por educação do que por cumplicidade.

“Hoje vai ser calmo”, diz Sandra.

Eu aceno com a cabeça e sento no meu lugar. Tinha trabalho que não havia terminado ontem, então começo a mexer nos papéis e a cadastrar dados no computador. Parecia que ia ser um dia banal, mas eu sentia uma autoconsciência de cada tarefa que fazia, tendo a noção de que seria a última vez que iria realizá-la. João, meio despachado como é, ficava fazendo brincadeiras com o fato de que eu iria me aposentar. Dizia que a idade chegou, que eu ia para o banco de reservas, que ia viver na folga. Eu não gostei muito

desses comentários e na minha época jamais eu me dirigiria a alguém mais velho como ele faz comigo, mas acho que os tempos são outros.

A papelada de ontem ocupou quase toda a manhã. O tempo passou rápido e chegou a hora do almoço. Sandra me convida. Nunca almoçamos juntos nesses quase trinta anos de trabalho. Minha vontade era de dizer não, talvez por um reflexo condicionado, mas entendi que era um último gesto de camaradagem que ela estava me propondo.

Caminhamos em silêncio, entramos no vegetariano, nos servimos no buffet e nos sentamos nas mesas de plástico, meio constrangidos.

“E então, tu já sabe o que vai fazer?”, pergunta Sandra.

“Não, não pensei ainda. Acho que vou dormir até tarde, fazer algum exercício, não sei”, digo improvisando.

“Vai te sobrar bastante tempo a partir de agora, todo só pra ti, já que tu é sozinho.”

Eu concordei, mas senti que a frase caiu mal. Sandra fez uma cara de espanto ligeira, mas desistiu de tentar se corrigir.

“É verdade, vai sobrar mais tempo pra mim. Vou ter que inventar alguma coisa pra não ficar louco.”

“Tu vai visitar a gente algumas vezes, né?”, diz Sandra.

“Vou, claro.”

“Olha, tu pode ir lá em casa qualquer dia desses. Conhecer o Arthur e a Camila, e o Beto também.”

“Depois desse tempo todo? Não sei.”

“É, é esquisito que a gente nunca ter feito isso, mas vou sentir falta de te ver todo dia.”

“Acho que vou sentir também.”

“Então, deixa de ser tanso e vai lá em casa.”

“Vou pensar”, digo tendo a certeza de que nunca irei lá.

“Tá bom, hein.”

Ficamos alguns minutos sem se falar. Ao contrário do que acontece no trabalho, eu me senti desconfortável, pois parecia que tínhamos a obrigação de conversar durante todo o tempo. Terminamos o almoço, ela pegou um picolé e esperamos na fila para pagar. Sandra tem mais ou menos a minha idade. Poderíamos ser casados, eu penso por um momento. Mas isso é tolice, já me acostumei a ser sozinho, não vai ser agora que isso vai mudar. Eu já fui casado, faz muitos anos, durou pouco. Acho que não sou uma pessoa fácil de se conviver e os anos foram passando. Ser sozinho virou natural para mim, eu acho.

Voltamos para a repartição, cada um se ocupou do seu trabalho, enquanto João, sem ter o que fazer, jogava paciência no computador. As horas passavam e eu fiquei com uma sensação aguda de que a vida era só isso, tempo morto. No meio da tarde peguei o bolo e o refrigerante. Enquanto comíamos e conversávamos sobre o que ia acontecer a partir de amanhã, eu pensava nos trinta e cinco anos que trabalhei aqui. Mudei de setor algumas vezes, mas fiquei

um bom tempo no Departamento Artístico Cultural. Eu sei que é um clichê, mas o tempo passa rápido. Quando era jovem eu tinha ambições, queria liderar um departamento, ter dinheiro para fazer todas as coisas que gosto. É estranho como isso desapareceu e eu parei de me importar, a rotina foi o que me levou nessa última década. Acho que Sandra e João perceberam que eu estava meio contrariado, mas não falaram nada. Devem ter entendido que esse é um momento estranho para mim.

Seis horas eu me aproximei da máquina e bati o ponto pela última vez. Sandra, João e eu paramos e olhamos um para o outro. Acho que era para ter acontecido alguma coisa especial, mas me despedi apenas com um aceno de cabeça, por mais que eu tivesse vontade de dar um abraço neles. Tomei meu caminho cruzando a praça, passando pelo supermercado, centro comercial do cartório, lojinhas, restaurantes, posto de gasolina e meu prédio. De noite não senti fome, comi apenas umas bolachas de água e sal. Dormi no sofá vendo um filme antigo que estava passando na TV a cabo.

O barulho do celular me despertou. Acordei meio tonto, vi que eram sete e meia. Eu não precisava mais acordar nesse horário. Pensei em voltar a dormir, mas o sono passou. Me levantei, fiz minha higiene, arrumei alguma coisa na casa, tomei um café preto e parei no meio da sala, sem saber o que fazer. Decidi pôr uma música. Fui até a prateleira com a minha coleção de vinis, botei para tocar a trilha sonora do filme O ascensor para o cadafalso, feita pelo Miles Davis. Me sentei no sofá e fiquei tamborilando os dedos na minha perna por um

momento. A verdade é que eu não estava a fim de ouvir música, estava mesmo é com a sensação de que estava atrasado. Nesse horário eu já tinha começado a trabalhar na repartição. Então não me aguentei e arrumei as coisas. Peguei minha mochila, botei uma palavra cruzada, esquentei água e coloquei na garrafa térmica, separei a cuia, a erva e a bomba. Desci, percorri a Lauro Linhares e me sentei em um banco da praça na frente do Departamento Artístico Cultural.

Aprendi a tomar chimarrão com meu pai, que era gaúcho e veio morar em Florianópolis antes de eu nascer. É um hábito que nunca perdi, apesar de tomar pouco, mas ficar na praça pediu um chimarrão. Passei quase uma hora tomando erva e olhando o movimento da rua. Não tinha muita gente, essa praça estava meio abandonada faz anos. Às vezes passava alguma moça levando o cachorro para passear, ambulantes arrumando sua mercadoria na mochila, algum estudante com pressa atrasado para aula. Mais ao longe vi que um mendigo dormia em um dos bancos agarrado aos seus poucos pertences.

O chimarrão acabou e eu reabasteci de água. Puxei a palavra cruzada da mochila e comecei a fazer. Capital do Suriname: Paramaribo. Sempre fui bom com capitais. Roland (?), torneio de tênis: Garros. Acho que peguei uma revistinha muito fácil, pensei. José (?), patriarca da independência: Bonifácio. Depois de uma meia hora já tinha preenchido quatro páginas de palavras cruzadas e me entediei. Não muito longe de mim vejo uma moça se sentar em um dos bancos. Tem cabelos bem pretos e não parece ter mais de trinta anos.

Está parada, com roupa normal, calça jeans e uma blusa. Talvez esteja apenas descansando, deve trabalhar aqui perto, penso. Ela passa pelo menos uma hora ali parada, sem fazer nada, sem fumar, sem mexer no celular, sem ler e não parece esperar por ninguém. Eu olhei para o relógio e já chegava perto do meio dia, fiquei com fome. Me levantei e fui para o vegetariano. Quando voltei, ela não estava mais lá.

Os dias seguintes foram parecidos. Creio que estou construindo uma nova rotina. Passo as manhãs na praça matando tempo, almoço no vegetariano e de tarde vou para casa onde fico ouvindo música, vendo TV, passando uma vassoura. Às sete saio para dar uma caminhada na Beira-mar. De volta em casa preparo uma janta e vou dormir. E a vida é isso, só isso. Sobra muito tempo e eu sinto como estivesse fazendo alguma coisa de errado. Espero que isso passe.

Em todos os dias em que eu vim na praça a moça estava lá do mesmo jeito. Ficava parada, sem fazer nada. Eu comecei a ficar curioso, mas não queria me intrometer. Às vezes eu olhava para ela e ela me devolvia o olhar. Depois de alguns dias, comecei a dar bom dia para ela quando chegava na praça. Eu queria alguma desculpa para começar uma conversa, mas não sabia como. Até que um dia foi ela que veio até a mim.

“O senhor tem horas?”, diz a moça.

“Sim, dez e meia. Olha, sempre te vejo por aqui.”

“Também te vejo.”

“Como você se chama?”

“Ana. E o senhor?”

“Miguel. Não precisa me chamar de senhor. Quer um pouco de chimarrão?”

“Não, obrigada. Eu só queria saber as horas mesmo, esqueci do meu celular em casa.”

“Você mora aqui perto?”

“Moro.”

“Eu também, mais pra frente ali na Lauro Linhares. Eu tô vindo todo dia aqui depois que eu me aposentei. Eu trabalhava ali, ó”, digo apontando para o departamento. “Senta, por favor.”

Ana se senta ao meu lado. Ela parece um pouco nervosa.

“Você trabalhava na UFSC?”

“Sim, por mais de 30 anos.”

“É tanto tempo que nem consigo imaginar.”

“Eu também não, a gente vai esquecendo e só vivendo.”

“E você, o que faz?”

“Eu já não sei mais.”

“Tenta me explicar.”

“Na verdade é bem simples. Eu sou formada em história, estava fazendo um mestrado sobre a história do bairro, mas estou prestes a desistir da pós-graduação.”

“Por quê? É muito difícil?”

“Até que não, mas eu estou sem cabeça para isso. É que eu perdi minha mãe faz pouco tempo. Eu morava com ela, a gente vinha aqui todo dia.”

“Por isso que tu vem e fica aqui um bom tempo, então.”

“Acho que sim, Estar aqui me lembra dela, é como se eu me agarrasse ao mínimo que sobrou dela. É um ritual que a gente tinha e que pretendo continuar a fazer.”

“Perdão, mas faz quanto tempo que tu perdeu tua mãe?”

“Faz três meses amanhã.”

“É bem recente. Olha, eu já passei por muitas perdas. Perdi toda minha família, pai, mãe, irmão, tios, primos. Às vezes eu sinto que a vida é uma sucessão de perdas em que a gente vai ficando cada vez mais acostumado com o fim das coisas. Mas vai passar essa tua dor, eu garanto.”

“É, eu espero que sim. Me sinto muito sozinha. Eu não quero esquecer ela.”

“Você não vai, mas a vida segue.”

“Todo mundo me fala isso, mas sentir é outra história.”

“Vem, vamos dar uma caminhada. Só que num ritmo mais devagar porque eu já não tenho idade para isso.”

Passaram-se semanas e eu e Ana nos víamos todos os dias. Sinto que criamos uma cumplicidade. Creio que isso vem muito da falta que ela está sentindo da mãe. Apesar da tristeza dela, eu me sentia contente por ter companhia e sentia que a aparição dela na minha vida acontecia em um

momento perfeito. Eu já nem pensava mais no meu emprego. Quando me senti seguro o suficiente, convidei-a para ir em minha casa. Ela hesitou, mas acabou aceitando.

Era começo da noite quando ela tocou a campainha. Eu já tinha o café e os biscoitos prontos na mesa. Abri a porta e ela estava mais arrumada do que quando está na praça, com um vestido azul escuro. Fiz ela entrar e mostrei minha casa. Sentamos e ela começou a me fazer perguntas mais pessoais do que de costume. Acho que ela viu essa vinda na minha casa como uma aproximação. Falei dos meus pais, do meu casamento frustrado, dos anos de trabalho, da solidão, da resignação que a gente vai tendo com o tempo. Ela me falou do pai dela, um militar que trocou sua mãe por uma menina vinte anos mais nova do que ele, falou mais sobre sua mãe, do seu trabalho como enfermeira, das suas rédeas curtas, do seu coração enorme, que acabou por enfartar em uma tarde banal.

Em determinado momento ela apontou para a minha coleção de vinis e falou que eram muitos. Expliquei a ela que colecionava álbuns desde a década de setenta, um dos pequenos prazeres que me permitia. Ela se levantou e começou a analisar os vinis, até que se deparou com um álbum do Cartola.

“Esse é muito bom.”, digo para ela. “Vamos botar.”

Me levanto, pego o álbum das mãos dela e coloco no toca discos. O som aberto do vinil começa a tocar e Cartola canta os versos:

Ainda é cedo, amor
Mal começaste a conhecer a vida
Já anuncias a hora de partida
Sem saber mesmo o rumo que irás tomar

Ela se levanta e para na minha frente. Corajoso, eu pego na mão dela.

“Vem.”, levando-a até o centro vazio da sala.

Começamos a dançar lentamente. Ela bota a cabeça em meu ombro e deixa se levar pelo meu ritmo. Ficamos nesse transe até a música acabar. Então foi como se ela tomasse um susto quando o álbum passou para a próxima faixa. Ela tira a cabeça do meu ombro e nos olhamos longamente. Eu não sabia o que estava sentindo no momento, mas o fato é que meu olhar por algum motivo a assustou. Ela se afasta de mim, como se desse conta de que isso que estávamos tendo não era exatamente um encontro de amigos e, constrangida, fala que precisa ir. Eu tento me explicar, dizer que não é nada, mas é tarde demais. Eu estraguei tudo.

Tive dificuldade para dormir nessa noite. Acabei me deitando no sofá, depois de sair da cama de madrugada e ter ligado a TV. Por que eu fui fazer isso?

Acordei com sono de manhã, mas tentei não me abalar. Arrumei minha mochila, a cuia, a garrafa térmica, as cruzadas e desci. Cruzei boa parte da Lauro Linhares, movimentada pela manhã e me sentei no mesmo banco de sempre. Esperei por uma hora, ela não apareceu. Deu meio dia e fui até o

vegetariano. Na volta, fiquei mais um par de horas sentado no banco mas nada aconteceu. Ela se foi para sempre.

Mesmo assim não deixei de frequentar a praça. Essa foi só uma das incontáveis perdas que já tive na vida. O que resta somos nós, vendo a vida passar, até chegar o momento de também partir. Pego as palavras cruzadas, me sirvo de chimarrão e esqueço o mundo ao meu redor.

Alemão

Alemão acorda com as gotas de chuva batendo no rosto. Passa a mão sobre o moletom e o sente úmido. Não quer se levantar do banco, mas sabe que não dá ficar ali. Sai em busca de abrigo e, ainda meio tonto de sono, vai até o coreto, onde alguns estão abrigados. O relógio da praça marca 4h32 da manhã e 11 graus. Se espreme, espalha a coberta, tenta dormir. Acorda levando chutes.

“Aqui é só a diretoria, porra. E vai ficar sem teus bagulho pra ficar esperto.”

Se afasta pedindo desculpas. Sua turma está mais pra baixo, nos bancos de madeira, mas não quer ficar com eles. Vai até o monumento no centro da praça, um bloco de cimento alaranjado com uma pirâmide de bolas de canhão no topo. O monumento tem pequenas beiras, mas elas não impedem a chuva de bater. Sem opção, fica por ali mesmo.

*

Alguém fala alto. Barulho de carros passando. Morde o piercing no canto da boca. Dá uma tosse rouca, se sente mole, mas se levanta. Ajeita o boné escrito “Sin Dios” e se aproxima do sujeito que está falando, um homem com

terno sujo e cabelos brancos. Três pessoas sentadas nos bancos, pela falta do que fazer, parecem prestar atenção no que ele diz. Escorado em uma estátua, ele alterna discursos com tragadas de cigarro.

“Sabe de quem é a culpa de tudo isso? Dos maçons! Estão vendo esse homem aqui ao meu lado? Jerônimo Francisco Coelho, pai da imprensa e da maçonaria catarinense. Foi ele que começou essa sem-vergonhice. Eles estão em todos os lugares: nos jornais, nas farmácias, nas clínicas, na justiça, nas repartições públicas, no comércio, nas fábricas, em tudo! São ratos! Abram os olhos! Essa cidade é um esgoto!”

Quando o homem termina o discurso, ele se aproxima. Estende a mão para cumprimentá-lo, mas recebe um abraço em troca.

“Alemãozinho, qual é a boa?”

“A boa é se secar e procurar algo pra comer. “

“Pois então, rapaz, não te vi no rango. Tua galera tava lá.”

“É... eu dormi demais, a noite foi meio zoadada, perdi meus bagulho e ainda essa chuva... eu tô dando um tempo com a raça.”

“Eu fiquei ali no viaduto perto da ponte, não me molhei muito. Tu devia ter ido comigo.”

“Eu vacilei, perdi o albergue.”

“Tem que se cuidar, irmãozinho.”

“Eu sei, eu sei... olha, não sobrou nada aí pra eu dar uma enganada?”

“Pô, tô zerado, tu sabe que se eu tivesse eu não te negava.”

“Beleza... vou dar um rolê pra tirar o mofo do corpo.”

“Vai lá, meu querido, abrás.”

Alemão sobe a rua que margeia a praça, atravessa o largo e se senta nas escadarias da catedral para pegar um pouco de sol. Observa os estudantes e trabalhadores que caminham com pressa. Lembra de quando era um deles e por um instante se sente livre. Uma moça com muitos piercings na orelha esquerda e uma tatuagem de cruz invertida perto de um dos olhos se aproxima dele.

“Cara, vai ser assim, então?”

“Não tô afim de papo.”

“O Rico já pediu desculpa, o que mais que tu quer?”

“Nada.”

“E aquele papo de que cada um cuida do outro, que a gente era uma família?”

“Eu não tenho família. Não quero ninguém me metendo dedo na cara.”

“Te arromba, então. Quando tiver fodido sem lugar pra ficar não vem falar com a gente.”

“Pode deixar. Falou.”

Alemão se levanta, a moça se surpreende com sua saída rápida. Ele desce as escadarias e em pouco tempo se perde na multidão.

*

Sente a fome apertar. Desce a Anita Garibaldi e anda pelo passeio da Hercílio Luz. Garotas de bicicleta passam na ciclovia e quase o atropelam. Se aproxima da porta de um dos restaurantes, que fica em um casarão de cor amarelada. Uma mulher sai mexendo em alguma coisa dentro bolsa e Alemão para a sua frente pedindo um trocado. Ela faz cara de desgosto e sai. Ele tenta com mais 3 pessoas, até que um funcionário do estabelecimento o enxota. Antes de sair, pergunta se não tem comida sobrando. Com a cara fechada, ele fala que não. Alemão bate o dedo na ponta do boné e se afasta.

Perambula um pouco e aborda pessoas na calçada. Adota a estratégia de se aproximar de determinados perfis. Por experiência, sabe que mulheres são mais moles. Mulheres mais velhas, dependendo da cara que ele fizer, podem ser muito generosas. Caras universitários, como um que está vindo em sua direção, tendem a abrir a mão também. O sujeito é barbudo e vem com um livro debaixo do braço, Alemão se aproxima.

“Com licença, senhor.”

O homem mostra a palma da mão e não faz contato visual.

“Ah, vai tomar no cu, então.”

“Vai tu, seu merda.”

“Só não esquece que tem pessoas na tua frente, babaca.”

Depois de ver o homem se distanciar, tenta abordar duas jovens, que estão imersas em uma conversa séria. É mais uma vez ignorado. Faz outras

tentativas, insiste por mais uma hora, mas não consegue nada. A sensação de fome passa um pouco, mas a fraqueza aumenta. Cansado, se senta em um dos bancos do passeio. Apesar de faltar algumas horas para anoitecer, os bares da Hercílio Luz começam a encher. Passa a língua nos lábios e imagina o gosto da cerveja descendo na garganta.

*

A Hercílio Luz termina e Alemão e vai em direção da praça dos Três Poderes. A área é aberta e bate um vento frio. Avista o prédio cinza da Assembleia Legislativa. No fundo, vê casas amontoadas no morro e, mais à esquerda, o conjunto amarelado do Hospital de Caridade. No centro da praça, há um palco decorado com um mosaico onde aparece uma mulher com uma coroa na cabeça. Percebe uns caras dando um tempo do lado do palco.

“E aí, alemão.”

“E aí, feio, rola um bagulho?”

“É cinco real.”

“Faz na camaradagem. Só uma pipada.”

“Porra, alemão, que que eu vou te dizer... eu tô ligado que tu é abonado.”

“Eu tô pelado, faz uma cara que não vou pra casa. Na boa, tá foda.”

“Tu não tem nada aí?”

“Deixa eu ver... tem esse canivete, mas porra, é de estimação, meu velho que me deu. É minha defesa.”

“É pegar ou largar.”

“Tá bom... toma.”

Alemão se senta na grama, ao lado dos outros três. Olha o movimento ao redor. Pega a latinha de coca-cola furada, acende o isqueiro, ouve os estalidos da pedra e traga a fumaça. Prende e passa para o próximo. Suas pernas ao poucos amolecem. Sente uma coisa que não consegue explicar, seu coração acelera. Coloca o moletom sobre sua cabeça, para esconder o riso. Os outros tiram sarro dele.

“Vou dar uma banda.”

“Beleza, não vacila, Alemão.”

Um calor toma conta do seu corpo. Enquanto se afasta, começa a andar cada vez mais rápido. Do nada, percebe que está correndo. Sente uma dor boa do ar gelado entrando nos pulmões. Podia correr para sempre, se o corpo deixasse. Só que para e põe as mãos nos joelhos. Não tem fome, só sente a fissura. Uma mulher passa ao seu lado e se afasta assustada.

*

O céu começa a escurecer e o efeito da pedra passa. Bate uma depressão. Atravessa o final da Mauro Ramos e vai por debaixo do túnel Antonieta de

Barros. Segue pelo começo do José Mendes, passa os veleiros e decide parar para olhar o sol que se põe por de trás das montanhas. O mar amarronzado, devido ao vento forte, se encrespa em pequenas ondas. Sem o boné, deixa o vento bagunçar seus cabelos claros. Passa um carro muito perto das suas costas. Sente seus músculos moídos. Olha para o céu e vê que daqui a pouco vai chover. Apesar de não ter relógio, se lembra que está na hora de ir para o albergue.

Faz o caminho de volta do José Mendes e avança pela Mauro Ramos. Vê o relógio de rua marcando 18h57. O abrigo hoje fecha às 19h. Corre, esbarra em um senhor de idade, pede desculpas e recebe um xingamento. Cruza as pistas da avenida sem olhar para os lados. Faltam algumas centenas de metros para chegar no começo da General Bittencourt, mas perde o fôlego. Faz os últimos metros em um caminhar ligeiro. Avista a casa rosada. De longe, vê que o portão com tinta descascada já está fechado. Se aproxima, balança as correntes, grita. Ninguém atende. Bate com a testa no portão. É a segunda vez seguida que isso acontece. Vai ter que se virar mais uma vez.

*

O mar negro da Baía Norte é enquadrado pelo shopping e pelo posto de gasolina no final da Mauro Ramos. Uma garoa cai, deixando seus ombros úmidos. Pessoas correm para a entrada do shopping. Ele as observa com uma mistura de inveja e desdém. O sinal fecha e ele cruza as pistas da Beira-mar,

para então seguir pelo calçamento. A escuridão do ambiente contrasta com as roupas fosforescentes das poucas mulheres de meia-idade que fazem sua caminhada depois do trabalho. Um conjunto de aves negras dormita em uma das pedras que fica no meio da baía. Sente um desânimo.

A chuva aperta quando ele se aproxima da Ponta do Coral. Não tem aonde se abrigar, então decide seguir caminho. A tosse aumenta, o corpo dói. Tenta ignorar o sentimento de derrota, mas ele cresce a cada passo.

*

Termina de subir a ruela de um dos morros da Agrônômica e para na frente da casa que parece um caixote rosa com janelas brancas. Hesita por um instante, toca a campainha.

“Rodrigo...”

Ele se deixa abraçar, mas não imita o movimento.

“Tu tá todo molhado. Entra.”

Anda pela sala de estar. As mesmas coisas. O porta-retrato com a foto dele pequeno, de seu pai e dela em algum aniversário que não se lembra mais. As orquídeas de plástico. Um quadrinho da Virgem Maria e um terço marrom. Uma caderneta telefônica cheia de papeis amassados dentro.

“Vou esquentar alguma coisa pra ti, vai tomar um banho.”

Ele concorda e começa a fazer as coisas de modo automático. No banheiro, se despe e tem dificuldade de tirar os tênis, calçados há muitos dias. Os pés estão brancos, murchos, com unhas amareladas tomadas pelos fungos. Depois do banho, perde alguns minutos se olhando no espelho. Fazia um tempo que não via a própria imagem. Estranha a barba grande, o rosto magro e o olhar morto. Tenta não dar importância.

Volta para sala e vê ela sentada na mesa. Quatro panelas de comida o esperam: arroz, feijão, ovo e galinha. O cheiro é bom. Qualquer coisa agora teria cheiro bom. Meio envergonhado se senta, se serve e come com voracidade. Não fala enquanto mastiga e repete três vezes. Depois que termina, os dois ficam sentados, olhando para os cantos.

“Tu vai ficar?”

“Não.”

Ele tosse forte.

“Tu tá todo vermelho. Deixa eu ver tua testa. Tá quente. Com esse tempo claro que ia tá doente. Vou pegar um remédio.”

“Não quero.”

“Mas...”

“Olha, eu acho melhor eu ir embora.”

“Com essa chuva toda?”

Ele olha para janela e custa a admitir que ela tem razão.

“Fica. Nem que só por hoje. Por favor.”

“Tá bom.”

Ela recolhe os pratos e as panelas e os coloca na pia da cozinha. Em seguida, se senta no sofá. Do corredor, ele observa a luz azul da TV batendo nos seus cabelos prateados. Pensa que ela não mudou nada.

*

Desperta assustado, apalpando um bolo de coberta que tem nas mãos. No sonho o roubavam mais uma vez. Se senta na cama, tenta distinguir as coisas na penumbra. O gabinete amarelado do computador, o violão preto sem cordas, o armário com adesivos de marcas de skate. Olha para as próprias mãos e percebe que não conseguiu tirar no banho as sujeiras por debaixo das unhas.

Se levanta, sai do quarto, ouve o barulho do relógio da sala. São 3h32 da manhã. Vai até a geladeira, toma um gole de leite direto da caixa. Pela janela, vê que a chuva parou. Abre a porta do quarto da mãe, entra silenciosamente. Ela dorme de lado com uma das mãos agarrada a um terço. No criado mudo, vê um copo d'água pela metade e uma caixa de remédio tarja preta. Passa alguns segundos olhando para ela, até que dá dois passos para frente, se agacha e abre a gaveta do criado mudo. De lá, tira um porta moedas pesado. Abre e separa duas notas amassadas de 50 reais. Guarda o porta moedas, fecha a gaveta e observa mais uma vez sua mãe. Por um segundo, pensa que ela pode estar morta, mas ela se mexe um pouco e respira.

Fecha a porta devagar, vai até seu quarto e vasculha o armário. Com uma mochila, separa uma muda de roupas e um cobertor. Volta para sala e vê a coisas da casa mais uma vez. A renda azul no sofá que ela mesma costurou, um bonequinho de cristal em cima do aparador, o mesmo retrato, os sorrisos, o pai morto.

“Tu tá indo embora?”

“Que susto.”

“Desculpa, eu ouvi um barulho.”

“Sim, tô indo.”

“Não vai...fica.”

“Tu sabe que não dá.”

“A gente pode tentar. Olha como tu tá magro. Tu tá sendo comido por essa droga.”

“Eu tô assim porque eu quero. É a minha vida.”

“Tem tanta gente passando necessidade e tu fica na rua assim.”

“Tu nunca vai entender.”

“Não tem uma noite que eu não acorde pensando onde tu pode tá.”

“Eu não tenho nada a ver com isso. Eu falei sério quando saí daqui. Era pra me esquecer.”

“Rodrigo...”

“Eu vou embora.”

“Eu prometo que vou mudar. Vou te deixar fazer o que quiser, é só parar com a droga.”

“Para de por a culpa na droga. Se não fosse por ela, eu nem tava vivo. Tu sabe que não foi por isso que eu caí fora.”

“Olha, não tem dia que eu não me culpe quando lembro do teu pai naquela cama de hospital. Os médicos disseram que não tinha saída. A gente teve que desligar...”

“Eu sei, tu já me explicou.”

“Um dia tu vai me entender.”

“Eu tô indo.”

“Tu pode voltar quando tu quiser. Eu vou tá aqui.”

“Adeus... obrigado pela comida.”

Alemão abre a porta da frente e atravessa o pequeno pátio com chão de lajotas. Sua mãe para na porta e acompanha ele abrir o portão e descer a rua molhada. Tenta aproveitar cada centímetro antes que ele suma. Espera que ele dê uma última olhada antes de sumir. Não dá.

Piedade

Da janela, vejo barcos no horizonte. São eles. Pego a luneta para observar melhor. Puxam uma baleia, graças a Deus, a terceira do ano. E pensar que tempos atrás, nessa época, já tínhamos pelo menos vinte. Parece faltar alguém nos barcos. Não vejo Belarmino. Que deus tenha piedade da sua alma.

A baleia e os barcos se aproximam do trapiche. Um rastro de sangue os segue e a cauda do animal boia sem vida no mar. Desço para fiscalizar a chegada. Atravesso a faixa de areia, subo nas tábuas do trapiche. Os barcos atracam, os pescadores desembarcam em silêncio. Os negros começam a cortar os blocos de gordura e levar para o engenho. Pergunto sobre Berlamino, me confirmam. Falarei com o capelão. Me distancio para acompanhar o segmento dos trabalhos.

No engenho de frigar, os negros começam a cortar o toicinho da baleia. Outros deles já pegam os pedaços e os derretem na fornalha. Cada um faz sua função em silêncio: retalhar, separar, mexer, alimentar o fogo. Suam muito, seus corpos brilham. O cheiro, como sempre, é nauseante. Aos poucos, a gordura vira óleo, escorre pelas canaletas e vai para o reservatório. De olho, acho que teremos uns 90 litros. O administrador vai ficar satisfeito.

Atravesso a praia e volto para a casa-grande. Vou informar da chegada da mercadoria. Subo as escadas, limpo a areia dos sapatos, entro na sala. O menino diz que há uma carta para mim. Decido por olhá-la antes de ter com o administrador. Sento-me, tiro o selo e leio a única frase:

Seus dias estão contados. Lauro Villa-Matas.

Sinto um mal estar. Tudo retorna. Peço licença e me retiro. Tomo um tempo para me recuperar e pensar. Mesmo que repentino, julgo que o mais seguro é voltar para Campos de Lajens, para a casa de senhora minha mãe.

Desço até a vila, atravesso as ruelas, sinto que o povo me olha de um jeito diferente. Entro na taverna e peço uma conversa reservada com Sebastião. Digo a ele que necessito de uma arma e de um cavalo. Confidencio que estou fugindo, que temo pela minha vida, que a história é longa demais para eu explicar. Sebastião não faz perguntas e dentro de uma hora me entrega o cavalo, provisões e a pistola. Pergunta se não quero que alguém me escolte. Agradeço, mas recuso. Mesmo nunca tendo feito trajeto tão longo sozinho, preciso que ninguém saiba para onde estou indo. Antes de eu deixar a Armação da Piedade, Sebastião me oferece seu terço e diz que rezeará por mim. Me emociono com a cumplicidade do amigo.

Passei o dia cavalgando em ritmo lento. Um homem, talvez louco, me pediu um pouco de água e disse que estava indo a Desterro para beijar a mão do Imperador. Ouvi rumores de que ele viria para nossas terras, mas não sei se são verdade. Não faço ideia de onde estou, mas creio estar perto da estrada que pretendo seguir, ou seja, o caminho de tropeiros que liga nossa capital a Campos de Lajens.

Começa a anoitecer. Desço do cavalo e monto acampamento. Tenho fome, olho as provisões e vejo um pedaço grande de carne de baleia e café moído. Vou atrás de lenha e acabo gastando um bom tempo nisso, já que está escuro. Volto ao acampamento, pego a pederneira e tento iniciar fogo. Não consigo, pois venta muito. Fico nervoso, mas digo para mim mesmo que só eu posso resolver essa situação. Faço uma barreira com minha camisa e consigo aos poucos alimentar o fogo. A luz e o calor me acalmam. Esquento alguns pedaços da carne e jogo água na caneca com café. Mal consigo sentir o gosto dos alimentos, mas talvez seja melhor assim. Escrevo um pouco para me acalmar. Guardo minhas coisas, entro no saco, uso a bolsa como travesseiro e tento dizer para mim mesmo que tudo está bem. Vejo uma luz cintilando no horizonte. A lua é cheia. Cubro minha cabeça na esperança vã de me esconder do que quer que seja.

*

Acordei com mosquitos me mordendo o rosto. Sonhei com Lauro Villa-Matas. Foi uma repetição do dia em que nos encontramos pela primeira vez, quanto estudávamos para ser guarda-livros em Desterro. A diferença foi um olhar irônico que Lauro sempre empregava, como se já soubesse o que iria acontecer. Eu sentia muita vergonha, tentava disfarçar, mas acho que não conseguia.

Passei o dia percorrendo a estrada que me leva a Campos de Lajens. A paisagem interiorana me sossegou, mas o tempo estava abafado, apesar de estarmos no inverno. Tive dificuldade em achar uma fonte de água e acabei passando sede. Quando anoiteceu, um pouco preocupado, me aproximei de um modesto casebre de madeira, ladeado por um celeiro e plantações que não pude identificar no escuro. Arrumei meus cabelos e bati a porta. Ouvi os passos e a luz de um candeeiro se aproximando. Um homem alto de cabelos claros abriu a porta e me encarou.

“Boa noite, senhor. Desculpe-me incomodá-lo, mas gostaria de saber se o senhor tem um pouco de água para me ceder.”

Ele não falava português.

Fiz uma mímica. Ele entendeu, se afastou e voltou com um vaso de barro. Enchi meu cantil, agradei e fiquei parado. Ele fez o movimento de fechar a porta, mas no último momento eu mexi os braços de maneira inusitada. Ele interrompeu o fechamento e eu fiz mais uma mímica, pedindo um lugar para dormir. Ele me olhou por alguns segundos e fez um movimento discreto em direção ao celeiro. Eu me curvei em agradecimento.

Me instalei no celeiro, onde pude fazer uso de um capim fofo como cama. Acendi um fogo na entrada e passei alguns minutos escrevendo em meu caderninho, presente da minha querida mãe. Recordei-me mais uma vez da época em que eu e Lauro estudávamos juntos. Tínhamos nos tornado melhores amigos. Ele vinha de Laguna e compartilhávamos os prazeres e decepções de se viver em Desterro. Não sei mais quantos anos faz isso. Perdido nesses pensamentos, acabei dormindo e acordei com o barulho do senhor estrangeiro puxando um animal enquanto colhia os frutos da terra. De repente, vejo se aproximar de mim, com muito receio, sua mulher, que me trazia uma tigela de leite e um pedaço de pão. Seus dedos roliços e avermelhados pousaram os alimentos na entrada do celeiro. Ela não fez qualquer contato visual, me tendo como se eu fosse o diabo. Senti vergonha de mim mesmo. Tomei o leite e comi o pão com o prazer de quem não vê comida de verdade faz muitos dias.

*

Subindo a serra, começo a notar a mudança da vegetação. Vejo as queridas araucárias da minha infância. Uma das primeiras memórias que tenho é a de meu pai quebrando uma pinha e me mostrando o que era um pinhão. A vista me encheu de ânimo e segui em boa velocidade o trecho, me aproximando do destino.

A noite, contudo, foi preocupante. Comecei a ouvir barulhos que não soube identificar. Sei que há muitos índios na região. Sempre se contou histórias de roubos e assassinatos. Montei acampamento, me alimentei da detestável carne de baleia, entrei no saco de dormir e coloquei a pistola do meu lado. Não percebi quando dormi, contudo, em determinado momento da noite me virei e abri os olhos. Vi um índio sentado ao meu lado. Sua face, iluminada pela fogo, estava pintada de vermelho e ele mastigava algo. Falou alguma coisa que ignoro. Estranhamente, eu não estava com medo. Acordei pela manhã e chequei se havia algum vestígio dele. Não encontrei nada.

*

Percorri o trecho final da minha viagem. Rezei a todo momento com o terço de Sebastião por minha vida e pela vida de minha mãe. Fui tomado por um gosto amargo na boca. São lembranças que gostaria de esquecer. Lauro e eu

soubemos de uma vaga para guarda-livros na Armação da Piedade. Ele sempre foi mais brilhante do que eu e eu o invejava por isso. No dia anterior às entrevistas, jantamos juntos no meu quarto na pensão. Sem que ele visse, misturei em sua comida um conjunto de ervas recomendado por uma curandeira. Antes de sair para o compromisso, chequei o seu quarto. Ele dormia profundamente. Peguei sua chave e tranquei o aposento por fora. No final da manhã, voltei à pensão e abri o quarto. Ele estava acordado, sentado na cama, com uma expressão que jamais me esquecerei. Havia entendido tudo. Apenas me disse que um dia eu iria pagar por isso. Não nos falamos desde então.

Faltava pouco para chegar à cidade. Atravessei uma grande região descampada e o céu rosado indicava o final do dia. De repente, vi figuras se movimentando no horizonte. Me preocupei, mas não sabia o que fazer. Percebi que eles também me viram e começaram a cavalgar em minha direção. Tomei o caminho oposto, onde vi outra figura montada, mas eles são muito mais rápidos. Depois de poucos quilômetros, meu cavalo se cansou. Sem opção, desmontei, peguei a arma e me preparei para o combate. Seis índios vieram à minha direção, a cavalo, com lanças e arcos. Dei três tiros, mas não acertei ninguém. Um deles colocou a lança na minha garganta e eu me rendi. Eles levaram o cavalo, a arma, a bolsa e minhas botas. Me pouparam. Chorei não sei se de alívio ou de tristeza.

Cheguei à entrada de Campos de Lajens com os pés esfolados da terra dura. Mesmo no escuro, me senti aliviado por ver aquelas casas, a igreja, a praça de minha infância. Percorri as ruas, mas não vi ninguém. O vento batia forte e o frio castigava.

Finalmente, cheguei à casa da minha mãe. Bati na porta, mas ninguém atendeu. Talvez ela já estivesse dormindo. Pulei o muro, como fazia muitas vezes quando era garoto, e abri a porta dos fundos.

Vi uma figura sentada na mesa da cozinha, ao lado de uma vela. Um prato de morcilha cortada pousava a sua frente. Demorei a reconhecer, mas era ele. Seu rosto sujo, as cicatrizes profundas na pele, as roupas que mais pareciam trapos. Assim que entrei, ele se levanta e mostra a arma. Tentei aparentar calma.

“Onde está minha mãe?”

“Trancada no quarto. Ela está bem.

“Como tu sabia que eu vinha para cá?”

“Tu és muito previsível, Juliano. Venho te acompanhando o trajeto inteiro.”

“O que tu quer?”

“Vim cobrar a dívida.”

“Eu não te devo nada.”

“Deve sim. Tu é o responsável. Depois daquilo foi só ladeira abaixo.”

“Fica calmo. Tu não está pensando direito.”

Vejo Lauro levantar a arma e puxar o gatilho.

“Tu acabou com minha vida, agora acabo com a tua”

“É dinheiro que tu quer? Eu posso conseguir.”

Ele não responde. Nos encaramos por alguns segundos. Percebo que algo passa por sua mente. Ele abaixa arma. A desolação toma conta do seu rosto.

“Acho que te matar não vai me devolver nada...”

“Tudo tem jeito, Lauro. Eu posso te ajudar.”

“Não, não pode.”

Ele engatilhou a arma novamente. Virou a mão e colocou o cano embaixo do queixo. Disparou. Seu sangue se espalhou pela parede branca da cozinha. Demorei a entender o que aconteceu. Ouvi o berro de minha mãe no quarto. Peguei a toalha da cozinha e cobri Lauro. Fui até o quarto, destranquei a porta e abracei minha mãe, que chorava muito. Falei para ela não entrar na cozinha e fui chamar as autoridades. Percebo uma movimentação na rua.

*

Faz 5 anos desde esse episódio. Nunca mais vi o mar depois disso. Passei a morar com minha mãe, nós dois vivendo da sua modesta pensão. Sonho com Lauro algumas noites, vejo sua face vazia quando desiste de me matar. Acho que começo a entendê-lo melhor. Eu arruinei a vida dele, e, agora, ele arruinou a minha. Rezo com fervor durante o dia. Minha mãe está muito adoentada, sinto que é apenas questão de tempo. No dia seguinte ao seu passamento, decidi que tirarei minha vida. Vida que roubei de outro, outro que pretendo reencontrar no inferno. Está decidido.

O mínimo

Fazia duas semanas que estava de férias do trabalho e não tinha se acostumado com a falta do que fazer. Acordava tarde, pulava o almoço, passava o dia na frente da TV sem prestar a atenção no que aparecia na tela. Finalmente tinha esse tempo livre e era assim que o gastava? Se sentia deprimido com a própria postura.

Foi até o canto do seu quarto e abriu uma caixa escondida no meio de outros objetos. Era uma caixa de livros de sua irmã, que tinha tirado a própria vida no ano anterior. Ninguém sabia o que fazer com aqueles livros, então ele aceitou ficar com eles para ter alguma recordação dela.

Examinou alguns dos livros. Acabou escolhendo um que estava sem capa e que era feito apenas de frases curtas. Na folha de rosto aparecia o título: *Notas sobre o cinematógrafo*. Sua irmã estudou cinema, coisa que ele nunca foi muito interessado. Mesmo assim, foi até o sofá, se deitou e começou a folhear o livro. Uma frase lhe chamou a atenção:

Um único mistério pessoas e objetos.

Não sabe bem quanto tempo passou, mas escureceu. Acordou assustado com o livro sobre o peito. Ouviu o som de carros passando enquanto um rastro de luz se espalhava pela parede. A sala, no escuro, parecia um outro lugar. Fez um exercício de tentar identificar as coisas. Umas roupas penduradas em um cabide pareciam uma pessoa que conhecia. Não sabia dizer quem, mas a impressão era desagradável, se sentia julgado. Era um homem de pé, usando uma camisa xadrez, não era claro se olhava para baixo ou se o encarava. Talvez fosse ele mesmo.

Desviou o olhar e começou a observar o próprio corpo. Estava deitado no sofá e via a barriga que aparecia por debaixo da camiseta, os próprios braços finos, as mãos que nunca gostou e que lembram as da mãe. Não sabia que horas eram, não lembrava qual era o dia, sentia que era impossível sair do sofá. Adormeceu novamente.

Praticar o preceito de encontrar sem procurar.

Acordou cedo e pensou em andar pelo bairro. Faltavam poucos dias para terminar as férias. Pegou a jaqueta, porque fazia frio, apalpou as chaves no bolso, penteou os cabelos. Havia pouco movimento quando atravessou a rua e foi em um parque abandonado. Entre as árvores antigas e o mato que crescia nas fendas da calçada havia um parquinho. Se sentou em um banco próximo, tirou um cigarro e acendeu. Uma criança brincava nos aparelhos, escalando

uma rede de cordas que dava no topo da casinha de madeira. Sua provável mãe falava no celular e parecia irritada. Ela aparenta ter um pouco menos de 40 anos, estava com um casaco bege e tinha os cabelos castanhos. Um vento começou a bater. A mãe desligou o celular e se sentou no mesmo banco que ele.

“Você tem fogo?”

Ele mexeu nos bolsos da jaqueta.

“Obrigada.”

A mulher acendeu o cigarro e fez um cara de que está com vontade de falar algo. Retraído, ele não deu abertura.

“Às vezes é difícil, sabe?”

Ele mexeu a cabeça de maneira quase que imperceptível.

“O pai dela... é um mala. Não paga o que deve, deixa todo mundo no aperto.”

Ele não respondeu.

“E sabe o que é o pior? Eu ainda amo ele.”

Se sentiu constrangido com o tom pessoal que a conversa tomou. Olhava para baixo se concentrando em um mato que crescia no meio da areia.

“Você já amou?”

“Olha, não sei, por que tu pergunta isso?”

“Sim, tu não amou. Eu consigo ver na tua cara. Tu é muito novo ainda. Eu vou te dar um conselho: não se case. A rotina acaba com qualquer

sentimento que se tem pela pessoa.... Mas ainda assim... eu amo aquele filho da puta. Amo e odeio.”

Ela pegou o celular e olhou as horas.

“Escuta. Qual o teu nome?”

“Marcelo.”

“Marcelo, querido, vem tomar um café comigo. Eu moro aqui na frente.”

“Agora?”

“Sim.”

“Eu não sei...”

“Deixa de ser medroso. Vem.”

Ela o puxou pela manga da jaqueta, deu um berro chamando a criança e os três foram para o apartamento.

As ideias, escondê-las, mas de maneira que sejam encontradas.

A mais importante será a mais escondida.

Enquanto ela botava a água quente no filtro com o café, ele, sentado na banqueta da cozinha, observava a menina brincar com uma boneca.

“Então, querido, o que você faz da vida?”

“Nada.”

“Nada?”

“Nada.”

“Eu duvido.”

“Meus pais me sustentam.”

“Assim é fácil. Tu estuda, pelo menos?”

“Também não.”

“O que tu faz o dia inteiro, então?”

“Fico no computador, vendo filmes e jogando jogos.”

“Ah, tu é um desses nerds. Tem cara mesmo. Isso não é vida.”

“Eu faço questão de não fazer nada.”

“Tu vai ficar louco assim.”

Ela serviu o café na mesa. Encheu a xícara dele e empurrou o açucareiro para perto.

“Eu tô falando, mas também não trabalho, só cuido da Lu.”

“E como tu sobrevive?”

“O apartamento é da minha mãe e a gente vive com a pensão que o Ricardo tem que dar. O problema é quando isso não acontece.”

“Entendi...”

Fez-se um silêncio.

“Você não é muito de conversar, né?”

“Não sei, acho que não.”

“Tem que se soltar mais.”

“Não quero.”

“Por quê?”

“Porque não.

“Anda, diz por quê.”

“Quero me preservar.”

“Preservar? Do quê?”

“Deixa pra lá, tu não vai entender...”

“Não vou mesmo. Tu é doido.”

Os dois ficam em silêncio mais uma vez. O momento se torna constrangedor.

“Olha, acho melhor eu ir.”

“Já vai, assim?”

“Sim. Eu tenho um compromisso.”

“Tu acabou de falar que não faz nada. Mas tudo bem. Não vou te segurar.

“Foi um prazer te conhecer.”

“Igualmente.”

Sem nada mudar, que tudo seja diferente.

Acabaram as férias, mas ele decidiu não voltar ao trabalho. Nunca tinha sido irresponsável dessa forma. Não sabia se era algo definitivo, mas não parava de pensar nisso. Tinha umas economias no banco, mas se fosse algo a longo prazo não saberia de onde tiraria o sustento. Por isso, pensou em um plano de contenção. Calculou quanto gastaria com comida, com luz, aluguel,

condomínio e internet. Se apertasse bastante o orçamento não precisaria se preocupar por um ano com trabalho. Parecia bom o suficiente.

Os primeiros dias não foram muito diferentes das férias. Tinha a sensação ruim de estar jogando tempo fora. Na tentativa de se ocupar com algo quis conhecer o cineasta que escreveu o livro *Notas sobre o cinematógrafo* e por isso baixou o filme *O Processo de Joana d'Arc*. Já era de madrugada quando ligou o computador na TV. Se deitou no colchonete e começou a assistir ao filme.

Sentia dificuldade de acompanhar a narrativa. Joana D'Arc era interrogada por membros da igreja sobre suas escolhas. As pessoas falavam sem ênfase, os detalhes religiosos eram complexos, os cenários mudavam pouco, pois ela alternava entre sua prisão e a sala onde era interrogada. A imagem do filme era de um cinza pouco contrastado e os cabelos loiros e olhos claros da atriz que interpretava Joana D'arc provocavam um efeito estranho. Aos poucos, deixou de acompanhar as legendas e apenas encarava o rosto impassível de Joana. Pouco a pouco ele começou a piscar e não sabia mais se sonhava ou se ainda estava assistindo ao filme. O julgamento era de vida ou morte, mas havia uma calma em tudo, mesmo quando Joana chorava em desespero. Não sabia mais onde estava.

Acordou de repente. O filme havia terminado e o vídeo estava com a imagem congelada no último frame: um tronco vazio com correntes pendendo dentre fumaças onde antes era uma fogueira. Confuso, ele se levantou e desligou o computador e a TV. Foi até a cozinha tomar um copo d'água ainda

sem saber direito se estava dormindo ou acordado. Foi o frio dos azulejos na sola do pés que o fez despertar. Voltou para a sala e se sentou no sofá. Não conseguiu dormir o resto da noite.

Quem pode com menos pode com o mais.

Quem pode com o mais não pode obrigatoriamente com o menos.

A rotina se estabeleceu, por isso sentiu vontade de mudar as coisas de casa. Parecia uma boa ideia que ia de acordo com o plano de gastar o mínimo possível. Havia muita coisa que podia reduzir. A primeira atitude que tomou foi a de abandonar o quarto. Passaria a usar apenas a sala, a cozinha e o banheiro. O sofá, por incrível que pareça, era mais confortável do que a cama, ele não tinha muitas roupas e se sentiu bem ao se livrar de toda a tralha que foi acumulando ao longo dos anos, com exceção da caixa de livros da irmã.

Passar os móveis do quarto para a sala era fora de cogitação, não haveria espaço. Então chamou um senhor que tinha uma loja de móveis usados e vendeu cama, armário e baú por um preço baixo. Quando terminou, trancou a porta do quarto e guardou a chave no fundo de uma gaveta onde também ficava agora suas roupas.

Começou a se sentir muito melhor com menos coisas. Era como se chegasse mais perto da essência de algo que não sabia bem o quê. Seus espaços agora eram limitados. Podia ficar sentado no sofá, deitado em um colchonete,

sentado na escrivaninha ou olhando para a vista da janela. Não entendia muito bem, mas percebeu que estava formando uma espécie de crença religiosa própria, seu deus sendo menos uma eficiência neurótica do que uma elegância do estar entre as coisas, com o mínimo de elementos possível.

Os dias passavam mais ou menos iguais entre si e junto com a organização dos espaços ele pensou em organizar também o tempo. Definiu as horas de comer, de fazer a higiene, de se distrair. Passou a optar por comidas mais simples e evitou produzir lixo. Começou a se alimentar de pão, frios, leite e pêssegos, que produziam o caroço limpo como resíduo e podiam ficar muitos dias no cesto de lixo. Fazia tempo que não se sentia pleno dessa forma.

Controlar a precisão. Ser eu mesmo um instrumento de precisão.

Um dia um pensamento lhe veio à mente: viver como uma obra arte. Tinha o espaço e o tempo controlados. Sentia prazer em realizar as tarefas com o mínimo de movimentos possível. Passar a manteiga no pão era como um ato estético.

Começou a não sair mais de casa. Pedia a comida pela tele-entrega do mercado, pagava no cartão. Já se passavam 2 meses desde que abandonou o emprego. Não sabia que rumo estava tomando e mentiria se dissesse que não tinha um pouco de preocupação. Sua igreja pessoal, contudo, era o que sustentava suas ações. Era como se fosse observado diariamente por um

público que avaliava sua performance. O quanto mais minimalista conseguisse ser, mais bem sucedido seria. Por conta desse arranjo, os dias se passavam rapidamente.

Certa vez, alguém ligou de madrugada. Sonolento, ele acordou, atendeu o telefone mas ninguém falou. Ele pensou em perguntar quem era do outro lado da linha, mas achou melhor ficar em silêncio também. Partilharam desse instante por dois minutos, até que o sujeito desligou.

No dia seguinte, não tirou o telefonema da cabeça. Realizava suas ações, percorria o espaço da sala, da cozinha e do banheiro com a mesma destreza dos dias anteriores, mas sua cabeça estava em outro lugar. Experimentou com isso uma sensação diferente. Uma nova postura surgia dentro de si.

Surprima radicalmente as *intenções* nos seus modelos.

A sensação era como estar em um vazio. Antes, ele tinha a igreja, fazia seu cotidiano segundo suas regras, aguardando a aprovação do público invisível. Agora, parece que atingiu outro nível de existência. Esvaziar a mente, se ausentar, virar um ser autômato, esses eram seus novos princípios.

Tinha medo de virar um robô ao mesmo tempo em que se sentia fascinado com o rumo que suas ações tinham tomado. Estava convicto de que realizava uma obra de arte testemunhada por ninguém, obra essa que se

confundia com a banalidade do seu cotidiano: varrer a casa, fazer exercícios físicos, comer uma fruta.

Já não se lembrava há quanto tempo estava longe do trabalho, nem quando tinha entrado nesse mundo esvaziado, mas assim era melhor. Queria apagar os rastros de si, queria ser só mais um objeto entre a televisão e o vaso de flores. Só o essencial deveria restar, inclusive dentro dele.

Debussy tocava com o piano fechado.

Em um dia qualquer de um ano indiferente, ele realizava um movimento desprovido de intenção. Passava o vaso de flores para a mesa da cozinha. Seu projeto de chegar ao mínimo das coisas estava consolidado, mas por algum motivo ele se sentia mal. Não entendia o porquê. É como se tivesse chegado no final de uma viagem, mas não tivesse encontrado nada. Um toque de campainha, contudo, interrompeu o seu raciocínio. Ele abriu a porta.

“Marcelo, meu deus.”

Eles se abraçam.

“Oi, mãe.”

Por que tu não atende o telefone?”

Ele balança os ombros.

“Meu filho... me diz o que tá acontecendo. Fiquei sabendo que você pediu demissão.”

“Sim, já faz algum tempo.”

“E não fala nada para gente? Tu conseguiu outro emprego?”

“Não.”

“Como assim não?”

“Não. Estou vivendo das minhas economias.”

“E até quando dura isso, meu filho?”

“Até quando der.”

“E depois?”

“Eu não sei.”

“Tu nunca foi irreponsável dessa maneira.”

“Eu não tô sendo irresponsável.”

“Como não está?”

“Eu tô realizando algo.”

“O quê?”

“Tu não entenderia.”

“Me explica, por favor, não me deixa apavorada.”

“Eu quero chegar no fundo das coisas.”

“O que você tá falando?”

“Deixa...”

“Eu prometi para o teu pai que faria alguma coisa. Você vai lá para casa.”

“Eu não vou sair daqui.”

“Marcelo, por favor, confia em mim, olha pra ti, tu não tá bem.”

“Me deixa em paz.”

“Vem comigo, vai ser melhor.”

“Não. Eu tô bem aqui. Talvez seja melhor tu ir.”

“Tu tá me expulsando?”

“Não, estou pedindo gentilmente para me deixar em paz.”

Eles se encaram por alguns segundos. Pareceu que ela iria chorar a qualquer momento, mas se virou, abriu a porta e saiu, dizendo que não iria desistir. Ele fechou a porta e voltou para a mesa da sala. Pegou um pano, despejou o produto de limpeza e começou a limpar o vidro da mesa como se nada tivesse acontecido.

Eles querem encontrar a solução lá onde tudo é somente enigma. (Pascal)

Era difícil de admitir, mas ele não se sentia bem. Parecia tão repentino, mas pensou em voltar à sua vida de antes. Procuraria um emprego novo, nem que fosse bem abaixo do que ganhava anteriormente, destruiria sua igreja, seu automatismo e começaria a viver como uma pessoa normal. Depois de determinado tempo o vazio não era mais instigante e apagar a si mesmo parecia flertar com a autodestruição.

Em um dia, teve uma crise. Não conseguia se levantar do sofá. Quando conseguiu, foi até ao espelho e não se reconheceu. Precisava fazer algo. Tomou um banho, vestiu a melhor roupa e foi em busca de um emprego. Conseguiu.

Trabalharia como garçom em um café do bairro. Aos poucos a situação foi se estabilizando. Ele reabriu o quarto e comprou de volta a cama. Um dia a mãe veio almoçar com ele. Um alívio para todos, ele era o Marcelo de antes.

Algumas semanas se passaram, caiu a noite e ele voltava do trabalho. Olhou para os objetos de sua casa: a televisão, o vaso de flores, um porta-retratos, um calendário de parede. Pensou em sua nova rotina e no que tinha se tornado sua vida. Se sentia mal mais uma vez. Não havia saída.

Pegou o livro que lera e relera durante todo esse tempo e guardou de volta na caixa da irmã. Ficou parado por um longo momento, olhando para a brancura da parede. Como um autômato foi até à cozinha. Abriu o forno, ligou o gás e pôs a cabeça dentro. Depois de alguns segundos não sentiu mais nada. Talvez tenha finalmente desaparecido.

A árvore dos suicidas

Girei sem convicção a maçaneta da porta. Apesar do sol quente na rua, a quitinete estava na penumbra a ponto de não ser possível identificar os móveis. Logo que entrei, senti o cheiro azedo. Parecia de suor ou de bebida ácoolica vencida. Pousei no chão o balde cheio de produtos de limpeza, liguei a luz e pude ver. Lá estava a tua cama desarrumada, a escrivaninha com o computador ligado há muitos dias e a mesinha quadrada, onde provavelmente tu fazias as refeições, entulhada de papéis, garrafas, prato de comida sujo, roupas e mais outras coisas que estavam soterradas. Avancei um pouco e entrei no canto azulejado onde ficava a cozinha. Havia muita louça suja espalhada pela pia, garrafas de álcool, uma caixa de leite que cheirei e estava estragada, um fogão tomado por uma crosta de gordura. Me afastei e fui até o banheiro. Era pequeno e com cheiro de mofo. A cortina do chuveiro estava parcialmente rasgada e o vaso sujo com algumas pontas de cigarro boiando. Eu não sabia que tu fumavas. Acho que eu não sabia um monte de coisas de ti. Voltei para peça principal e identifiquei uma mancha que fedia a urina logo na frente da cama. Ao lado, uma planta. Olhei para cima e vi uma viga de madeira com uma parte

meio rachada. Foi aqui. Chequei o relógio e me sentei na cama. Eu tinha algumas horas para limpar a quitinete e entregá-la ao proprietário.

Comecei pelo banheiro. Limpei os ajulejos, tirei os limos no rejunte, limpei o vaso sanitário, dei a descarga algumas vezes. Não podia fazer nada com relação à cortina rasgada. Fui até o gabinete com espelho e joguei todas as coisas que estavam dentro dele fora. Tua escova estava lá. Lembro-me de quando te ensinei a escovar os dentes. Você perguntou: “Mãe, eu tenho que fazer isso pra sempre?”. Eu ri e afirmei com a cabeça.

Em seguida, fui para a cozinha. Achei que seria a peça mais trabalhosa de limpar. Comecei lavando a louça e a pia. Fui juntando as garrafas de bebidas em sacolas plásticas. Joguei todas as embalagens de comida já vencidas fora. No fogão, não sei se o produto de limpeza daria conta. Fui esfregando com uma palha de aço e aos poucos foi saindo. Não imaginava como tu se virava, nunca te vi cozinhando. Mas vendo a quantidade de embalagens vi que tu se alimentava muito de miojo. Fazia 3 anos que tu tinha saído de lá Brusque para morar em Florianópolis e tu continuava a viver de maneira provisória.

Abri a geladeira. Um cheiro material orgânico decomposto tomou conta do ambiente. Algumas verduras e legumes da gaveta já estavam podres, parece há muito tempo. Será que tu cozinhavas legumes junto com o miojo? Ou foi uma tentativa frustrada de largar a comida industrializada e começar a comer de maneira mais saudável? A geladeira deu trabalho. Depois de jogar fora quase tudo e de descongelá-la, limpei suas paredes e fechei a porta.

Fui até a mesinha entulhada de coisas. Peguei um saco preto e fui jogando tudo fora. Cada pedacinho de coisa que dizia algo sobre ti, algo que eu desconhecia e não teria como descobrir agora. Parei por um instante e me deu vontade de desfazer tudo que limpei até o momento. Eu estava te jogando fora. Mas pus a cabeça no lugar e disse para mim mesma que as coisas eram assim, que isso precisava ser feito, e que era só mais uma tarefa que eu tinha que executar, como sempre fiz e sempre vou fazer.

Abri a pequena janela, a única da quinitete, que ficava ao lado do computador. Um quadrado solar se imprimiu no piso do lugar. Aos poucos o cheiro foi melhorando e comecei a limpar o chão. A planta coloquei no criado mudo. Enchi o balde de água e produto de limpeza e passei a esfregar com a vassoura. Fiz desaparecer a mancha de urina. O piso estava encardido, tu nunca deves ter limpado ele. Um reflexo se formou do piso claro junto com a luz que entrava pela pequena janela. A quinitete parecia outra, era como se tu não existisse mais.

A cama era fácil de arrumar. Tirei a roupa de cama, olhei por debaixo dela e arrastei uma mala velha. Pensei em levar os lençóis para casa, quem sabe para ter um pouco do teu cheiro, mas disse para mim mesmo que precisava seguir em frente. Fazia um mês, mas parecia muito mais. Em seguida me dediquei a limpar o criado mudo. Joguei tudo que tinha fora, com exceção da planta, que depois de examiná-la, vi que era um bonsai, essas árvores japonesas em miniatura. Tu sempre foi aficcionado pelas coisas do Japão. Acho que isso

começou na tua adolescência. Não tinha nenhum amigo, então passava as tarde vendo desenho japonês na televisão. Me pedia para comprar bonequinhos, espadas de plástico, fantasias. Tu veio para Florianópolis e tua paixão se manteve. Eu achei que tu já estavas velho demais para isso, mas nunca disse nada para não de aborrecer.

Agora só faltava a escrivantina. Havia muitos papeis. Boa parte deles era do teu curso. Eu nunca soube por que tu tinhas decidido estudar direito. Não era tua cara. E acho que isso se provou mais tarde, quando recebi aquele e-mail anônimo dizendo que tu tinha parado há 2 semestres de frequentar as aulas porque todo mundo no curso te achava esquisito. Essa pessoa que mandou o e-mail deveria ser a única que se preocupava contigo ali, talvez fosse um amigo que nunca vou conhecer. Tu me enganou por mais de um ano. Não devia sair dessa quitinete escura para mais nada. Quando voltava pra Brusque mal falava comigo. Quando decidi tomar uma atitude a respeito tu me fez isso.

Esbarrei no mouse do computador e a tela se acendeu. Não ia dar bola, mas pensei que talvez alguma coisa ali pudesse me dar uma resposta. Tua área de trabalho estava abarrotada de arquivos de texto, vídeo e foto. O teu fundo de tela era de um desenho japonês: uma menina de cabelos castanhos olhando triste para a tela brilhosa de um computador. Fui abrindo aleatoriamente os arquivos e pouca coisa encontrei. Até que esbarrei em uma pasta com nome de *Aokigahara*.

Nela havia algumas fotos e um arquivo de texto. Abri este arquivo e lá havia um texto de três parágrafos que começava assim: Aokigahara se tornou um dos destinos mais populares do mundo para se cometer suicídio.

O texto dizia que essa floresta ficava nos pés do Monte Fuji e que na placa na entrada está escrito: “Sua vida é um presente precioso de seus pais. Pense neles e no resto de sua família. Você não precisa sofrer sozinho”. Em seguida falava que o primeiro suicídio foi de um monge budista que entrou na floresta para se purificar e morreu de fome. Outros monges seguiram o exemplo e assim nasceu um destino para a morte.

Fechei o arquivo de texto e comecei a olhar as fotos dentro da pasta. Em uma delas, vi um crânio ao lado de um tronco de uma árvore. Em outra, uma mochila com pertences deixado por um suicida. Na última, uma foto pregada em um tronco de árvore. Nela, está uma jovem sentada em uma cadeira com seu rosto tomado por uma penumbra. Fechei tudo e me afastei do computador. Sentei-me na cama novamente, sem saber para onde olhar, até que parei os meus olhos no bonsai.

Uma planta tão frágil. O tronco se bifurca em dois e a partir dali crescem vários galinhos. As folhas são arredondadas e de um verde escuro. Muitos galhos estavam secos, é um milagre que não tenha morrido nesse meio tempo.

Me perguntei porque a planta estava ali, bem no lugar onde tu decidiu fazer. Aokigahara passou pela minha cabeça.

Comecei a checar se faltava algo. A quitinete parecia não ser casa de ninguém agora. Fechei a janela, peguei o bonsai e passei a carregá-lo comigo. Fui até a porta e girei a maçaneta mais uma vez. Minha mão ficou parada ali por um instante.

A casa do proprietário ficava ao lado. Toquei a campainha e uma senhora atendeu. Ela me levou até ele, que se aproximou de mim e deu um tapinha nas minhas costas, fazendo uma cara de pena. Por algum motivo isso me irritou, mas cumpri o papel de vítima. Entreguei as chaves para ele, pedi desculpas pelo ocorrido e desejei boa sorte. A senhora insistiu que eu sentasse e tomasse um cafezinho, mas eu só queria sair dali. Acho que eles perceberam meu desconforto e me deixaram ir embora. Deixei os materiais de limpeza de cortesia, mesmo sabendo que eles tinham achado estranho eu não contratar uma faxineira para fazer o serviço.

Saí da ruazinha do conjunto de quitinetes e fui em direção à rua principal do bairro. Era final de ano letivo na universidade, que ficava a poucos metros dali, e por isso havia movimento nas ruas. Eu carregava o bonsai com um pouco de trabalho, pois não queria machucá-lo. Para piorar, o calor do começo da tarde estava forte. Fiquei um pouco tonta mas cheguei ao ponto de ônibus.

Não tardou muito e peguei ônibus para o centro. Me sentei naqueles bancos mais altos, do lado da janela. Eu me sentia estranha, meio mole. De repente, paramos em uma praça onde havia um ponto de ônibus. Olhei para

uma árvore enorme e notei que ela era semelhante à planta que estava no meu colo. Eu segurava o bonsai da melhor maneira que podia e via as folhas tremerem com a trepidação do ônibus. Parecia que ela ia se desfazer ali mesmo. Olhei mais uma vez para a árvore na rua e pensei na minha vida, na tua vida, Felipe, e como tudo parecia falso. Quando me dei conta, já chegávamos ao terminal do centro.

Caminhei no calor em direção à rodoviária. Comprei a passagem para Brusque e não precisei esperar muito. Como não carregava mala comigo entrei rápido no ônibus. O ar condicionado foi um alívio. Busquei pela minha poltrona e me sentei mais uma vez na janela. Encostei a cabeça no vidro da janela e deixei minha cabeça trepidar no ritmo do motor do ônibus. Pus o bonsai no assento ao lado e quando percebi estava com os olhos fechados.

Uma mão balançando meu ombro me despertou desse sono curto. Era um garoto, devia ter uns 20 anos, tua idade. Tinha cabelos curtos e claros e parecia um pouco tenso. Botei o bonsai no meu colo e nos dois evitamos o contato visual. O ônibus partiu.

Depois de 15 minutos de viagem comecei a notar uma inquietação nele. Às vezes ele olhava para mim, mas eu fingia que não via. De repente, ele toca a mão no meu braço.

“Esse bonsai, tenho um muito parecido”, disse o rapaz, inseguro.

“Ah é?”

“Sim, achei até que tu tinha roubado de mim”, riu meio sem graça.

“É do meu filho, estou levando para casa.”

“É bonita a planta... tu mora em Brusque?”

“Sim, minha vida toda.”

“Eu também, bem, na verdade tô morando em Floripa agora porque tô fazendo faculdade, mas todo final de semana eu volto.”

“Sei como é.”

“Teu filho faz isso também?”

“Faz, meio a contragosto, mas faz.”

“Eu não gosto muito da capital não, prefiro voltar pro meu quarto, pra comidinha da minha mãe.”

“Tu tem quantos anos?”

“Vinte um. Será que eu não conheço seu filho? A cidade é uma ervilha, talvez ele tenha estudado comigo.”

“Acho que não.”

“Qual o nome dele?”

“Felipe.”

“Um conheci um Felipe...”

“Não era ele, tenho certeza...”, disse meio ríspida.

“Se tu diz.”

Ficamos em silêncio por alguns minutos. Não conseguia deixar de pensar em ti.

“Qual o seu nome?”, falo tomando a iniciativa.

“Lúcio.”

“O meu é Joana. Tu estuda o quê?”

“Biologia. Por que a pergunta?”

“Por nada, desculpa, não queria parecer intrometida.”

“Não, tudo bem, pode perguntar.”

“Como tá sendo morar em Florianópolis?”

“Não sei, é a primeira vez que moro sozinho. Agora que tô vendo como é difícil manter a casa. Me sinto meio sozinho também.”

“Não tem amigos?”

“Tenho, mas é diferente. Bem, também é bobagem, não vou ficar reclamando por coisa pouca, vida de estudante é assim, meio solitária.”

“É verdade...”

“A senhora faz o que da vida?”

“Senhora tá no céu, meu filho. Eu não sou tão velha assim. Eu tenho uma loja de roupas no centro, talvez tu conheça, fica perto da prefeitura.”

“Tem tanta loja por ali, não sei. Dá pra viver bem?”

“Nunca é fácil, a gente trabalha muito, mas eu fiz isso a minha vida toda. É o que eu gosto.”

“Às vezes fico assustado de pensar que vou ter que trabalhar com a mesma coisa pro resto da vida.”

“É normal, tu vai se acostumar, a gente se resigna.”

“É eu acho que sim...”

A conversa morreu ali. Dentro de alguns minutos nós dois estávamos dormindo. Quando acordamos, já na rodoviária de Brusque, percebi que ele tinha deitado no meu ombro. Dei uma ligeira balançada na cabeça dele e ele desgrudou, se sentindo um pouco constrangido. Nos despedimos e fiquei com a impressão de que não veria Lúcio novamente.

Peguei um táxi e cheguei em casa. Meu braços doiam um pouco de carregar o bonsai. Custei a enfiar a chave na fechadura, parecia estar nervosa, não sei por quê.

A casa estava vazia. Fazia muito tempo que tinha me acostumado a morar sozinha, mas hoje estava esquisito. Fui até uma mesinha de centro e coloquei o bonsai ali. Sem pensar muito, fui até à cozinha e peguei um copo d'água, que despejei na terra. Me sentei no sofá encarando ele por algum tempo. Quando me dei conta, vi que estava chorando.

Tentei conter as lágrimas. Eu nunca choro, me sinto uma fraca quando isso acontece. Lembro que meu pai me batia até eu parar de chorar. Concentrei o meu olhar para uma placa balançando ao vento na rua e aos poucos fui me acalmando. Apesar de não ser noite ainda, me senti cansada e pensei em cochilar um pouco. Me estendi no sofá e em pouco tempo já sonhava.

Sonhei contigo, Felipe. Foi estranho. Estava em um apartamento com teu pai Rogério, que a gente não vê há muito tempo, e a tua avó Joice. Rogério segurava algo pela janela, não sei bem o que, poderia ser um bicho ou uma pessoa suspensa de cabeça para baixo e pelos pés. Rogério tentou puxar a coisa

para dentro do apartamento mas cometeu um deslize. A coisa caiu. De repente, uma comoção se formou no apartamento. Era tu que tinha caído. Rogério desceu rapidamente os 5 andares e falou que ia resgatá-lo. Eu chorava muito, dizia que meu filho tinha morrido. Me aproximei da janela e vi lá debaixo Rogério e tu conversando. Tu tinhas uma mancha roxa enorme na testa. Por um momento me senti aliviada, mas logo acordei e essa foi a pior sensação que tive em semanas, pois por um momento tu estavas vivo e agora eu tinha que lidar de novo com a realidade.

Meio tonta comecei a andar a esmo pela casa. Não sei bem o que eu procurava. Fui à cozinha, mas não tinha fome. O relógio marcava 8 da noite e fui tomada por uma sensação muito ruim. Era como se o presente fosse eterno e vazio. Nada parecia fazer sentido, a vida era gratuita. Para que se matar trabalhando se todo mundo morre? Para que arrumar a casa se todo mundo morre? Por que fazer um filho se ele morre?

Me arrastei em direção ao meu quarto e me deitei na cama. Mas não tinha sono. Minha vontade era desaparecer por um momento. No teu enterro, eu só ouvia os cochichos de que eu não parecia abalada com tua partida. Não chorava e não parecia triste. Eu olhava fixamente para um arranjo de flores depositado logo atrás do teu caixão. Me concentrava nele como se fosse a coisa mais importante da minha vida. Eu só sentia um nada, um estado que pouca gente deve entender e sentir compaixão. Começava a me sentir culpada por não

estar debruçada no teu caixão, por não estar desempenhando o papel que me fora dado.

E o mês inteiro foi assim. Fechei o teu quarto, não fui ao cemitério e voltei a trabalhar como se nada tivesse acontecido. Tua quitinete em Florianópolis era uma lembrança que não saia da minha cabeça. Quando decidi que eu mesmo a limparia imaginei que iria me despedir de ti propriamente. Mas não.

Me levantei da cama e tive um impulso. Abri o teu quarto. Ele estava intocado e parecia que tu poderia entrar nele a qualquer momento. A cama com um lençol com estampa de carros de corrida, o armário com alguns adesivos colados, a coleção de revistas japonesas que tu empilhavas na estante. Me deitei na tua cama e tentei sentir teu cheiro. Fechei os olhos e fui atravessada por uma lembrança.

Lembrei que não te queria. Até o segundo mês de gravidez considerava seriamente em abortar. Segui adiante por insistência do Rogério. Eu pensava na minha loja que estava começando, em como minha vida iria mudar e no fundo eu sentia que não seria uma mãe boa. Mesmo assim tu nasceu e construímos o afeto um pelo outro. Mas sempre tinha esse ruído de fundo. Acho que tu sabias que eu não queria ter engravidado, que no fundo eu não te queria. Não consigo imaginar como esse sentimento deve ter reverberado dentro de ti.

Abri teu armário, tinha poucas roupas ali. Separei uma calça jeans surrada e uma camiseta preta já desbotada, roupas que tu não quis levar para

Florianópolis. Elas estavam com cheiro de guardado. Estendi as roupas em cima da cama e tentei te imaginar nelas. Não consegui. Não tenho mais filho, pensei. Parece óbvio, mas só agora que sinto de verdade isso.

Passei o resto da noite no teu quarto. Não dormi, fiquei olhando pro teto, como tu deve ter feito muitas vezes. Minha mente ficava dando voltas sobre os teus motivos. Acho que não fui uma boa mãe. Uma boa mãe teria evitado isso.

Quando amanheceu fui para sala. Sentada no sofá, fiquei encarando o bonsai por um bom tempo. Em um momento entendi que a planta não poderia ficar ali.

Troquei de roupa e fui para a rua com o bonsai apoiado no meu peito. O cemitério era perto de casa. Cheguei lá, atravessei o portão de ferro e vi que os coveiros estavam sentados nos túmulos rindo de alguma história. Respeitosamente acenaram para mim com a cabeça.

O caminho era um pouco longo e o sol batia forte. O cemitério tinha cheiro de matéria orgânica, as sepulturas estavam na sua maioria mal cuidadas. Entrei por um caminhozinho e fui desviando dos obstáculos até chegar a ti. Fostes enterrado com tua avó, uma lápide de mármore amarronzado que sempre identifiquei com a morte. Me sentei nela e passei a mão pelas letras do teu nome. Apesar de pouco tempo no sol, a pedra já estava quente. Arrastei o bonsai para perto do teu nome e fechei os olhos.

Eu não estou me despedindo de ti, Felipe. Tu vai estar para sempre dentro de mim. Eu só vim te pedir desculpas. Eu deveria ter evitado isso, eu não

te escutei, eu não percebi e agora tu se foi. Eu trouxe o teu bonsai. Eu não podia ficar com ele, encarar ele todo dia. Acho que ele significava algo importante para ti e por isso ele vai morrer aqui, contigo.

Me despedi de ti e me levantei. Parece que algo de mim ficou ali. Os coveiros acenaram mais uma vez. Saí do cemitério, olhei para o relógio e peguei um taxi para a loja. Da janela vi que talvez seria um dia bonito. Tomara que seja.